

869.91  
B5332

## LYRA DE INSTANTES

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

POESIAS

DE

ORMA  
869.91  
B5332  
LYR

ANTONIO CESAR DE BERREDO.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

MARANHÃO.

Typ. do Paiz—Imp. por Manoel de Jesus Cunha.

1878.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

Ao meu muito prezado amigo Dr. Antonio Henriques Leal.

---

Ahi vou finalmente confiar ao prêlo o meu pequeno volume de poesias, e em verdade, meu bom e caro Amigo, não foi com grande serenidade de animo, ou, para explicar-me com mais exactidão ainda, sem uma boa somma de receios e de duvidas que cheguei a tomar semelhante deliberação.

Como será elle recebido no nosso mundo litterario perguntou-me e pergunta-me muitas vezes a consciencia em subresalto; e eu, não podendo ser juiz em causa propria, não soube, e nem sei ainda o que responder-lhe.

Não é que, descrente, supponha, apesar do prosaismo positivo do seculo, menos fervoroso o culto harmonico das musas—não; antes sinto o inverso.

A poesia cadenciosa, emanação espirituosa e sublime do sentimento, nasceo com a humanidade, e con-

tra o que diz o Sr. Pelletan, creio firmemente, que essa dadiua divina, prova mais que evidente das complacencias inexgotaveis da Providencia, tendo a sua origem na propria natureza moral do homem, certamente inalteravel. só com a humanidade morrerá, como os seculos em tamanho lapso de tempo se vão encarregando sempre de demonstrar.

Ella é na ordem das artes o mesmo exactamente que a musica, cuja extincção até hoje, que eu saiba, ninguém se lembrou ainda de vaticinar.

A medida, a cadencia, a harmonia, e a melodia são-lhes sem duvida necessarias e communs a ambas, e uma e outra com magico prestigio, exercem ainda bem, igual influencia sobre a nossa alma, dominando-a muitas vezes até ao entusiasmo e ao pranto, por suas notas sublimes, e portanto irresistiveis.

O verso, pois, que é a poesia por excellencia, ha de ser sempre estimado; mas é preciso entretanto saber-se bem com que condições.

Nem um paiz talvez em todo universo offerece um campo tão vasto ás explorações do poeta, como o nosso joven Brazil. Dotado largamente pela natureza de toda a sorte de bellas topographicas e athmosphericas, e de immensas riquezas mineraes, vegetaes e animaes, para ministrar soberbas e originaes descripções na linguagem mais florida e mimosa, a sua historia, que se occupa de tres differentes raças, avultando-lhe ainda os thesouros, é cheia de factos e acontecimentos singulares, que podem dar por muito tempo materia escolhida a variados e preciosos poemas.



A perseguição atroz, os soffrimentos sem nome, e a destruição começada na conquista, e quasi completa na actualidade, de uma raça infeliz, cujo grande crime era possuir e gosar tranquillamente a mais esplendida, mais amena, e mais rica porção do continente americano, sempre inspirarão compaixão as almas bem formadas, e os motivos com que o conquistador, abusando da superioridade de que dispunha, despojou-a sem dó e sem piedade dos seus bens, da sua patria, da sua felicidade, e até das suas tradições, em que ella fazia consistir todo o seu orgulho, jamais hão de desmerecer a reprovação das almas sensiveis e ornadas do amor sincero da justiça e da equidade, dando logar a mais fecunda inspiração.

Por outro lado a escravidão com seus gemidos, com as suas justas queixas, com as suas alegrias singelas, que fazem apertar o coração, com as suas mallogradas esperanças, e emfim com essa admiravel longanimidade e resignação, que a distinguem entre nós, abre-lhe ainda uma nova senda, em que o estro, percorrendo desimpedido um campo virgem, acha tudo por crear, e em que a lyra bem dedilhada deve sobressahir e brilhar em sympathicas melodias.

O amor de uma ama de leite ao seu menino, de quem se torna uma segunda mãe, a dedicação de um velho aio negro, a fidelidade de um feitor, que sem mira em recompensa alguma se vota todo a interesses que lhe são estranhos, um pagem que se bate até a morte em defesa de seu senhor atacado em um caminho solitario, o quilombola creando-se á custa de



mil riscos e perigos uma patria imaginaria no coração das invias mattas, que assumptos sublimes por ventura nos não fornecem?!...

E tudo isto temos nós em abundancia, já procedendo do facto da escravidão, já porque nas relações do senhor brasileiro com o seu escravo, honra nos seja feita, ha na generalidade mais bondade, do que nunca houve em paiz nem um, em que tenha existido o captiveiro, essa praga lastimavel, que nos legou a imprevidencia de nossos maiores!

Yucama e Rifá, Corema, a Captiva e mãe, a Mucamba, e alguns outros versos deste pequeno livro são ligeiros ensaios feitos em tão fertil terreno: para o futuro indubitavelmente muito dará elle de si.

Bastará porem ter á mão tantos e tão bons materiaes para ser um obreiro notavel? Eis o que por certo se não dirá.

Em poesia é sem duvida de grande importancia o assumpto; mas, apezar disso, seja elle qual fôr, se o não revestir a dicção com o brilho dos seus seductores enfeites e atavios, perde todo valor e interesse.

Sim: as doces harmonias da inspiração e do numero, comquanto correspondão de modo exuberantemente provado, como não se pode negar, a uma necessidade real do espirito humano, que nesta vida de sensações tão variadas, ama tanto saciar-se do bello que lhe lisongeia a imaginação, como apropriar-se do util e o proveitoso, e penetrar ufano nos segredos reconditos da verdade, da justiça e do bem; não tem contudo o character definido de cousa indispensavel,

nem ao menos o cunho, quasi tão valioso, de uma serventia pratica e immediata: portanto, para que sejam bem vindas e acceitas com favor, carecem da maior distincção.

Assim, sendo o primeiro a reconhecer que versos só por muito e muito bons agradão, e não tendo os meos em grande conta, nunca pensei em publical-os; antes e pelo contrario os destinava a finarem-se esquecidos em folhas manuscriptas e avulsas, quasi illegiveis, como erão, no fundo aperreado de uma gaveta.

Como achando-me nestas prudentes disposições, me resolvi entretanto a dal-os á luz da publicidade, tu sabes melhor do que ninguem, pois foste um desses meus intimos amigos, bons juizes na verdade pela competencia, mas que talvez confundindo por uma parcialidade involuntaria, nascida de pura affeição, a estima pessoal, em que se dignão ter-me, com o seu merito poetico, mais insistirão commigo para que desse alvará de soltura áquelles pobres presos, os fizesse vestir limpamente, e os mandasse depois seguir em plena liberdade, como a esta hora me atrevo a fazer.

Sem que para isso marcasse um praso certo e determinado, dei-te palavra de que o faria, e vindo cumpril-a agora, a ti de todo o coração os offereço e dedico no presente livro com o título que lhe vês de —Lyra de Instantes—, nome com que os baptisei por serem elles filhos dos curtos momentos livres, que tenho, absorvido, como ando sempre, no meu exigente mister de agricultor.

Vão destrribuidos sem classificação alguma preme-

ditada, e todos, ou ao menos quasi todos na ordem simplesmente em que os produzi, porque não tendo pelos diversos assumptos, de que tratão, ligação nem uma entre si, não me pareceo necessario dar-lhes diferente disposição.

Acceita, meu charo, com a tua costumada benevolencia a minha mais que modesta offerta, como um signal inequivoco da profunda e sincera amisade que te consagro, e seja-lhe a ella um verdadeiro padrinho na republica das lettras o teu tão conhecido, como brilhante nome.

Syncorá, 3 de março de 1877.

Antonio Cesar de Berredo.



A LIBERDADE.

---

Sem ás claras mostrar o occulto intento,  
Que do peito no intimo se encerra,  
Da luz temendo o brilho fascinante,  
Quem pôde, almo principio, contestar-te ?  
Negar, quem, teu prestigio soberano,  
Mais essa força indomita, invencivel,  
Que as nações levantou do vil oprobrio ? !  
Debalde encarcerou-te a prepotencia,  
Que a sã philosophia indagadora,  
Quebrado o ferreo jugo, achar-te soube !  
Em vão quiz denegrir-te; o véo de trevas  
Rasgou-se, que tollia cavilloso  
Ver-te ineffavel dom cabendo aos homens  
Em quinhões semelhantes repartido,  
Fecundo, social e necessario,  
E tu resplandeceste ! Uma anciedade  
Não és por certo, não, da mente enferma !

E o coração por isso te estremece,  
E entusiasta te sustenta a idéa,  
Que alcança até na essencia contemplar-te,  
E nos brios que inspiras se edifica ! . . .  
Bemdicto o que primeiro ao pensamento  
Abrio livre carreira corajoso;  
Ao que disse—conhece-te a ti mesmo—  
Eterna seja a merecida gloria ! . . .  
Como a aguia pelos ares se abalança  
Veloz nas longas azas confiando,  
E parece querer no vôo ingente  
Aos vedados confins chegar do espaço,  
Assim nossa alma arroja-se ao passado;  
Do ardor de inquerir estimulada,  
Uma por uma revolvendo as epochas  
Dos tempos que perder-se vão sumidos  
Na escuridão das primitivas éras !  
Os caminhos franqueia-lhe a vontade !  
A fé no bem lhe regenera as forças  
Da injustiça em presença quebrantadas  
Às vezes pela dôr, e avante segue !  
E porque mais segura o intento logre  
Leva n'um punho a historia que a orienta,  
No outro da natureza as leis sagradas,  
Que consulta e medita a cada instante  
Nas crenças do porvir se enriquecendo ! . . .  
Si o mineiro que explora o fertil seio  
Da terra productora prata e ouro  
E brilhantes recolhe desejados:  
Sedas o mercador e lindas joias,

Trophéos pretendo heróe sulcando os mares  
Sequioso de fama, ella em verdades  
De mais valor que os louros, que a opulencia,  
A solução nos dá de mil problemas,  
Quando no pensamento esclarecida  
Dessas immensas escursões se volve  
Radiante com a luz dos seos segredos.  
A cada vinda interrogada; a minha  
Ora me expõe da criação a marcha  
Gradual, previdente, portentosa,  
No plano do Senhor Omnipotente:  
Ora dos mundos em geral me falla,  
Dos seres um a um, dos seus destinos,  
E do homem por fim na yerarchia  
Das classes, já tão nobres pela vida,  
O mais nobre de todos os viventes.  
Sobre tão alto assumpto discorrendo.  
Oh! com quanto prazer ouço os oraculos  
Da liberdade em pròl annunciados,  
Que hão de um dia marcar-lhe a acção legitima,  
E eterno e santo definil-a o laço  
D'ordem, de amor, de paz e de grandeza  
Na humanidade inteira harmonisada!  
E' ahí que esperanças bebo á larga  
De uma idade feliz devida ao mundo,  
Que lenta vem, mas avançando sempre,  
Como o sol do horisonte ao seu zenith:  
E' ahí que de crenças me sacio  
Para exclamar convicto á Patria minha:—  
—Não aspira indiscreta a uma chimera



Um pretexto a cruezas execrandas;  
O vermelho bonet, que nada exprime;  
Um nome venerando, que disfarce  
A paixão de mandar infrene e louca,  
E á sombra sua imponha-se a vontade !  
Venha d'onde vier o duro arbitrio,  
Arbitrio é sempre, e o livre sentimento  
De filho seu com horror lhe nega as honras!!...

SI TE AMO ?

---

Sem dó do mal que me fazes,  
Inda perguntas, ingrato,  
Si acaso te tenho amor ?  
Attende a meu triste rosto,  
Vê, como está decomposto,  
Vê, como o definha a dôr ! . . .

Tu sabes, que não disfarço,  
Não minto, nem sei fingir—  
Olha, e lerás facilmente  
Na pallidez que o descora,  
Nos prantos de toda a hora,  
Por ti meu peito o que sente.

Bem amado, duvidoso,  
De pensamento inconstante,

Por quem vivo a suspirar,  
Crê no que dizem meos olhos,  
Do zelo evita os escolhos,  
Que levão a sossobrar.

N'aquelle beijo, o primeiro,  
Que pediste, e que te dei,  
Inteira foi-se minh'alma:  
Terei por paga o delirio,  
Nascido deste martyrio,  
De que me offereces a palma ? ! . . .

Si as provas tão repetidas  
Do meu singular affecto  
Te não convencem, responde;  
Outras maiores, mais fortes,  
De mais subidos transportes,  
Aonde encontrar, aonde ? !

A flôr não ama o rocio,  
Que cãe á noite no valle  
Por um limpido luar ?  
Não ama a luz a phalena,  
Que vem alegre e sem pena  
Na chamma as azas queimar ?

O vegetal perfumoso  
Perde seu brilho n'ausencia  
Do orvalho que o faz sorrir;  
Adeja o insecto amante





Para o fóco scintillante,  
Fatal, onde vai cahir !

Eu sou, como a flor sedenta,  
Como a phalena; o rocio  
No amor procurei sorrindo,  
E a luz no amor; mas o lume  
Ai! só achei do ciúme,  
Em que me vou consumindo !



A EXM.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. EFIGENIA ELISA BOLDTS.

---

Chegada ao apogeo de viço e galas  
Das quinze primaveras,  
Folgo contente de encontrar-te o alvo,  
Onde quer que appareças,  
Mimosa de attentões, ó bella virgem,  
E adorações, quem sabe?  
De quantos te conhecem!  
Tu assim realizas mais que muito  
A previsão do vate,  
Que vendo-te crescer, extasiado  
De tão sublimes, primorosos dotes,  
Sonhava com o presente,  
E te saúda agora, como o sabio,  
Que na esphera surgir visse um'estrella  
Por elle annunciada.  
Oh! não supponhas, não, que por lisonja

Te canto um hymno que não sae do peito:  
D'alma vem-me a expressão sincera e pura,  
E a mão na docil lyra  
Sinto espontanea percorrer as cordas,  
E a voz seguir-lhe o movimento facil;  
Do bello e da verdade o amor m'inspira.  
Nem sou eu só, donzella,  
A aplaudir-te os encantos superiores.  
Susurro approvador á larga escuto  
Do teu subido merito.  
E... crê-me: o proprio vulgo não se engana,  
Quando julga dos anjos sobre a terra.  
Si o singelo pastor transpondo um monte,  
Sem notar o valor, talvez sem preço,  
Da linda e rica pedra,  
Com fria indiferença  
Pelo fino brilhante avante passa,  
Que vidro lhe figura;  
Si alheio assim ainda aos dons de Flora  
Em ameno jardim desdenha a rosa,  
Mimo da natureza, o cego ignaro,  
De Deus a obra esmerada não escapa  
Á vista universal, que se lhe prende  
Em forçosa homenagem!  
Tambem a gemma, embora preciosa,  
Apenas a vaidade lisongêa;  
A rosa com o fulgor o olhar affaga,  
E os ares embalsama.  
A virgem não, a virgem falla ao peito,  
Penetra o coração com os olhos bellos.



E tudo a si submette !  
Mas ai ! não lhe é sem risco o doce imperio,  
Porque enquanto avassalla, muitas vezes,  
Em vez de dominar, do solio desce,  
E o sceptro e a corôa generosa entrega,  
Na escolha infelizmente se illudindo !

E assim, ao contemplar-te  
Tão formosa, tão candida e tão meiga,  
Dos seios d'alma rompe-me este voto,  
Esta supplica ao céu: —

Si a pedra tem Reis que a prezem,  
E si as flores Constantin, \*  
Caiba na terra á Donzella  
O antiste que lhe convêm,

Deus te depare um poeta  
De sublimada razão,  
De um espirito elevado,  
E d'alma e de coração.

Para o mundo a virgem linda,  
Cheia de encanto e pudor,  
Viçosa, engraçada e pura,  
É um idolo de amor.

---

\* Florista portuguez, que se tornou celebre em Paris.

Mas o vate illuminado,  
Do bello assiduo cultor,  
Vai além, e adora nella  
Um archanjo do Senhor.



## A ROSA E A VIRGEM.

---

O alvo acaso de um culto  
Não és na contemplação  
Dos que applaudem teus encantos  
De tamanha perfeição?

Porque admiras oh! Virgem,  
Que assim me sinta enlevado,  
Pobre mortal em presença  
De um anjo á terra enviado?!

Oh! porque, si entre as estrellas,  
Que brillão no firmamento,  
Nem uma tem os fulgores  
Dos olhos teus um momento?!

Donzella dos olhos negros,  
De dôce expressão sincera,



Si és mais formosa que as flores  
Sorrindo na primavera ?!

Si nesse imperio sublime,  
Que adornão mil maravilhas,  
Da natureza amorosa  
Talvez predilectas filhas,

Por mais que investigue a ideia,  
Não te vejo uma rival  
Dos jardins, nem nas captivas,  
Nem nas princezas do val ?!

São bellas as que conheço  
Por tantos mimos que têm,  
Aromas sobraão-lhe e côres  
E lindas formas tambem:

E a rosa por sobre todas,  
Como rainha se ostenta,  
E a purpura fal-a vaidosa,  
Que a vista avassalla e tenta.

Mas vês entretanto ao claro  
Do meu sentir a lhaneza,  
Dos versos meus a verdade,  
Do teu semblante a belleza

A flor que inspira o poeta,  
Que representa o pudor,

Que tantos votos concentra,  
Que falla em nome d'amor,

Á teus cabellos atada  
Vio-se perdida, enfiou;  
Pendeo-lhe a face orgulhosa  
E em desalento murchou!



## AMOR CONJUGAL.

---

Esse sagrado fogo, que ateado  
Na prisca Roma em holocausto santo  
As formosas vestaes alimentavão,  
Para jámais nos templos extinguir-se,  
De amor era talvez o emblema duplo  
A gratidão dos homens exprimindo !  
Era o pendor eterno á divindade,  
E a prisão indicava, que nos liga  
Em laço estreito, forte, indissolúvel,  
Á mulher adorada sobre a terra !  
De destruir no seu mister constante  
Poder não tem do tempo a mão gelada  
Contra um affecto, que enflorece a vida,  
Quando vero e sem mancha se irradia !  
Ah ! quem sentio-lhe uma só vez o encanto,  
Que tentasse fugir a seu dominio ? !  
Quem nunca espedaçou-lhe indifferente



Da adorada cadeia os êlos brandos ? !  
Dos annos apezar que já se forão,  
Dôce amiga, em querer-te consumidos,  
Quando em prazer suave te contemplo  
Nossos instantes todos revolvendo,  
No afan da devoção inda orgulhosa,  
Como o vapor no espaço accumulado,  
Que nos ares subindo se condensa,  
Em cristaes se transforma relusentes  
E o chão de lindas perolas alastra;  
Como o lago na enchente se derrama  
Nos valles em torrente caudalosa;  
Como do incendio se levanta a chamma,  
Minh'alma de alegria transbordando,  
Em vivas effusões quer expandir-se,  
Meu peito se dilata à seu impulso,  
E de si mesmo um sonoro canto,  
Hymno votado ao ser, que o bem dispensa,  
Por elle e só por mim ouvido às vezes  
Procede-me dos labios, que se arroubão  
Das notas na doçura repassados !...  
A escutar-me, porem, porque te mostras  
Entre risonha, grave, embora amavel,  
Quando descubro viva e inteira chamma,  
Que mimosa a existencia me figura ?  
O sorriso que paira em teu semblante  
É de duvida indicio, ou tu me aplaudes ? !  
Oh ! não, não acredito que vacilles  
Da fê no sentimento acrisolado  
Um momento sequer—por mim conheço.

O coração, querida, é como a sarça,  
Em que Deus revelou-se no deserto;  
É como o amianto, onde escondia  
Avara carinhosa, e dedicada  
A primitiva idade os seus thesouros:  
Ao calor da afeição não se consome,  
Arde sem reduzir-se a leve cinza  
E a emmudecer acaso antes da morte,  
Por certo tem que o misero, coitado!  
Credor de compaixão por seu destino,  
Nunca o melhor provou dos sentimentos!  
Oh! si o amante funda os seus extremos  
N'ama voz que lhe falla de venturas  
E com simples protestos se contenta  
Para um eden crear-se afortunado,  
O esposo, que mil provas de constancia  
Conta feliz em seu passado todo  
Não pode, não, ficar inerte e frio  
Do almo ambiente que o circunda em meio  
Com razões que renascem cada dia!  
Porque não hei de amar-te como outr'ora?!  
Esquecer-te porque? Si a formosura  
Perdendo da viçosa primavera,  
Pelas bellezas d'alma conquistaste  
Encantos divinaes que não fallecem?!  
Ah! não perdura igual a paixão fervida,  
Manter-lhe quem podera a intensidade?!  
Mas do seio divino uma centelha,  
Não esquecendo nunca a origem sua,  
Tambem não degenera esmorecida!...

Por esse movimento do universo,  
Que em tamanha harmonia nos enleia  
No céu, na terra, no ar continuamente,  
Desde a pedra que adhiere ao solo ingrato,  
Até ás forças intimas do espirito,  
Inteira a natureza se transforma,  
Porem jámais se altera em seu principio !  
Assim é que se segue á flor o fructo;  
Succede assim ao sol que abraza e queima  
Da lua a claridade em céu sereno !  
E eis ahí porque amor na aurora é fogo,  
É luz brilhante na manhã da vida,  
E ao depois é balsamico perfume,  
Que na paz de invejavel confiança  
Em placidez do coração se exhala !  
Da existencia a viagem perigosa,  
Por entre tanto escolho atravessando  
Desde o nascente seu á seu ocaso,  
Nem sempre em mar de rosas se descreve:  
Mas tu bem vês, meu iris de bonança,  
Que da onda e do vento sem temer-nos,  
E apezar das mudanças successivas,  
Somos chegados quasi a seu limite,  
Como si em rio de floridas margens  
Nosso batel seguro deslissasse !  
Do escolhido roteiro, duvidoso,  
Todos os grãos da escala navegando,  
Jámais a indecisão peiou meus braços;  
Nossa dôce união me dava o alento;  
Amor foi-nos a agulha salvadôra,  
Tu a estrella polar que me guiaste.



## COREMA

AO CAHIR DA TARDE...

---

Eis a hora se aproxima,  
Não te apresses coração,  
Ha de chegar o momento  
De dar-te plena expansão!  
Palpitarás á vontade  
Na tua alegria então.

E embora rebente o raio  
Nas profundezas do céu,  
O vento em vão despedace  
D'invernosa noite o véo,  
Não, perante a amada minha  
Não serei, faltando, um réo.

Nem a raiva temerosa  
Da natureza em furor,  
Nem o triste sentimento  
De que pertença a um senhor,  
Nem das trevas o perigo  
Pode dar-me outro pendor.

Quando a brisa perfumada  
Os sons nas azas subtis  
Trouxer do tambor fremente,  
Que tão bellas cousas diz,  
Ao seu encontro voemos  
N'aquelle rumo feliz !

Vem ardente o mensageiro,  
Que o doce somno afugenta,  
E a illudir a vigilancia  
Do amo ao captivo tenta:  
Á sua voz meu desejo,  
Minha coragem se augmenta.

A distancia que m'importa,  
Que m'importa o captiveiro ?!  
Tenho musculos de ferro,  
Sangue frio sobranceiro,  
Em presteza, ah ! quem me vence,  
Quem é melhor novelleiro ?!

Áquelles que me constangem,  
Á hora do despertar,

Posso ser presente sempre  
Mal o sino resoar,  
Cada noite a minha amada  
Não deixando de abraçar.

Para enganar de mil modos  
A sua atenção tenaz  
Tecer engenhosas teias  
Oh! por certo que me apraz!  
Zombo assim dos meus tyrannos,  
Não perdendo a doce paz.

Mas, si fôr preciso ainda  
Por amal-a delinquir,  
Da prepotencia ao imperio  
Em desatino fugir,  
Sei affrontar a desgraça  
Sem ao menos me carpir.

Nada mais fazer o negro  
Póde oppresso e desvalido,  
À alheia vontade preso,  
Da cobiça perseguido,  
Contra quem o céu e a terra  
Seus esforços tem unido!

Ah! si o pudesse, faria,  
Tanto te devo, querida!  
Tu fôras livre e ditosa,  
Rica, adorada e servida;

De flores te ornára olentes  
A estrada inteira da vida.

Araúna do meu prado,  
Que com teu canto m'encantas,  
Que com amor e caricias  
Minhas tristezas espantas,  
Que a esperança decahida  
No meu animo levantas.

Oh ! teu nome tão mimoso  
Quando a vez primeira ouvi,  
Que bem vinda me serias  
Por instincto presenti;  
E bem vinda me tens sido  
Tal como então te previ.

Dos sentimentos humanos  
Só a inveja conhecia;  
A amar contigo aprendendo,  
Que apenas aborrecia;  
Dei á vida outros caminhos  
Apezar do que soffria.

É do fogo dos teus olhos,  
Que se alimenta minh'alma,  
É o riso dos teus labios,  
Que as minhas dorés acalma;  
Por ti do proprio martyrio  
Tomarei contente a palma.



## O DANTE.

---

Marcha vendada por sombrios dedalos,  
Como sem rumo a náu talhando os mares  
Entre as aguas e o céu desatinada,  
Si em tudo penetrar pretende a mente,  
Os limites transpondo do possivel.  
Iguaes os homens são pela materia,  
Pelo espirito iguaes que os rege e guia  
Para a estrella polar do seu destino;  
Na partilha, porem, dos dons que o peito  
A cada qual ingenitos adornão,  
Todos não têm os mesmos sentimentos,  
Como não têm tambem as mesmas vistas  
Da vida nos caminhos differentes !  
Porque a ordem comtudo ali preside,  
Baldado fôra perscrutar nas trevas;  
Os mysterios impõem-se, não se explicão,

E a razão que os medita, apenas pasma!...  
Diversas propensões, paixões diversas,  
Que a vontade nem sempre domar pôde,  
Os actos seus discordes determinão.  
Tudo se move activamente, o odio,  
A vingança proterva, o amor da gloria,  
A piedade, a caridade, o medo,  
A inquieta ambição, ciume, inveja,  
E o seu imperio nos mortaes exerce!  
Deixar-se dominar do que degrada,  
Seja embora de agrados embebido,  
É a fraqueza e constitue um vicio:  
Dos máus instinctos resistir á força,  
Arcar com elles em lucta a cada instante,  
No combate vencel-os denodado,  
E aos bons alegre dar-se, eis a virtude.  
É nessa escala de degraus sem numero  
Do mal, do bem ondulação perpetua,  
Que o puro amor, que a devoção conseguem  
Sublimes aspirar a etherea chamma,  
Que ennobrece os destinos elevados.  
Ahi o fogo está sagrado e santo  
Em que a soffrer o genio se acrisola!...  
Tu, poeta infeliz, o testeficas,  
Suave Dante;—Beatriz e a Patria,  
Como a flor, que esmagada, o seu perfume  
Mais precioso no martyrio exhala,  
Teu coração sensivel lacerando,  
Fizerão-te soltar eternos cantos  
Ao som dessa harpa nova e harmoniosa,

Para cantar o céu, cantar a terra,  
E inda cantar o inferno aparelhada!  
Meu peito se dilata contemplando  
De tua alma a grandeza no infortunio;  
De teu affecto a intensidade e a força!...  
Do seculo teu juiz perante os évos,  
Magestoso no vulto que assumiste,  
Pasmão de ver-te as gerações tamanho!...  
Si á penas condemnaste, recompensas  
Tambem soubeste dar, e as deste justas!...  
Nesse afan era fácil saciar-te  
Da vingança no calix repulsivo;  
Porem o duplo exiliô e a saudade  
Da mulher, do paiz, contigo ingratos,  
Que devião doer-te fundamente,  
De fel amargo não poderão nunca  
Uma só vez sequer manchar teus labios  
Em maldições sobre elles derramadas,  
Nem perturbar seu culto permanente!  
Gemma, o anjo que em vão amar tentaste,  
A dôce Gemma, em balde te adorava,  
Disputando o logar á sombra amada:  
Debalde o mundo amigo te acolhia:  
Proscripto em toda parte, e o mesmo sempre,  
De logar em logar errando, a imagem  
Só de Florença, só da virgem vias!  
E seu antiste, em oblação lhe ergueste  
Na divina comedia esse holocausto,  
Em que se ião teus dias consumindo!...  
Ai! quando o concluiste, o longo alento,



Já dos pezares tão enfraquecido,  
Como não te pezava emfim sem norte?  
Estoico não sou, nem posso ao menos  
Desses viventes, impassiveis marmores,  
Que não sabem sentir por si, por outrem,  
A constancia louvar, que me repugna!  
Lendo a historia infeliz das magoas tuas,  
De lagrimas meus olhos se arrasarão  
E da mais triste pagina, indelevel,  
Qual si presente eu fosse á escripta scena,  
A memoria ficou-me! Um dia inteiro  
Tinhas passado a meditar no templo!  
E quasi noite meditando ainda,  
Da inerte pertinacia admirado,  
Immovel, mudo, o zelador te achára,  
Quando vinha cerrar-lhe as largas portas!  
Que pretendes, Senhor? Elle inquerio-te,  
E então como arrancado ao mundo estranho,  
Áquelles sons de certo inesperados,  
Com tal voz que em gemidos terminava,—  
A paz, amigo, a paz, lhe respondeste!...  
Ella veio por fim, nem tardou muito,  
Era a paz do sepulchro que almejavas!  
A paz de quem perdeu toda a esperança,  
E depozeste o fardo da existencia!...  
A patria agora te recorda ufana,  
E o mundo a inveja; mas, si venturoso  
És acaso de tanta angustia em paga,  
Na morada final, que a crença ensina,  
Força é crer, que Beatriz já lá tocada,



Qual Florença aqui foi por tanto extremo,  
Teus caminhos de flores semeára,  
Em oleo perfumou-te a basta coma,  
E risonha guiou-te á entrada ovante  
Dessas zonas felizes que sonhaste !!



## A ROLA.

---

Meiga pombinha formosa,  
Melindrosa,  
Dos bosques dôce primôr,  
Porque estás abi mesquinha,  
Tão sosinha,  
Sem o teu lindo amador?

É por ventura o azedume  
Do ciúme,  
Que até as aves maltrata,  
Quem o amado teu ausenta,  
Desalenta,  
E para longe arreбата?

Ou'inda mais grave o damno,  
Desengano  
Tiveste negro e fatal

Da duração dessa vida,  
Tão unida,  
Como nem uma outra igual ? !

Hontem estavas de contente  
Loucamente  
Com elle junto a brincar;  
Vejo-te agora, coitada !  
Desolada  
Nessa romeira a cantar !

E, antes choro, que canto,  
Triste pranto,  
Me figuras modulando  
Em gemidos dolorosos,  
Lastimosos,  
Que o peito me vão rasgando !

Pobre rôla, porque choras ?  
Que deploras ?  
Acaso tirou-te a sorte  
O teu solícito espôso  
Tão formoso,  
Tão amante da consorte ? !

Si é esse o mal que te rala,  
Não te calla,  
Que meu peito sympathisa  
Com a dôr que tu'alma sente;  
Tristemente  
Nossa vida se deslisa !

Tambem a dita sorriu-me,  
E feriu-me  
Depois a cruel desgraça;  
E agora a desventura  
Tanto dura,  
Como a dita foi escassa.

Eu amava uma donzella  
Pura e bella,  
Tal como nunca mais vi,  
A morte veio e roubou-m'a,  
E levou-m'a,  
E para sempre a perdi!

Oh! desde então a amargura  
Me tortura,  
E de saudades ralado  
Vejo sempre o meu futuro  
Tão escuro,  
Qual o presente e passado!

Pobre avesinha magoada,  
Desgraçada,  
Que choras por teu amor,  
Chora triste, maviosa,  
Desditosa,  
Que o pranto mitiga a dôr.



UMA LAGRIMA DE AMIGO

SOBRE A CAMPA DO CORONEL SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA DE  
CASTRO SOBRINHO.

---

Alma de Orestes na amisade extreme,  
Prestante cidadão, esposo amante,  
Apagou-se o pharol que te animava,  
Cobriu-te a terra fria do sepulchro  
    Para não mais surgires,  
Senão nas regiões das vagas sombras,  
Onde o mundo não vê dos seus a imagem  
    Nos campos d'alem tumulo !

Sentindo palpitar á sons redobres  
Franco e leal o coração sensível,  
Não mais hão de abraçar-te os que te amavão !

Tinhas na mente por pharol a honra,

No peito o affecto santo da familia,  
 Na vista o paraizo da esperanza,  
 E a fé cegou-te, amigo...

Desfarçado nos trajos da fortuna,  
 Nos labios com o sorriso, e o veneno  
 Fatal por entre flores espalhado,  
 Chamava-te o destino fermentido,  
 Mil douradas promessas  
 Por teu caminho arteiro derramando;  
 Propunha sacrificios: mas em troca

Era o triumpho a te acenar com a palma  
 Formosa e verdejante:  
 Era a alegria a retomar risonha  
 No lar querido o costumado assento;  
 Era a ventura a pullular tremente  
 No seio generoso;  
 E intrepido ao reclamo respondeste !

Sobre o teu bordo o vendaval cahira,  
 E em meio da tormenta enraivecida  
 Quem o porto não visa hospitaleiro  
 O santelmo lusente abençoando ? !  
 Quem não cedera á seducções tão fortes ? !

Tu sabias lutar !  
 De animo firme, de tenção indomita,  
 Que nunca mareára o desalento,  
 Foi-te a existencia arena gloriosa:

Não duvidavas da victoria, e a morte  
Aspiraste no afan da honrosa lide !

Tudo perece, a planta, o bruto, o homem,  
Por lei da propria creação congenita.  
Ah ! que tinha o morrer ? ! O que é a vida  
Senão a estrada universal, ignota,  
Extensa, ou breve, a percorrer n'um passo,  
Florida ou espinhosa em linha recta  
Do berço á muda campa,  
Alem da qual se alonga a eternidade ? !  
Mas foste sem a obra consumir-se  
Do teu sonho incessante,  
E o calix transbordou de fel amargo  
Em presença da esposa estremecida !  
Não devias morrer, assim, tão cedo !

Traspassado das sarças o limite,  
Assás te conheci para julgar-te:  
Fôra-te o passamento uma saudade  
Viva, serena a se esvair sem queixa  
No alento derradeiro.

Depois dos dissabores dolorosos,  
Qual devias sentir no triste exilio,  
Voando á nossa terra  
Ledo por entre emboras festejado,  
Si ao teu voto chegar emfim podesses,  
Ver-te contava no torrão da patria  
Em porvir não remoto.



A esperança falhou; mas sabe ao menos,  
Si lá nessa existencia se consente  
Volver á terra os olhos, que teu nome,  
Apezar da distancia,  
Não resvalou no olvido embebido  
Em fria indiferença:  
Que unguido de affeição t'ó pronunção,  
E que a tua memoria os teus amigos  
Guardão no coração, como um thesouro.





## ENTRE SAUDADES.

EM DESPEDIDA.

Á meu filho I. H. B.

Ao pai com a prole, quando Deus concede  
Esse ineffavel, soberano dom,  
Impõe deveres de um rigor immenso  
E, mas é justo, providente e bom.

Si debil crea o successor futuro  
Da vigorosa geração que passa,  
Válido apoio assim lhe dá na vida  
Fragil, mas rica de attractivo e graça.

E inda apurando os paternaes affectos  
Não foi debalde que lhe poz no peito  
Entre as mais fortes propensões e instinctos  
Do sacrificio o singular preceito !

Com os elementos que esperanças fundão  
Nos bons anjinhos que sorrir só sabem,  
Cumpre-lhe attento perennaes desvelos,  
Que as altas vistas do Senhor acabem.

Os tão mimosos, pequeninos entes,  
Que vêm ao mundo sem um facto seu,  
São-lhe um thezouro a enriquecer offerto,  
Que ha de algum dia reclamar o céo.

Cultura ao corpo cuidadoso deve,  
A alma entretanto jus mais nobre tem:  
O corpo é a lampada que illumina o templo,  
E a alma o oleo que a luz entretem.

Guiiei teus passos té agora, filho,  
E a pura essencia cultivei constante;  
Oh! mas si os gomens, que plantei-lhe, vingão,  
A natureza me ajudou bastante!

Hoje um mancebo vais entrar na arena,  
Em que as procellas se succedem promptas,  
Aonde o vicio tem as vezes corôas,  
E oppressa a honra presta duras contas.

Ali se embatem mil paixões discordes.  
Loucas, frementes em renhida lucta;  
Qual fere e mata de viseira alçada,  
Qual envenena peçonhenta e astuta!

Ah! n'essas ondas não querendo ver-te

Sem uma bussola que te orientasse,  
Dei-t'a embebida na affeição paterna,  
Leva-a e teu rumo terás sempre em face:

Não te contemples no correr da vida;  
É curta a vista que de si não sahe:  
O odio desterra do teu peito nobre,  
Encara a gloria e sobranceiro vae.

E o que fizeres será justo e grande,  
Si amor tomares por suprema lei;  
Ama com ardor e adoração o Eterno;  
Ama a da patria e toda a humana grei.

Amor é o germen das virtudes todas,  
É a flor da alma que perfume exhala,  
A voz do archanjo que a materia esquece,  
E só ao espirito se dirige e falla.

Os sons escuta, segue-lhe os dictames,  
Regeita os gosos que não forem puros;  
Si for preciso sacrifica impavido  
Da terra os mimos pelos dons futuros.

O corpo morre, vai além o espirito,  
E vive eterno na mansão do bem,  
E deixa ao mundo, perpassando ovante,  
Grata memoria si virtudes tem.

À MEMORIA DO INSIGNE POETA ANTONIO GONÇALVES DIAS.

---

Quando uma nobre ideia, um pensamento,  
Justo, fecundo, e ao mesmo tempo santo,  
Entre as ondas de um povo entusiasta,  
Para exaltar-te o nome hoje reune  
Do Maranhão a flôr nas ordens todas,  
Longe embora da scena grandiosa  
Ser não pôde meu peito indifferente,  
E apezar da distancia activa parte  
Tomo, oh! Dias, em ledo e puro jubilo  
Da memoria immortal na honrosa festa.  
Minh'alma exulta imaginando a pompa,  
Com que o presente ás gerações futuras  
Envia-te a lembrança affectuosa,  
A inicial do marmore e do bronze  
Que a eternizar-te o vulto se destina,  
Como os teos lindos versos eternizão-te  
A voz, a inspiração e o sentimento.



E a propria lyra que em silencio triste,  
Por estranhos cuidados muitas vezes  
Pende esquecida da mangueira a um ramo,  
Do eólo patrio agora bafejada,  
Estremecendo as cordas, me convida  
Uma offrenda a depôr no templo augusto.  
Digno, porém, de ti que canto accaso  
Posso entoar que grato te pareça  
Nas regiões ao genio destinadas? !  
Cysne do valle-ameno, ah! quem me dêsse  
As tuas azas nitidas, pujantes  
Para soltar galhardo um vôo altivo,  
Que chamasse a attenção por longas eras!  
Oh! quem me dera um estro omnipotente!  
Si escutado nest'hora o meu desejo,  
O poder ao querer igual me fosse,  
Á profusão total meu peito unindo  
Em carmes de um encanto inexhaurivel,  
Suaves, como as auras matutinas,  
Tristes, como a saudade enternecida,  
Que partindo do mundo nos deixaste,  
E no entanto brilhantes qual no estio  
Do nosso sol a luz resplandecente,  
Das tuas mesmas flôres, apanhadas  
Aqui, ali, no teu jardim mimoso,  
Uma formosa corôa entretecera,  
Que o teu martyrio e gloria recordasse! . . .  
Da côrte que te cerca pressurosa  
Nessa ovação ardente a proclamar-te,  
Espontanea e sincera, um benemerito,

O animado sussurro ouvindo attonitos,  
De interno, frio gèlo repassados  
Perguntaráõ, quem sabe? os que não sentem  
Da magica poesia o dôce enlevo:  
Em tão curta viagem esvoaçando  
Que fez o rouxinol americano  
Para attrahir, que fez, tamanho affecto?!  
O que fez?! Eu direi:—Cantou! Seu fado  
Era cantar até perder o alento!...  
E cantou, como o anjo nas alturas,  
Da harpa divina acompanhando as vozes:  
Bemdisse da virtude; a palinodia  
Proferio contra o vicio despresivel;  
As dores adoçou com sons sublimes,  
E alegrias creou tambem com elles!  
Si a ventura real do bem procede,  
Quem mais que o vate amor e sympathia,  
E gratidão merece sobre a terra?!  
O eleito do céu, por um mysterio  
Não é seu, não; pertence á mão que o rege,  
Que a inspiração nos labios lhe derrama,  
Que na vontade a devoção lhe acende!  
Da humanidade a marcha é uma epopéa  
Pelo punho de Deus em leis escripta  
Com caracteres vivos, indeleveis,  
Do coração nas fibras melindrosas,  
E na essencia subtil, que não perece;  
Tão vasta, como o mundo em que se passa,  
Tão bella, como a origem d'onde emana,  
Começou com a existencia do Universo,

E ha de acabar . . . Quem pôde achar o termo  
E o limite assignar do indefinido ? !  
Com as baixas turbas, que não têm um nome,  
Varões ahi notaveis apparecem,  
E da obra immensa o pessoal completão !  
O rei segue orgulhoso o seu destino,  
A si quanto conhece referindo !  
O guerreiro o poder da força exerce,  
Com os triumphos se apraz apregoados,  
Que em sangue a seos irmãos nadar obrigão,  
E de espolio e conquistas se enriquece !  
D'ouro seu cofre o explorador repleta,  
E nos prazeres ao depois se embebe,  
Como em liquido a esponja a saciar-se,  
Os póros todos repassando anciosa !  
Até o folião que nada occupa,  
Que corre inutil procurando gosos,  
Lucra da vida que ao sabôr lhe volve ! . . .  
Mas ao triste poeta em seu proveito  
No geral movimento o que pertence ? ! . . .  
Ao fanatismo apenas escapando,  
Porque audaz a verdade proclamava,  
Orpheo instrue a Grecia: e acaba misero  
Em mãos que só amor reger devêra !  
Vem ao depois Homero memoral-a,  
Que cego esmola o pão de cada dia,  
Como um proscripto, peregrino, errante !  
Dante, exilado, inda condemna o arbitrio  
De Florença a favor, que ingrata o engeita !  
Camões se sacrifica pela Patria,

E indigente succumbe n'um hospicio  
Só do seu Jáu fiel acompanhado !  
E tu, Dias, tambem do lar ausente,  
Das mil bellezas suas na colheita,  
Morres servindo o teu paiz querido,  
E lhe legas ainda as harmonias,  
Que o mar roubar não quiz venerabundo !  
Assim a fonte limpida não brota  
Para si o licôr, que a sede aplaca !  
Assim o erablo dá seu dôce nectar !  
Assim a flôr entorna o seu perfume !





## A VALSA.

---

Que notas são estas?  
Que grata harmonia!  
Que enlévo aos sentidos!  
Que dôce magia!

Que sons inspirados  
A flux se derramão,  
Quaes flôres mimosas  
Que o ar embalsamão!

Abrirão-se as portas  
Acaso do céu?  
De sêda azulada  
Rompeo-se-lhe o véo?

Fugirão-lhe os êchos,  
Dispersos vagueião,

E os cantos sublimes  
No ether semeião ?

Á tanta cadencia  
Minha alma divaga,  
Qual leve barquinha  
Na tímida vaga !

Celestes assomos  
Invadem-me o peito,  
Meu sangue palpita  
Rendendo-lhes preito.

Dos Deoses o nectar  
Tal deve de ser,  
Si ardente embriaga  
De um almo prazer.

Oh ! vem, minha amada,  
Meu anjo formoso,  
Cedamos ao iman  
Cadente, amoroso.

Este hymno em suspiros  
Da flauta que clama  
Com o nome ineffavel  
De valsa se chama.

Valsemos, valsemos:  
A valsa é a vida



De amor, que enlouquece  
No goso embebida.

A valsa é a brisa  
De fêrvido agrado  
Brincando com as rosas  
Faceiras no prado.

A valsa é o livro  
Do nosso destino,  
Que em laço nos prende  
Suave, divino.

Os astros no espaço  
Não vagão sem par,  
Na terra sosinhos  
Não podem ficar.

E tu és a estrella,  
Que devo seguir  
Na orbita infinda  
De todo o porvir.

Valsemos; a valsa  
No giro offegante  
Ao eden transporta  
De amor delirante.

Do par em delicias  
Os braços se prendem,  
Os olhos se fallão,  
Os peitos se entendem !

## A GUERRA.

---

Vão orgulho do homem ! Quanto é triste  
Contemprar-te, imparcial, em teus requintes  
A cada onda que passa uma após outra  
No oceano do tempo illimitado !  
O passado condemnas por grosseiro;  
Mas porque do presenté assim te ufanas  
Quando o maior dos males subsiste ? !  
Si a sciencia não erra, quando affirma  
Que nascerão iguaes os homens todos,  
E iguaes direitos têm, e iguaes deveres;  
Si não pode negar a consciencia  
Que as nações não são mais que os mesmos homens  
Aqui e alli no globo congregados,  
E a um destino commum marchando unisonos;  
Si é sempre uma familia a humanidade;  
Seculo de luz mentida, a face curva  
Do labéo que te mancha ao peso enorme,



Porque a guerra ainda exalça o collo altivo,  
 E de heroes se apellidão assassinos,  
 Que oceanos de sangue hão derramado !!  
 Vergonha eterna á geração que passa !  
 Anathema ao tyranno e a seos asseclas !  
 Uns e outros no crime se assemelhão !  
 Sim. Não são os Reis só que se condemnão,  
 Mas o povo tambem, pois não resiste  
 Ao mando fraticida, e cerra os olhos  
 Da justiça ao clamor, que emfim resoa,  
 E ha de tocar o coração e a mente,  
 Novas éras creando á humana gloria !  
 Nas luctas tão ferozes que se travão,  
 De Deos as santas leis atropellando,

Quem vence, e quem succumbe ?

Quem sou eu, quem és tu e quem são elles ?  
 Os miseros que roubas á ventura,  
 Esses que levas a dormir no nada,  
 Quantas vezes na flôr dos verdes annos,

Impavido guerreiro ? !

Com seu quinhão identico no mundo,  
 Com jus á terra, ao ar, e á luz e á vida,  
 Ramos do mesmo tronco primitivo,  
 Que a historia, inda bem, tem conservado,  
 E na forma e na essencia semelhantes,  
 Teos inimigos são, só porque o queres.  
 Si á razão se não dobra o que provoca,  
 Em meio das paixões que alterão tudo,  
 E ferro em punho o raio desafia;  
 Áquelle que honra e vida, e lar e patria

Defendendo, combate-o denodado  
Depois de ver perdido o brando empenho,  
Louros decretem da memoria os fastos:  
Mas do justo guardado o são preceito,  
D'onde o impulso virá para a discordia  
E a perversão dos dôces sentimentos,  
Que transforma a alegria em pranto amargo?!  
Na paz e na harmonia inalteravel  
Sustenta-se o universo todo inteiro,  
E o lucido phenomeno dessa ordem  
Em lição se offerece a cada instante.  
Oh! porque se lhe nega a crença e o culto?!  
O erro não é, não, que a ideia offusca,  
Quem o monstro mantém. Por natureza  
Fallivel, a razão, si tem desvios,  
Não repelle a verdade sacrosanta,  
Quando um jacto de luz lhe aclara as trevas.  
O orgulho e a cubiça prepotentes,  
Incançaveis paixões de vis anhelos,  
Tendo a intriga subtil por instrumento,  
De accôrdo seus triumphos exaltarão;  
Altars lhe erigirão no passado,  
Derão-lhe sacerdotes e prestigio,  
De europeis o vestirão seductores,  
E o proclamarão tal como perdura!  
Mas do progresso á marcha só não cedem,  
Conheça-o de uma vez a ignorancia,  
O puro bem e a ideia humanitaria.  
Fôro do forte contra o fraco eleito,  
Por juizo de Deos denominado,

Rolon do throno barbaro o duello,  
Feroz campanha singular, selvagem,  
Em que á ponta de espada se evocava  
Nos pleitos a sentença derradeira;  
E a voz universal louva-lhe a queda.  
Da guerra, esse holocausto da soberba.  
Duello das nações, do povo incauto,  
Que por alheia conta se extermina,  
Deve tambem bater a hora extrema.  
Metheóro fatal a seu dominio  
Já transmonta o horisonte a luz bri hante,  
Que ha de aclaral-a espectro nú e horrendo !  
Honra, brio, e valor, dignidade,  
O amor da bôa fama eternisada,  
E a estima das nações em seu conceito,  
Vãns ideias não são; porem os hymnos  
Dessas sublimes nôtas engendrados,  
Que os Machiaveis de todas as idades  
Com mão de mestre explorão traçoeiros,  
De dia para dia o encanto perdem.  
A arte, a industria, a sciencia, as santas crenças,  
Causas perennes do poder humano,  
Que em vez de destruir, fecundas crião,  
A potente magia lhe arrancarão,  
E a luminosa aureola emfim conferem  
A venerandas fronte dignas della.  
N'um vasto pantheon que me deslumbra  
Com o aspecto imponente de seus grupos,  
Á imitação propostos pela historia,  
Moysés vejo, que outr'ora, só e inerme  
Contra um rei orgulhoso reclamando



Na propria côrte infensa, audaz, corrupta,  
Ismael libertou do captiveiro,  
E um reino fundou com dez decretos,  
Tanto saber continhão seus dictames !  
A contemplar no intimo seus feitos  
Vejo Platão e Socrates em extasis  
Pelas lições que derão corajosos  
De Deos e da moral á juventude  
Sem o furor temer da tyrannia !  
E sob a humana forma, e mais sublime  
Pelo immenso esplendor que se irradia  
Da aurea corôa que o levou ao Golgotha,  
S'tá alli tambem Jesus em toda a pompa !  
De um lado e de outro innumeraveis vultos  
Resplandescem da mesma etherea chamma.  
São esses os obreiros seus consocios  
Da paz, e da concordia que plantara  
No coração de barbaros descrentes !  
Eis o Gama esforçado, e eis Colombo,  
Que do mundo os limites afastarão.  
Ahi vem Walt, o domador do fogo,  
O insigne Prometheu das novas éras,  
Que á força de vontade e de pericia  
Converteo o elemento mais temido  
Em um servo nosso quasi omnipotente !  
Estes sim, são heroes, e honra lhes caiba  
Tamanha, como a propria eternidade.  
E ao bem commum votados por si mesmos,  
Seja-lhes cada peito um sanctuario,  
Cada memoria um monumento vivo  
Em toda a humanidade agradecida.



## O BARDO,

A' Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. L. F. L.

---

Eis-me, donzella; por fallar-te aneio  
De amor e graças, de virtude... escuta!  
Não me conheces? Que te importa um nome,  
Pobre, mesquinho, que ninguem disputa?!

Eu sou um ente, que sonhando vaga,  
Que julgão louco procurar chimeras;  
Em quem o riso sem razão parece,  
Que vendo grave padecer disseras!...

Mas não te illudas, feiticeiro archanjo,  
Embora o vulgo me acredite assim;  
Ouve primeiro imparcial meo canto,  
E então quem seja, saberás emfim.

De tudo um typo imaginal, perfeito,  
Na mente humana resvalou de Deos,  
A ideia, o bello sem cessar affere  
Por essa norma os julgamentos seos.

Indifferente n'um jardim formoso  
Ha quem transite sem as rosas ver !  
Mas eu não posso, adoro-lhe o perfume,  
Ah ! nos seos mimos me verás prender.

E a sede ardente que me exhaure a vida,  
E só com a vista do ideial se acalma,  
Dá-me prazeres de um celeste encanto,  
É-me o mais grato sentimento d'alma.

Campo infinito, a perlustrar patente,  
O céu me offerece, me offerece a terra,  
E o mundo todo, que á razão submisso,  
Os seos arcanos um por um descerra !

Pelo universo me desvairo às vezes,  
Alheio a tudo que presente está !  
Porem o anelo, que me leva ao longe,  
Tambem n'um vôo me conduz de lá !

Si nas estrellas me arrebatá o brilho  
Da noite escura decorando o manto,  
Do mar, lambendo os seos grilhões d'areia,  
Triste, em gemidos, me commovo ao pranto.

Entro nas zonas ao depois alegres,

Que se povoão de subtis imagens,  
Da phantasia melindrosas filhas,  
Talvez, quem sabe, si do céo miragens ? !

Mas, como ao lar o peregrino errante,  
Volvo-me à patria das mimosas flores,  
Mais do que tudo quanto alem se estende  
Praz-me o imperio dos gentis amores.

Nelle o thesouro das bellezas vivas,  
Que ao peito fallão deparei em ti;  
Nas outras vastas regiões, donzella,  
Nada a que possa comparar-te vi.

As mais sublimes producções do Eterno,  
E as que no sonho mais feliz occorrem,  
A teu aspecto vacillando todas  
Cahem, definhão, se esvaecem, morrem.

E inda te adornas d'immortaes virtudes,  
Ferteis, viçosas, do maior valor,  
Aroma santo, com que te completas,  
Como no effluvio se completa a flor !

Com tantos dotes em descuido brincas;  
Mas breve a chamma sentirás arder,  
E então o eleito do teu doce affecto,  
Ah ! quem podéra ! quem podéra ser ! . .

Eu pela escolha te daria, virgem,

Um Deos si fosse, a divinal essencia;  
Si um rei apenas, humilhado, o sceptro;  
Si um sabio, as glorias da immortal sciencia.

Bardo somente, sem pedir-te nada,  
Venho entretanto dedicar-te a lyra  
Oh! não a engeites, porque unguida e pura  
Só do que é nobre a resoar se inspira.





A INCONSTANCIA.

---

Em uma extensa planície,  
Que o sol da manhã dourava,  
Agil, travessa e risonha,  
Uma menina brincava:  
Era um anjo tão formoso,  
Que de formoso encantava.

Corria por sobre a relva  
Mais leve que um passarinho,  
Ia e vinha em mil sentidos  
N'um constante torvelinho;  
Mal no chão se imprime o rasto  
Do seu mimoso pesinho.

E n'aquella insana lida,  
Que arfar-lhe fazia o peito,

E as faces corar tão lindas  
Da agitação por effeito,  
Aqui uma flôr colhia,  
Que alli deixava em despeito.

E, depois, como doída  
Da sem-razão do desdem,  
Voltava a juntal-a a outras,  
Que fôra apanhar além,  
Para de novo esquecel-a  
D'aquellas a par tambem.

Mas eis que uma borboleta  
De basta moita viçosa  
Foge espantada, sentindo  
A creança caprichosa,  
E os ares lá vai cortando  
De tantas cores vaidosa.

Na fresca brisa, no prado,  
Nem nas flores mais pensou  
A jovem toda em delicias,  
Que n'um extasi ficou  
Com a vista a seguir o insecto,  
Que mais adiante poisou!

Foi de um instante somente  
Entretanto a excitação;  
O iris vivo emanava  
Fascinadora attracção,

A elle voou ligeira,  
Cuidando apanhal-a então.

Aonde vais, imprudente,  
Nesse louco empenho assim,  
Do caminho sem temer-te,  
Que não escolhes emfim,  
Que pode ser dôce e plano,  
Mas tambem falso e ruim?!...

Levava a attenção nos olhos,  
No coração a esperança,  
No gesto infantil, tão facil,  
A certeza e a confiança;  
Mais seguro o heroe não marcha  
Que a um triumpho certo avança!

Lá vò a porem a caça,  
Que se não deixa prender;  
Vai traz ella a caçadora,  
Que a quer por força colher:  
Uma segue, outra persegue,  
Já vão de vista a perder!

Quanto mais fôra caminhão  
Do terreno perlustrado,  
Mais calor toma a porfia  
Na teima de lado a lado;  
Nem um dos dois contendores  
Dar-se quer por derrotado.

Si da fuga esbaforida  
A fugitiva parava,  
Activa a perseguidora  
A linda mãosinha alçava;  
Aquella porem alerta,  
A fugir recommençava.

Assim descendo um declive,  
Um tenue grito se ouvio,  
O insecto seguia ainda,  
A jovem ninguem mais vio,  
Que em fundo, invisio regato  
Precipitada cahio !

Que fôra d'aquelle anginho,  
Daquelle botão de rosa,  
Si então lhe faltasse o apoio  
Da ternura carinhosa,  
Na torrente a debater-se  
Rapida, fria e medrosa !..

Mas uma aia vigilante  
Seguira-a no devaneio,  
E, vendo-a cahir, á tempo  
Livial-a das aguas veio:  
Sendo-lhe paga a imprudencia  
Do p'riço só com o receio.

Da vida na primavera,  
e no outono, e ainda além,



Nossa aima inquieta sempre  
Faz, como a jovem tambem,  
Mal satisfeita sem causa  
Das alegrias que tem.

E de desejo em desejo  
Corre às vezes leviana,  
Qual si uma dita lhe fosse,  
Apóz illusão insana,  
Que a conduz a um precipicio,  
Onde emfim se desengana !

Nas amarguras sem nome,  
Nas dores do pensamento,  
Cae então a desditosa,  
Feliz, si no seo tormento  
Amiga vóz lhe desperta  
De esperança um novo alento.



ALCINA.

---

Não te demores, aproveita os dias.

(CALDAS.)

Caçador apaixonado,  
Que corres com tanto afan  
Por campos, montes e valles,  
Mal se levanta a manhã,

Que prazer achas no espanto,  
Na dor, na afflicção, na morte?!.  
Porque um tyranno te fazes?!.  
Caçador, toma outro norte!

O collo furtando ao jugo  
De um instincto tão nefando,  
Por que ledo não cultivas  
Um sentimento mais brando?

Não valêra mais a pena  
Procurar um coração  
Terno, amante e complascente,  
Do que sanguinea emoção ?!

Oh ! nesse empenho, acredita,  
Querer te fôra bastante,  
Uma phrase, um gesto, um nada,  
E o terás no mesmo instante.

Seguindo-te hontem de perto,  
Sem que me podesses ver,  
Ouvirias, se escutasses,  
Um que puderas render.

Fugi, quasi em desatino,  
Depois triste e vergonhosa,  
Do teu desprezo, tremendo,  
Do meo proprio amor medrosa !

Mas si emtanto, arrependida,  
Da indiscripção me accusei,  
Si me maldisse por fraca,  
Si não mais tornar jurei;

Ai ! do que valem prottestos  
Contra o poder da vontade,  
Que n'um doce captiveiro  
Colloca a felicidade ?!...

Já hoje, esquecendo tudo,

Corro a ver-te, matinal,  
Mais formoso por ventura  
Do que o astro teu rival!

Nos meos ardentes anhelos  
Oh ! quem te fosse fallar !  
Sabendo-os, talvez tão longe,  
Não vieras tu caçar !

Caçador dos olhos negros,  
O que vens caçar aqui ?!  
Que mal fizeram-te as aves,  
Que tanto soffrem de ti ?!...

Queres mimosas captivas,  
Inda mesmo a seu pezar ?  
E lhes vais tirando a vida  
Si as não podes captivar ?!

Pois bem: assignem-se tregoa;  
Haja paz nesta espessura;  
Restabeleção-se os cantos  
De tão suave doçura.

Sou tambem uma alva pomba  
Pelo meo garbo gentil,  
Por minha innocencia amavel,  
Pela alegria infantil;

E emquanto aquellas te fogem,



Eu nunca te fujo assim;  
Caçando tu me feriste,  
Caçador, toma-me emfim.

Serei tua livremente,  
Bemdizendo a escravidão,  
Tua, sim, pelos affectos,  
Que nascem do coração.

Ah! não recuses a troca,  
Presente o porvir diviso;  
Em vez de magoas, á vista  
Terás constante sorriso.

Tanto amor, como te guardo,  
Tanta ternura tambem  
Hão de dar-te tal ventura,  
Como não possue ninguem.

Lembrás-te? eu vinha da fonte,  
Nossas vistas se encontrarão;  
Parei, paraste, de pejo  
As minhas faces corarão!

É a seta que dos teos olhos  
Em meo seio se cravou,  
Impressa na dôce chaga  
Tua imagem me deixou!

Desde então só em ti penso,

Durma, ou vele, não te esqueço,  
E assim feliz por querer-te,  
Melhor dita não conheço.

Oh! pelo que em mim se passa,  
Que podes também sentir,  
Sem que inda me tenhas dito,  
Nem deixado presumir,

Julgo as vezes que divagas  
Para levar-me contigo;  
Ai! não finde esta esperança  
Na illusão de um sonho amigo!

E não é porque desvaire,  
Porque me alucine amor;  
Mas onde caça mais mansa,  
Nem mais bella, oh! caçador?!..



AO VOLUNTARIO DA PATRIA CAPITÃO E. C. R.

Gloria á nobre bandeira immaculada !  
Ao formoso pendão da patria nossa,  
    Que ufano tremulando,  
Ovante se hasteou por toda parte,  
—Nas muralhas, nos campos, nos reductos,  
    Nos fortes invenciveis  
Do atrevido inimigo supplantado !  
Gloria ao emblema sagrado e estremecido,  
Que desfraldado ao vento reunia  
Galhardo em torno a si de heroes o exercito !  
No prelio immenso mal ferido ao longe,  
Por vezes,—apezar da voz da fama,—  
Em grande parte, ao imperio desaffectedos,  
    Com descrença offensiva,  
A Europa e quasi o mundo attentos vião  
Do guerreiro novel os altos feitos  
Atravez do oceano apregoados !  
Porque, porem, tal prevenção mantinhão,

Da victoria os emboras recusando  
     À nação provocada?!  
 Não era antipathia de character,  
     Não era, não, por certo,  
 Que a sincera affeição nos alheava  
     Do velho mundo unisono:  
 Do bem melhor desejo não o anima,  
 Do progresso na lei mais não se afana,  
 Nem cavalheiro é mais generoso!  
 Porque ficou então dubio e indeciso?!  
 Em estranha plaga, onde a distancia avulta  
 Escondendo o fulgor de nobres feitos,  
     Não provados ainda,  
 Porque a paz e a justiça preferimos,  
 De Guthenberg, a filha, esse thesouro  
     De luz inexaurivel  
 Da verdade ao serviço destinado,  
 Que a verdade imparcial dizer devêra,  
 Vendida a oiro vil, calumniou-nos  
     Aqui, alli, alem!!  
 Mas foi, porem debalde, espedaçado  
 O pequenino ardil, o indigno embuste;  
     O nome brasileiro  
 Surgio dos negros tramas radiante,  
     Acrisolado e puro!  
 Oh! sim, não ha negar-lhe a laurea corôa  
 De denodo sem par e magnanimo!  
 Quem triumphou na lucta estranha e rude,  
 No duello Yankee, travado adrede,  
 Do inimigo sem fé, quebrando os pactos,





Por nós com brio lealmente acceitos ! ?

Quem em troco da affronta a liberdade,

Em vez de saciar-se na vingança,

Deu cheio de grandeza ? !

Do seu somno acordado em que estendia

Os membros mollemente

Do Amazonas ao Prata, voluptuoso,

Aromas entre flores respirando,

Nesses confins inhospitos, vedados

Das nações ao contacto,

Rugio de Santa Cruz o leão féro

Por mil bocas horrisonas,

E abrasou com seu halito de fogo

O Attila da America

E os seus soldados miseros, fanaticos !

Em vão, para affrontar-nos, tantos annos

De meios toda a sorte amontoára;

Nada mais resta do poder do monstro !

E finda agora a ceifa gloriosa,

Que a fazer nos levou seu triste orgulho

Reina o silencio, onde bramia irado,

Não ha muito, em furor da guerra o genio !

Zeloso guardador da honra e da vida

Nos riscos da campanha,

Não mais se escuta o alerta vigilante,

Já não trôa o canhão nas invias serras

Do Paraguay rendido !

O tufão da victoria, assignalada

Pelos nossos clarins a cada encontro,

Remoinhando em turbilhão terrivel,



Da mulher ao pudor votão-se altares,

E a nação é nação !!

Oh ! sim, venha o porvir que ha de julgar-nos,

Como o presente, um povo generoso.

De um tal feito os obreiros

Heróes são—Benemeritos da patria

E da sublime ideia humanitaria,

O mais bello talvez dos sentimentos.

Essa obra immortal, que a exalte a fama,

De jovens, quasi infantes,

Mimosos da fortuna em grande parte,

De artistas, de cultores das sciencias,

E de alegres e mansos lavradores

Compostas no momento,

Forão nossas phalanges que fizerão !

Ardente e entusiasta aventureiro,

Por espontaneo impulso compellido,

Tu, Euclides, entr'elles cimentaste

Com teu sangue e suor um monumento,

Que ha de durar por gerações sem numero,

E brioso, incançavel,

Afeito e prompto a desprezar perigos,

Entre os mais arrojados combatendo

Para leval-a á conclusão completa,

Conquistaste na gloria duplicada

Um brilhante quinhão.

E sem razão não é que ao lar volvido

Trazes para attestal-o o nobre peito

De invejaveis estrellas adornado.

Ellas te nobilitão certamente,



E como não, si as mereceste todas?!  
A que porem mais honra te assignala  
Sei que modesto escondes!  
Essa imprimio-te o ferro do inimigo,  
Em desabrida, porfiosa lueta,  
Em que entoaste os vivas do triumpho  
Com os bravos companheiros.  
Recebe, pois, sinceros cumprimentos  
Do coração nascidos;  
E sê bemvindo ao seio dos amigos,  
Que pelos olhos d'alma,  
Ausentes te seguirão com desvello  
E hoje alegremente se reunem  
Para cobrar-te á patria satisfeita  
Do preito voluntario  
Que te levou á regiões tão barbaras.





### CAPTIVA E MÃE.

---

Sobre pobre e duro leito,  
Que simples lençol cobria,  
Mas que de branco lusia  
D'um rancho • na escuridão,  
Jovem negra agasalhada  
Se estendia mollemente,  
Entregue ao somno clemente,  
Que acalenta a escravidão.

Era mãe, que bem mostrava  
Na tenra creaturinha,  
Nedia, lisa, e bonitinha,  
Igual a si pela côr,  
Que pendida de um dos seios,

---

• Pequena e tosca palhoça, em que mora o escravo.

Dava-se a ver em seos braços  
N'um desses brandos abraços,  
Que só tem da mãe o amor.

E a dormir, no seu semblante  
Se desenhava a ventura  
N'um sorriso de ternura,  
Sonhando... quem sabe o que?!...  
Dos labios nada lhe escapa;  
Mas é talvez no destino  
Do formoso pequenino,  
Que o seu desvello prevê!

Sonhava acaso que o via  
Brincando livre e ditoso,  
Depois crescer orgulhoso,  
Tornar-se um moço gentil:  
Dourava-lhe os horisontes,  
E, em phantasias donosas,  
O ar lhe enchia de rosas  
Das mais viçosas de Abril!

É este o somno fagueiro,  
Que das mães a fé sustenta,  
Que esperanças lhe alimenta  
Tão doces ao coração:  
Deos o dispensa igualmente  
Do rei á esposa adorada,  
Como á pobre malfadada,  
Que roja no pó do chão!

Ah ! qual mesmo, ainda em vigília,  
Já deixou de ter momentos  
Desses gratos pensamentos,  
Que fazem da terra o céu ? !  
De espinhos duros em meio,  
Ricas, esplendidas flores  
Dos mais subidos odores,  
Que a Providencia lhe deo ! !

Mas vae-se à escrava alterando  
Do rosto a expressão suave !  
Agora tornou-se grave ! . . .  
Cahio n'um terror atroz ! !  
Balbucia, geme, acorda . . .  
Piedade, grita, piedade !  
Não me lanceis na orphandade !  
Tende piedade de nós ! . . .

A amena visão do sonho  
Do somno em meio mudára;  
E o filho então avistára,  
Como captivo, a soffrer ! . . .  
Era seu senhor humano,  
Mas o creoulo atrevido,  
Que houvera mal reprimido,  
Mandava por fim vender ! . . .

Já vinha o vapor buscal-o ? . . .  
De partir tocava a hora ! . . .  
Via o jovem se ir embora ! . . .

E nesse transe fatal,  
Acreditando abraçal-o  
O pobre infante apertava  
Contra o peito que arquejava  
Da aflicção descommunal !. . .

Quando a illusão dissipou-se  
D'aquelle máu pesadello,  
Na face estava-lhe um sello,  
Que não engana a ninguem !  
Duas lagrimas de fogo  
Sulcavão-lhe a tez lustrosa  
Na angustja vertiginosa,  
Que passa da dôr alem !. . .

Assim, sobre o innocentinho  
Olhos lançando inclinados,  
Que não exprimem agradados,  
Porem odio e compaixão !  
Agar não é no deserto,  
Que chorava um choro santo;  
A esta mais fel, que pranto  
Goteja-lhe o coração !. . .

E do triste, ai ! n'um assomo,  
De estranho amor impellida,  
Se atira a arrancar a vida,  
Como outras vezes já quiz !  
Mas é mãe !. . . Mal move o braço  
Para empolgar-lhe a garganta,



Do acto feroz se espanta,  
Recúa, estremece, e diz:

A' tyrannia me oppondo,  
Quem impoz-te ingrata existencia,  
Sem te valer a innocencia  
Contra pena tão ruim,  
Em vão tentei libertar-te,  
Quando apenas concebido;  
O empenho meo foi perdido  
E a sorte zombou de mim!...

Das dores sei que te esperão  
Neste mundo indifferente.  
Que chora, ou se ri contente,  
Sem dó do mal que nos faz,  
E ainda sinto pezares  
Comparando o captiveiro,  
De males—monstro agoureiro—  
Com a vida curta e fugaz!...

Mas se então, nem meo desejo,  
Nem meos martyrios penosos,  
Nem venenos poderosos,  
Não te alcançarão salvar;  
O que hei de fazer agora,  
Que me desarma esse riso,  
Que nos teos labios diviso,  
E não te posso matar?!...

Assim, não quero valer-te,

~~~~~

Tenhas embora má sorte!  
Peior que tudo acho a morte,  
Filho, depois que te vi!...  
Ah! triumphá a natureza!...  
Vive, meo filho adorado,  
Que em vez de te ver finado,  
Anhello morrer por ti!...



## O NAUTA.

Ao meu jovem amigo o Sr. Antonio Enes de Souza.

---

Mixto insondavel de fraqueza e força,  
De gloria e de miseria,  
Homem, quem te estimula, quem te impelle,  
Filho da terra, a devassar as ondas,  
Onde a morte anciosa o sceptro empunha  
Por mil orgãos discordes praguejando ?  
E ora assentada na empinada serra  
Da vaga movediça, ora no abysmo,  
Com ferrea mão mirrada arestos lavra ?!  
Porque te fias de acanhado lenho  
Nesse imperio do genio das tormentas,  
Voluvel, como os atomos ligeiros,  
Feroz, como o leão no antro medonho ?!  
Ah ! que não medes o atrevido arrojo !  
Foge, foge á traição ! . . .

Da nobreza apezar que ufano ostenta,  
O mar não é fiel; si em doce calma  
Seu vasto rosto ameno está sorrindo,  
E parece brincar com as brandas auras  
Sob azulado céu puro de nuvens,  
Alliado fatal do negro espectro,  
Breve de sobrenho entra em furores,  
Cegos impulsos de abafada sanha,  
Que os seios convulsivos lhe revolve,  
Em feia agitação de infausto annuncio  
Para tragar o que embalava, ha pouco !..  
Em desigual partida aventurado,  
Contra um gigante pigmeo luctando,  
É loucura, ou virtude o que te arrasta  
Nesse afan com que tentas o indomavel ?!  
Não vês na mole immensa em fundos sulcos  
Aqui e alli do passamento a estrada  
Em toda a hediondez do aspecto horrendo ?!  
Uma só taboa desligada basta,  
Dos soltos ventos um tufão sobeja  
Para sumir-te no profundo pégo !  
E lá vais entretanto, dia e noite  
Mil regiões ignotas demandando,  
De tremendas ciladas em projecto  
Talvez incauta victima innocente !!  
Mas eu desvairo certo a acompanhar-te  
Da vertigem do perigo accommettido —  
A estranha profissão fez-te insensivel !..  
Para ti nada encerra de imprevisto  
O conhecido liquido elemento !



No que assusta a donzella, e o infante assusta  
Por vaga inspiração, por vago instincto  
Nessa extensão sem fim que a vista cansa,  
Ventos, parceis e ondas crepitando,  
Tu lês, como n'um livro o sabio eximio,  
Sem que um segredo só te escape á mente,  
E a despeito da previa luz tão clara,  
A ideia do naufragio humida e fria  
Te não regela o coração no peito !!  
Tinha de bronze o coração cercado,  
Cantava outr'ora um vate, quem primeiro  
Ao mar se aventurou em fragil barco  
Os ventos affrontando; eu porem digo,  
Que o proprio coração lhe era metalico,  
E que irmãos são-lhe ainda os que navegam,  
Para a um martyrio sem igual exporem-se  
Por solidões sem fim desassombrados.  
Que amarguras na vida tormentosa,  
Que desditas cruéis, que duros transes  
Em lugubre cortejo os acompanhão,  
Alem das dores da final partida !. .  
Ah! como não será triste e pungente  
Ao mal aventurado navegante  
Na temerosa lucta derrotado,  
Em que perdão não ha para o vencido,  
Té ausentes de amigos que igual sorte  
Affasta na agonia immerecida,  
Finar-se sem o beijo derradeiro  
Da carinhosa, estremecida esposa,  
Sem um adeus da mãe que ora em cuidados,

Sem a benção do pai que em vão o espera,  
Ou sem cahir-lhe, qual celaste orvalho,  
Na face ó pranto da formosa amante,  
Que em sonhos, innocente se acalenta,  
De um futuro hymenêo doce e fecundo

Descrendo na desgraça !!  
Quanto deve doer-lhe o desengano  
Na hora suprema do fatal desastre,

Que a coragem sublime inutilisa,  
E o forte e o fraco no destino iguala !!

E mais ali não parão saciadas  
Do fado seu atroz as soltas iras !

Depois do passamento a fria campa  
Quem lhe porá nas vagas inquietas,

Onde por mão amiga um epitaphio  
Uma só vez sequer desse infinito

Em lousa sepulchral seu nome lembre ?!

O hymno da saudade que resoa  
No echo das abobadas sagradas  
Do templo do Senhor não roça o ouvido

Do naufrago infeliz !...

Ao som das roucas ondas, que se embatem,  
Rôla o cadaver livido sem rumo,—

E o mar é o seu tumulo, o mar psalterio,  
Que o canto dos finados lhe suspira;

E o longo pio dos marinhos bandos—  
O gemido do pai, da esposa chara,  
Da mãe, da triste amante inconsolavel !!

Quando a lua seos raios prateados  
Espalha entre sepulchros

Na solidão da noite mudamente  
E a sombra de uma virgem estampa em fumo

Sobre o solo dos mortos:

O peregrino que cantando passa  
Olha, o canto refreia, e faz um voto  
Cheio de bênçãos, como prece d'anjo;  
Porem em quanto a virgem e o peregrino  
Orão junto da pedra em voz sumida,  
Quem é que pode, errante beduino,  
Topar no oceano immenso com teos ossos

Dispersos, erradios ?!

Quem é que orvalhará tua molle campa

De lagrimas sentidas,

Sobrem-te peitos em que vivas sempre,  
Solucem muito embora em ti pensando !

Sim, é sublime ver como se estende

Ante os olhos do nauta esse horisonte

Livre, como sahio das mãos do Eterno

Na hora solemne em que disse—nasce !!

Sim, é bello o surgir do astro do dia,

Monarcha dos luzeiros infinitos,

Naquelle immensa vastidão sem termo,

Onde echoar parece tantas vezes

O clangor da trombeta do exterminio !!

Mas do Senhor a mão omnipotente

Destas alem creou mil maravilhas,

Pela contemplação que exalça o espirito

Capazes de ligar á origem sua

O ser que pensa e ama, como outr'ora

No sonho de Jacob, transpondo o espaço



A symbolica escada sacrosanta  
Ligára o ceo á terra!  
E sem que ao monstro as furias se provoque,  
Ao bello, ao justo, ao santo,  
Cumprindo a lei suprema do destino,  
Que a humanidade eternamente abrange,  
Por outros meios de eleição mais facil  
Livre espontaneo culto pode dar-se.  
Dos mares viajor aventuroso,  
Que não te rendes, que luctando morres,  
Ou salvo, a novo pleito te arremessas;  
Que ludibrio e baldão de enormes forças  
Em dia infausto de agorento aspecto  
Os furacões sepultão na alva espuma,  
E a sorte inda persegue alem da vida,  
Si a vã curiosidade, si a cobiça,  
Si de renome o anhelos immoderado,  
Ou da gloria o amor só te impellissem,  
Duplo que fosse o teu quinhão de dores  
Do mundo as sympathias não colhêras.  
Dura, pesada condição te coube  
Da humana raça na tremenda herança.  
É, porem, nobre a tua insana lida,  
E alta missão sublime desempenhas  
De recompensa digna e de louvores,  
Quando de plaga em plaga divagando,  
Com a permuta de cousas e de ideias,  
Por laços mil de estreita dependencia,  
Os povos ligas dos confins da terra,  
E irmanas as nações que se aproximão



De reciproco impulso compellidas,  
E do progresso aos penetraes caminhão.  
Larga somma de bens assim semeias,  
E assaz te deve a humanidade, oh ! nauta !  
Á cuja redempção de livre escolha,  
Ou insciente pressuroso corres,  
Ajudando a quebrar os élos d'aço  
Da primitiva escravidão paterna:  
E eis porque tambem, reconhecida,  
Desde um passado que se esvae nas sombras,  
Teu heroismo egregio preconisa,  
E enquanto no porvir durar-lhe a vida  
Ha de manter por ti mais invejaveis,  
Mais eloquentes do que o marmore e o bronze,  
D'acções honrosas pios testemunhos,  
No coração os sentimentos puros  
De amor e gratidão illimitada.



## OS OLHOS PARDOS.

---

Le geste aide le mot, l'œil explique le cœur.

*Lamartine.*

Da natureza no livro  
De vasta e immensa extensão  
Tem cada existencia um verbo,  
Que não escapa á razão.

No mar que geme e suspira,  
Mordendo os grilhões d'areia,  
Revela-se o Omnipotente,  
Que o monstro medonho enfreia.

O raio que a nuvem rasga,  
E no espaço o mundo abala,

E das côres divergentes  
A varia expressão notando.

Sim, as côres não são mudas,  
Antes entendem-se bem;  
Linguagem tacita fallão,  
Mas que, enfim, sentido tem.

O zelo, o odio, a saudade,  
O suspiro gemedor,  
Vê-se nellas tão patente,  
Como se entende o pudor.

Nem a formosa Odalisca  
Nesse encantado Oriente  
D'outras palavras carece  
Para exprimir o que sente.

Mas si as côres dizem muito  
Nas flores, no ceo, no prado,  
No bosque inculto e selvagem,  
E no jardim perfumado,

È nos olhos da donzella,  
Onde tem maior valor,  
Onde estudo os seos mysterios,  
Onde os distingo melhor.

Uns olhos verdes não mentem,  
Nelles pullula a traição,  
São, como o mar, inquietos,

É uma voz igualmente,  
Que o terror no peito cala.

E o leão, quando bramindo,  
O feroz instincto attesta,  
E o passarinho que canta  
Seus amores na floresta;

Da tarde o triste crepusculo,  
E o arrebol da manhã,  
Da lua o brilho suave  
O ceo transpondo louçã;

O que vive, o que respira,  
Quanto vegeta innocente,  
O que decora, o que adorna,  
O que deleita somente;

Tudo encerra um pensamento,  
Que espontaneo se traduz,  
E o que a ileia sem esforço  
Inunda de etherea luz!

E assim comprêhede o vate  
O rio caudal que corre,  
E o pelicano que exausto  
Pelos seus filhinhos morre.

Assim é que se arrebatã,  
Os sons ao longe escutando,



E das côres divergentes  
A varia expressão notando.

Sim, as côres não são mudas,  
Antes entendem-se bem;  
Linguagem tacita fallão,  
Mas que, emfim, sentido tem.

O zelo, o odio, a saudade,  
O suspiro gemedor,  
Vê-se nellas tão patente,  
Como se entende o pudor.

Nem a formosa Odalisca  
Nesse encantado Oriente  
D'outras palavras carece  
Para exprimir o que sente.

Mas si as côres dizem muito  
Nas flores, no ceo, no prado,  
No bosque inculto e selvagem,  
E no jardim perfumado,

É nos olhos da donzella,  
Onde tem maior valor,  
Onde estudo os seos mysterios,  
Onde os distingo melhor.

Uns olhos verdes não mentem,  
Nelles pullula a traição,  
São, como o mar, inquietos,

Terriveis, como um vulcão.

Que de doçura não mostram  
Os ternos azues formosos,  
Serenos, como a bonança,  
Como estrellas, luminosos!

Nos negros vivos, lusentes,  
Vendo o odio que maltrata,  
De envolta o ciume vejo  
Com a ternura que arreбата.

Mas os lindos olhos pardos,  
Ai! como são eloquentes!  
Ora languidos e ternos,  
Ora tremulos e ardentes!

Oh! são estes os mais bellos!  
De todos uma mistura,  
Dos pretos tem os ardores,  
Tem dos azues a doçura.

E dos verdes dardejando  
O encanto, a fascinação,  
Nenhum vislumbre conservão  
De enganosa pretensão.

Eu amo uns olhos assim,  
Que fazem sonhar os ceos,  
Que revelão cá na terra  
A omnipotencia de Deos.

## O TRABALHO.

---

Si longe do que foi e a largos passos,  
Na primitiva lucta vencedora,  
Caminha sobranceira a humana prole  
Da perfeição na senda luminosa,  
Aos mimosos somente da fortuna  
Não cabe, não, por certo bem dizer-te,  
Filho activo da energica vontade,  
Viva expressão de meditado instincto,  
Germen, principio de grandeza extrema,  
Trabalho productour: esse triumpho,—  
Causa de maravilhas infinitas,  
Que incessante lhe dêste e dás ainda,  
A vida intelligente enobrecendo;  
Porque jamais teu culto se arrefeça,  
Porque te estime a geração presente,  
E as vindouras igual amor te votem,—  
Em universal concerto se apregoe!

Ao ver-te em teu difficil nascimento,  
Alagando em suor e as mãos ferindo  
Aos primeiros mortaes que sustentaste,  
Na infancia inexperiente do universo,  
Sob a impressão de irreflectido panico,  
Chamou-te pena um erro condoido;  
Mas castigo não és! E eu te proclamo  
Com o sentimento augusto do progresso  
De prodigios em frente o mais fecundo,  
O mais sublime dom da natureza!!  
Sim! que a troco de ephemera fadiga,  
Que d'hora em hora mingoa á luz da ideia,  
Por teu impulso indomito e prestante  
O velho mundo em novo se converte,  
Melhor a nossos fins accomodado!!  
Apenas a existencia sustentando  
Errante, nua, debil e faminta,  
Dos animaes igual e ainda somenos  
Talvez, porque era d'armas desprovida,  
E a toda sorte de desar exposta  
Em desabrigo acerrimo nas selvas,  
Á razão, que se embebe no passado,  
A triste humanidade se apresenta  
Na origem sua! oh! rei si o homem era,  
Qual diz a tradicção, era um rei misero,  
Imbelle, foragido em circulo estreito,  
Sem coroa, sem sceptro, e sem vassallos,  
Com o só direito de reinar um dia  
Sobre inimigo imperio que resiste  
Á conquista possivel tão somente!!...



Aquella contestada magestade  
Do ceo tudo temia espavorida !  
Na terra mil affrontas supportava !  
Do mar nem se animava a aproximar-se !!  
Ai! e em tal condição dubia, indecisa,  
Jogo e baldão de cegas veleidades,  
E mais sem tregoas quasi em tanto insulto,  
Attonita, em defeza, a todo o instante  
Contra si n'essa genesis soberba  
Erguer-se via um novo adversario  
Onde quer que se achasse ! O sol, a chuva,  
A temerosa tempestade, o raio,  
O miasma insalubre e pestilento  
Dos fructos a escacez e a sede ás vezes,  
As sombras meio tempo lhe tomando,  
O leão que mugindo a accommettia,  
E inda o reptil nojento sob a relva  
E o proprio tenue insecto a hostilisavão !!  
Porque não sucumbio ?! Donde lhe veio  
O vigor colossal e inexaurivel,  
Com que alcançou impôr-se omnipotente,  
E seu throno firmar com mão segura  
Por gerações sem fim perpetuadas ?! . . .  
De quem senão de ti ?! No altivo empenho,  
Antes de nada emprehender, o fogo,  
Ministro ao mando seu facit e prompto,  
Primeiro dominou; depois o ferro  
A cujo acêno os bosques se arrasarão,  
E no deserto levantou-se a choça,  
Humilde tentativa, mas no entanto

Do palácio opulento a percursora !  
E eis a transformação que se inicia !...  
Espírito fatal de resistencia,  
Que nunca suplantado n'um só prelio,  
A não ceder um passo decidido,  
Em cada ser occulto te envolvias,  
Qual o pasmo não foi que apoderou-se  
De ti, té nos mais intimos reductos  
Da tremenda ameaça então á face ? !  
O coração se exalta quando vemos  
Por entre as densas trevas da distancia  
Que a reflexão devassa, esse spectaculo  
Rico das mais fagueiras esperanças  
Que uma por uma os seculos confirmão !...  
E entretanto já crente em seu destino,  
Erão-lhe o facho e a clava o só indício,  
E o apoio formal prestigioso,  
Do recente poder adquirido ! !...  
Entrando assim na arena gloriosa,  
O futuro senhor do orbe vencido,  
Transposto o ante-mural dos seos dominios,  
Inda o genio não é, que ha de regel-o,  
Guiando-lhe a vontade inconsciente;  
Mas já se deixa presentir ao longe,  
Tal como ao romper d'alva se desenha,  
N'um mar de luz banhando o azul celeste,  
Apenas no horisonte o astro do dia !...  
Medroso de affrontar o afan das lidas,  
Si ao ocio então acaso se entregasse  
No selvagem ficára miserando,

Que aniquila a inacção na desventura:  
Mas por secreto estímulo arrojado  
Lá vem seguindo, e explora o monte e o valle,  
Não para saciar na fêra a fome .  
E vestir-lhe somente os seus despojos  
De novas exigencias descuidoso;  
Porem porque solícito prepare, -  
Só capaz de alargar-lhe as curtas horas,  
À que destina em mente um vasto emprego.  
—No rebanho o viveiro nunca extinto  
—E na loura seara haja um celleiro,  
—Que lhe liberte a intelligencia e o braço !  
Ao intento lograr, ardente e franca,  
Em trilho foi-lhe a marcha permanente,  
Que de tão longe a nós se encaminhava,  
Que avançou cada dia mais segura,  
E inda prosegue, e seguirá sem termo,  
Em quanto perdurar da vida o alento  
À soberana raça ! Em vão de accôrdo  
Se lhe oppozerão, torvas, do universo,  
Seus fóros defendendo, as potestades ! . . .  
Da mola eximia aproveitando o impulso  
O reino social fundou solícito,  
E as artes encetou uteis e bellas  
Que ora da perfeição as raias tocão !  
Subio depois n'um vôo a ler nos astros,  
Sondou lhe o curso, o movimento e as phases,  
E guias seus os fez, e em todo o mundo  
A terra, o espaço, o mar o veem submissos  
No prestigio attentando, que o precede ! . . .



O pão, o linho, o fructo e a flor mimosa.  
Que o solo em abundancia lhe tributa,  
São do trabalho o feudo reverente !  
O trabalho do ether deo-lhe as chaves,  
Que do vacuo mostrou-lhe os habitantes  
Da vida em grande parte promotores !  
Fez-lhe no globo ver pela sciencia,  
As leis da affinidade obediente,  
Com pasmo seu immenso, inexprimivel.  
A molecula activa em movimento  
De Deos á voz os seres produzindo !  
E ás revoltas comquanto inda propenso  
Por seo character rispido, intratavel,  
É tambem do trabalho dominado  
Que nauta o leva ao oceano á toda parte,  
De perigos já quasi tão isempto,  
Como o Nylo a Moysés por entre as rosas  
Do nenuphar, do lodão transportava  
No seu leito de vime adormecido,  
Qual si uma terna mãe o acalentasse,  
Ás mãos da linda egypcia compassiva ! . . .  
Supprima-se o esforço abençoado,  
Por conjectura apenas, e os phantasmas,  
Da decadencia os ferros sacudindo,  
Horrendos surgirão em mestos bandos,  
Repulsivos, esqualidos, medonhos ! . . .  
De affrontar-lhe a existencia pressurosa,  
Eis a penuria que primeiro assoma  
Languida no olhar, nas côres e nos gestos !  
E seguindo-a de perto alem dos sustos  
A fome que se estorce na agonia !



A nudez, que tiritá e esconde a face,  
Não podendo corar de sangue á mingoa !  
A dôr que sôlta lugubres gemidos,  
Sem compaixão sequer achar n'um peito !  
E da morte o espectro, assentado  
Da solidão em meio, o braço inerte  
Da vasta, horrivel ceifa descansando !...  
Com elle que risonhas perspectivas !  
Que doce amenidade se derrama  
Na existencia singella do homem simples !  
Quanto prazer do bello se origina !...  
Que justo orgulho nos invade o peito  
Do genio creador perante as obras  
De espanto cada dia mais credoras !...  
Aqui o lavrador a nedia junta  
Tocando com a palavra amenisada,  
No semblante a sorrir-se alegremente,  
Chega no fim da tarde ao lar querido:  
N'aquelle sanctuario da ventura  
Uma surpresa encantadora o espera,  
Que cada dia renovada, em tanto  
Fagueira é sempre: a esposa com o filhinho  
Fal-o rever-se nas mimosas côres,  
E em caricias lhe paga o afan cançado !  
Ou já do seu rebanho precedido  
Tange o pastor, scismando, á rude flauta:  
Só lhe a vida absorvem dois cuidados:  
—Amor que mil delicias lhe promette  
—Zelos com seos rigores lh'as negando !  
Alli jorros de activas officinas  
A sêda, a prata, e o ouro modelados,

O crystal, e os brilhantes, que deslumbrão !  
E nos salões dourados sob os dedos  
De consumado artista em devaneios,  
De semi-deosas a sonhar ternuras,  
Sólta o piano inspirações sublimes,  
Que ás regiões incognitas nos levão  
Da harmonia nas azas transportados ! . . .  
Eis alem o vapor que encurta o espaço  
E milhões de tarefas desempenha  
Do tempo n'uma minima parcella !  
A imprensa que a palavra multiplica !  
Da noite á luz, as trevas desertando  
Por effeito da industria profligadas !  
O fio productor da ubiquidade,  
Que a rapidez do raio não inveja !  
E no seo gabinete finalmente,  
De Deos á semelhança, o sabio attento,  
Que crea sem cessar, e nos revella  
Da omnipotencia os mysticos segredos ! ! . . .  
Oh ! n'um presente de tão alto preço  
Quanto não poz o ceo de complacencia  
Com o filho seu querido ! Essa anciedade,  
Esse lidar sem fim, que abrange a vida,  
Do berço quasi ao tumulto exigente,  
Ao fraco embora aterre, ao forte exalta,  
No anhelos com que voa a seos desejos,  
Contra a dôr é o balsamo divino,  
E da existencia a flôr, porque a perfuma,  
O dourado brasão, que a nobilita,  
O iris que lhe empresta as lindas côres,  
E o talisman que o tedio lhe afugenta ! !

## ADEUS !

Ao meu charo excellente e particular amigo Dr. José Antonio  
de Figueredo. \*

---

Já da distancia o véo impenetravel,  
Que se condensa, e avulta a cada instante,  
Do espaço na amplidão, profunda, immensa,  
Vai sumir-te a meos olhos magoados,  
Como um muro de bronze, Olinda ! Olinda !  
Teos montes já lá vão, lá vão teos templos,  
Que a grandeza confirmão decahida  
Da adoração dos seculos passados,  
Em pelotões fugindo, como os cervos  
Nas campinas sem fim do sul virente ! . . .

---

\* A Academia de Direito do Recife acaba de perder nelle um dos seus mais illustrados e dignos lentes, e o paiz um filho dos melhores e mais dedicados, de que se possa gloriar.



E o teo coqueiro \* cèlebre, afamado,  
 Já das nuvens pendente me parece!...  
 Sob os meos pés tremendo ao choque insolito,  
 De Watt o filho férvido convulsa,  
 Fumo espèssô vomita, e impetuoso  
 Brame, talha a corrente, o vento rasga,  
 E qual raio veloz, que fende os ares,  
 Negro cysne se impelle sobre as agoas  
 Por entre a branca espuma marulhosa!  
 Uma hora alem te perderei de vista,  
 No afan vertiginoso em que me arrasta!...  
 Adeos, cidade amada, de meos sonhos,  
 Inda talvez pueris, theatro mimoso!  
 Arrancado a teos muros generosos,  
 Quem sabe se terei de não mais ver-te,  
 Nem sequer uma vez emquanto eu viva?!  
 Neste receio indefinido e vago  
 Dóe-me o deixar-te, embora á patria volte,  
 E da patria no amor se abraçe o peito,  
 Onde tens um quinhão de puro affecto;  
 E entre os dois sentimentos r. partiñdo,  
 O coração te leva na saudade!  
 Do meo bom Maranhão a voz escuto  
 Na sympathica lei do lar querido,  
 E alegre em alvoroço pressuroso,

---

\* O coqueiro altissimo que se via de muito longe no topo da ladeira da Sé, e que, ainda ha poucos annos, existia.



Acudo, como filho, á seu reclamo.  
Mas fôra ingrato não chorando agora,  
Mãe de sabios illustres, mãe de genios,  
Que de glória tamanha não te orgulhas!  
Quando de longe demandei teu seio,  
Sorrindo e carinhosa me acolheste;  
Implorei-te o saber; teos cofres d'ouro  
No alcaçar da sciencia luminoso,  
Um a um ante mim quizeste abril-os,  
E proferiste—colhe! Si ao lar volto  
Sem saber, e sem nome, a culpa é minha;  
Tua não, porque pródiga os repartes  
Com mão profusa sempre! Inda me sinto,  
A olhar-te d'aqui mesmo, arrebatado  
Pela sonora voz dos teos oraculos,  
De sciencia thesouros derramando!  
Quanto te devo, oh! não me esqueço nunca!  
Com a palavra eloquente que manejas,  
O que em mim era intuição confusa,  
Quando, abysmado da moral na essencia,  
Sobre o homem, de Deos sondava as vistas,  
Tu em verdades lucidas tornaste,  
A seo nobre destino o véo tirando.  
E depois me mostraste as sendas todas,  
Numerosas, extensas, differentes,  
Que ao progresso immortal seguras levão!  
Adeos, charos e ledos compauheiros,  
Activa e florescente juventude,  
Do Brazil esperança luminosa!  
Bom amigo saudoso, oh! Figueredo,

Coração d'ouro, espirito sublime,  
Que do bem no amor santo te acrisolas;  
Tu amavas commigo entrar no campo,  
Tão rico de promessas seductoras,  
Da amena social philosophia:  
Lembras-te ? Quantas vezes esquecendo  
Dos verdes annos o ligeiro porte,  
Nessas grandes ideias meditamos ?!  
Quantas cheios de fé na liberdade,  
Na justiça, na ordem, no trabalho  
Da materia, e no espirito incançavel,  
A indefectivel Providencia eterna  
Louvamos concentrados, reverentes ?!  
Separados agora—os laços firmes  
Da sincera amisade que nos une  
Jamais se quebrarão; mas os colloquios,  
Tão intimos, tão francos da presença,  
E a viva expansão d'alma, onde encontral-os ?!  
Frias vozes escriptas são as cartas,  
Que as saudades d'ausencia não mitigão;  
E eis no entanto o arbitrio que nos resta !  
Ah ! nobres quaes serão, porque os meditas,  
Por ellas diz-me pois os teos projectos,  
Na carreira que as luzes te facultão  
E um sagrado dever te faz o merito ! . . .  
Quanto a mim, nada tento, nada quero  
Os meos sonhos dourados tu conheces.  
Ás grandes ambições votado todo,  
Arme ao poder, o que o poder aneia,  
A gloria de mandar não me fascina,

Nem me attrahe o esplendor d'alta fortuna.  
Tem cada peito aspirações distinctas,  
E para mim a paz brilha de encantos,  
Das letras no commercio puro, extreme,  
Amo o saber pelo saber somente;  
E do bello no enlevo absorvido,  
Jamais em solidão, mas n'um retiro  
Feliz, ameno, placido e risonho,  
No seio da familia, que idolatro,  
Só desejo viver lembrado sempre  
Dos amigos provados e seguros.



## A ROSA DESFOLHADA.

---

N'um desses dias brilhantes,  
Do tão esplendido Abril,  
Em que a luz torna-se em ouro,  
E o ceo se cobre de anil;

Desses dias tão alegres,  
Como os tropicos só veem,  
Que só ahi se conhecem,  
Porque outra zona os não tem;

Uma rosa a mais formosa  
Dentre as suas companheiras,  
Do sereno inda banhada,  
Toda garrida e faceira;

Vaidosa dos seus encantos,  
Ás mais flores de um jardim,



Nos mais donosos requebros,  
A sorrir dizia assim:—

Vêde, irmãs, como sou linda,  
Que mimos tenho nas côres,  
Que elegancia, que perfumes,  
Para dar aos meos amores!...

Que outra flôr tem taes agradados,  
Fôrmas taes, taes attitudes,  
Com tanto zelo guardados  
À ponta de espinhos rudes?!

Tambem sois bellas, conheço  
Vosso brilho e gallardia,  
Mas sou por certo a primeira  
Neste imperio da alegria.

Quereis provas do que digo?  
Facilmente vos darei,  
Por casos aqui passados,  
De que sabeis, como eu sei:

Presta-me tudo homenagem,  
Tudo me afaga e corteja,  
Desde o sol que me illumina,  
Até o ar que me bafeja!...

Ah! nem tem conta os protestos,  
Cheios de affecto e ternura,

De instante a instante attrahidos  
Pela minha formosura! . . .

Mas acho tão cêdo ainda  
Para prender minha vida,  
Que o menor prazer não sinto,  
De ver-me assim pretendida . . .

Escutai-me, é um segredo:—  
Esta noite que passou,  
Debalde a meos pés o orvaího  
Já de prantos me ensopou!

Tal como o espanto promove  
No ledó povo infantil,  
Fez-se então mudo silencio  
N'aquelle povo gentil!

A troca tardou das phrases,  
Duvidavão responder,  
Dizer-lhe—sim—era duro,  
Um não—a iria offender;

Mas por fim todo risonho,  
Com graça e galantaria,  
Sem se mostrar agastado  
Do que a bella flôr dizia;

Comtudo . . . um cravo responde  
Do seu jarro do Japão;

Não estivesse eu captivo,  
Que te dera o coração!

E oh! quanto a dita me inveja  
Do favonio venturoso,  
Que anda a fartar-se de beijos  
Nesse teu seio amoroso!

Que me importão teus suspiros,  
Tornou-lhe a flôr orgulhosa;  
E favonio, ai! porque invejas,  
Si o desprêso desdenhosa?!...

Nasci com altos destinos,  
Tenho vista superior;  
Só do mimoso colibri  
Pretendo acceitar o amor.

E calou-se, e depois disto  
Se poz segura a esperar;  
Não veio porem o orvalho,  
Tarde podera chegar!...

Já estava o sol no horizonte  
Do lado opposto do Céu:  
E tendo-o ouvido, favonio  
Tambem não appareceo!

De desalento e despeito  
A rosa o collo inclinára;

Nem mais deo pelo sussurro  
Leve que a um lado soára!

Era o colibri almejado,  
Que afinal sempre chegou!...  
Mas ai! que amores, coitada!  
Com as azas a desfolhou!!...

E as petalas cahindo-lhe,  
Quando esse inconstante vio,  
Como quem foge a um espectro,  
N'um momento se sumio!...

Em falso brilho enlevada  
Só pompa e galas sonhando.  
Depois o vago deserto,  
D'alma já tarde chorando,

Das lindas rosas das salas  
Quantas se finão assim!!...  
Pobres flores infelizes!  
Quão triste é seu triste fim!!...





## DEUS.

---

Je ne l'ai pas vu en face, mais ce  
reflet de lui, saisissant mon âme, l'a  
jetée dans la stupeur de l'admira-  
tion.

*Lumé.*

Seja na mansa brisa susurrante  
Que com o aroma das flores se perfuma,  
Seja troando os ares no estampido  
Do trovão que ribomba pelo espaço,  
Ou no tufão veloz varrendo a face  
Do soberbo oceano furioso,  
Ou por mil outros modos se exprimindo,  
Da natureza a propria voz proclama  
Por seos órgãos sem numero a verdade  
De uma existencia superior a tudo,  
Do principio infinito e omnipotente

N'um hymno de triumpho interminavel!...  
E o sol e as estrellas em myriades  
Scintillando vaidosas illuminão,  
Nessa epopéa que universo chamão,  
As paginas escriptas de teu punho!  
Quem póde, pois, Senhor, desconhecer-te  
Em tal concerto unanime de provas  
Eloquentes, esplendidas, palpaveis?!...  
Não são as plantas, não, que seos effluvios,  
Como um doce tributo te offerecem,  
Nem as aves e os leves passarinhos,  
Que nos seos lindos cantos te saudão;  
Nem tambem os enxames numerosos  
Com que os prados se esmaltão rutilando  
De galantes insectos zumbidores!  
E não será por tanto o ser que pensa,  
Porque o homem creaste e lhe accendeste  
No cerebro a razão, e no seu peito  
Para que amasse um coração puzeste,  
E lhe déste o sorriso, expansão d'alma,  
Mais os prantos em que as dores se dissolvem,  
Como ao calor os gêlos na montanha,  
E inda o valor de tudo lhe ensinaste  
Tão cheio de bondade previdente.  
O ceo, a terra, o mar, são obras tuas,  
E tudo quanto o olhar e o ouvido alcanção  
E o que a idcia descobre indagadora!...  
Esses milliares e milliares d'orbes,  
Tamanhos, que mal pode a mente crel-os,  
Que cruzando incessantes se cortejão

Pela amplidão sem raias, magestosos,  
E não se chocão com fragor medonho  
No labyrintho da veloz carreira,  
Porque do trilho seu jamais se afastão,  
Da mão robusta te sahirão todas,  
Com mão robusta lhe imprimiste o impulso,  
Que submissos ab eterno seguem.  
O teu vigor assim se attesta immenso.  
Tua grandeza sem rival se ostenta !  
Salve ! Senhor Omnipotente, salve !  
E mais emquanto impavidos perlustrão  
De longinquas regiões, que á vista escapão,  
Em silencio imponente, o aereo campo  
Do espaço, aquelles reis sisudos, graves,  
Na terra outros prodigios te revelão,  
Menos sensiveis não, e nem menores.  
Favoraveis, contrarios, dissidentes,  
Visiveis e invisiveis actuando,  
Mil forças desenvolvem-se orgulhosas  
De molas que um mysterio são ainda !  
Existencias sem laço em si notaveis,  
Vidas que umas as outras se destrõem.  
Seres e seres sempre em lucta e oppostos,  
Ahi preenchem fins assignalados,  
De que a desordem só na fórma existe !  
Da harmonia ao imperio doceis, curvas,  
E ligadas por intima influencia  
No mister que lhes toca attentas todas  
Vão para o mesmo ponto convergentes.  
O pó fecundo e o fogo que devora,



O ar e o claro e liquido elemento  
Da lei da morte executores cegos,  
Da lei da vida assiduos promotores,  
Teos ministros, Senhor, infatigaveis,  
Com zêlo e precisão, que não se illudem,  
Mantêm n'um mutuo accôrdo a obra immensa  
Do teu saber em juventude eterna !  
É bello o complicado mechanismo,  
Porque a fazes reger-se por si mesma,  
Julgado nessa synthese completa,  
Que o mundo todo abrange em sua esphera,  
E não menos sublime nos detalhes,  
Porque cada unidade conhecida,  
Ou colossal, ou minima, discreta,  
Como um bem a outro bem se liga e prende !  
E a razão se arrebatada contemplando  
Na marcha universal teu pensamento !...  
De tantas maravilhas testemunha  
Athen quem ha que o seja ? Si illudindo-se  
De supposta sciencia abarrotado  
O soberbo philosopho te nega,  
Ente, qual és, distincto e absoluto,  
No proprio orgulho a punição recebe.  
De rei, deposta a coroa que lhe dèste,  
Desce o rebelde a chafurdar no lodo,  
Faz-se irmão do ginete e da serpente,  
Mas vai de rojo, escravo da verdade,  
Não conseguindo mais que expatriar-te  
Em tua mente insana, erguer-te altares  
Da materia na fôrça que creaste !



E cedo, ou tarde, despertando sempre  
Então lhe brada a consciencia em susto:—  
—Embora ingrato e impio te rebelles,  
Tu não podes morrer, qual morre o verme;  
Como o verme viver tambem não podes,  
Que a divina centelha não se extingue!...  
Para em ti crer, ah! não precisa o vate,  
Tentando o que é vedado ao ser finito,  
Ir descobrir-te o vulto na arca santa.  
Eu vejo e me deslumbra a gloria tua,  
Como no effeito a causa efficiente,  
Onde quer que dirija a vista attonito!  
Eu te vejo, meu Deos, no mundo externo,  
No moral, na materia, no repouso.  
Nas leis do movimento, e enfim te vejo  
Si concentro em mim mesmo os olhos d'alma,  
Tão impressa ficou-me a imagem santa  
Com teu sôpro gravada em minha essencia!  
E pois, Senhor meu Deos, recebe o culto,  
Que do peito te envio prosternado  
De gratidão e arroubo transbordando!  
Aos degrãos do teu throno radiante,  
Como o aroma das flores, puro, extreme,  
Como arabico incenso em densa nuvem,  
Como os accordes sons da harpa dos anjos,  
Senhor, as notas subão sonoras  
Da palavra fecunda que me dêste  
Tua existencia confessando em extasis,  
E o teu nome ineffavel celebrando,  
Porque do seio teu munificente,

Alem dos mundos com que o vacuo encheste,  
Como do fôco a luz, manão brilhantes  
A justiça, o poder, o amor, a fôrça,  
A sciencia, a belleza, a fê e as crenças,  
Todos, todos os bens da humanidade,  
A mais mimosa filha do teo peito,  
Que consciante adoração te deve!...



121

O GAÚCHO.

---

Que paiz tem taes primores,  
India minha occidental!  
Qual um sol tem tão brilhante,  
Qual um céu tão festival!  
Primavera como as tuas  
Onde existe perennal?!

Tu te assentas sobre um solo  
D'ouro e prata e pedraria,  
Cada uma das zonas tuas  
Recende de alma poesia!  
E n'ellas se alista o pampa  
Com o Amazonas em porfia!

Oh! vasto é o mar sem limites  
Que se embebe no horisonte,  
Em que a vista não descança,  
Nem no vale, nem no monte;

Onde o nauta erguer-se antelha  
Do infinito a larga fronte !

Pela liquida saphira  
Corta a quilha aventureosa,  
Só no céu acho os caminhos,  
Que vem seguindo orgulhosa,  
E a onda a embala qual berço,  
Que move a mãe carinhosa !

É vasto o mar; mas o pampa  
Não lhe cede na amplidão,  
Seu tapete de esmeraldas  
Desdobrando pelo chão  
Nesses desertos, que aterrão  
Do mais forte o coração !

Apenas cabe no espaço  
A indefinida campina !  
De expressão não muda nunca  
Quanto ali se descortina !  
Por toda a parte com as nuvens  
Pardas, rasteiras confina !

Em frente o vago se estende,  
O vago aos lados também !  
Ah! n'essa pagina em branco  
Quem pode entender-se ? Quem ?!  
Onde uma pégada humana ?!  
Nem cá, nem lá, nem alem !!



O tufão, seu rei selvagem,  
Que apellidou-se pampeiro,  
Quando percorre o dominio  
Que tocou-lhe por inteiro,  
Faz tremer a terra em tôrno  
Pelo impeto guerreiro !

Amedrontão-se os sentidos  
A ouvil-o vociferar  
Na marcha vertiginosa  
Sem se poder moderar;  
Quanto encontra destruindo,  
Que não se apressa em curvar !

Mas mil formosas donzellas  
Que alem dos prados estão,  
Tem nos olhos essa chamma  
Que penetra o coração,  
E o gaúcho enamorado  
Guarda no peito um vulcão !

Esse o collo não inclina  
Á tempestade imponente;  
Do deserto ri-se em face,  
Pisa-lhe o seio inclemente;  
E na patria sua altivo  
Marcha incauto e alegremente.

Ás vezes um santo affecto  
Impelle o filho do val,

Às vezes é a vingança,  
Que o leva contra um rival,  
D'amor, d'amisade, e odio  
Mistura descommunal! . . .

Sim! si falla o sentimento  
No seu animo gigante,  
De empenhos para arredal-o  
Não ha perigo bastante:  
No corsal, que alveja a espuma,  
Corre avante, avante, avante!!

Eil-o ahi vem: mal se distingue  
Perdido na immensidade!  
Chegou já! Passou! Sumiu-se  
Com a maior velocidade!  
Um raio—foi percorrendo  
Dos ceus a profundidade!

Um á esquerda, outro á direita,  
Soltos, livres, como o vento,  
Vão-lhe dous ginetes negros  
Que domina um pensamento:  
Amigos, são dedicados,  
De o servir no alegre intento.

O ponche vae-lhe estendido  
Como as asas de um condor,  
A faca na cinta vê-se,  
Que é fatal no seu furor,

E em voltas prêso ao lombillo  
Pende o laço aterrador !

E, como se quêdo fosse  
N'uma sala a practicar,  
Aos dois companheiros mudos  
Se dirige sem cessar;  
Costume estranho em verdade  
Que só na Arabia tem par !

Acaso dá elle contas  
Do seu intimo sentir ? !  
O Gaúcho ao bruto falla  
Qual si este o podesse ouvir;  
Na affeição lhe acreditando  
De que não quer prescindir !

Si disse, ninguem ouviu-lhe  
Palavra alguma siquer;  
Mas tem o semblante lhano,  
Tem galhardo o parecer:  
Buscar a ventura deve  
N'esse afanoso correr.

Onde irá ? Si amor o espera  
De terna amante no peito;  
Feliz se julgue a donzella  
Por tão dedicado preito:  
Terá fim só com a existencia  
O ardor no seu doce eleito.

No gesto a pressa denota,  
Nos labios leva-lhe beijos,  
No coração a constancia,  
No sangue fogo e desejos;  
Na mente que sonha encantos  
Mil reconditos almejos.





NO ALBUM DO MEU EXCELLENTE AMIGO DR. ALEXANDRE THEO-  
FILO DE CARVALHO LEAL.

---

..... Nihil supra  
Deo lacesso, nec protentens amicum  
Largiore flagito.

*Horatius.*

A vida é vária, como é vária a morte,  
E é varia a nuvem, que percorre o espaço,  
Sob um milhão de formas modelada !  
É vária como a luz que o ar açouta !  
Como o vento que muda a cada instante !  
Como o mar que se increspa, e que adormece,  
    Como o tempo também !...  
Viver é caminhar do berço á campa  
Mais perto, ou mais distante, em praso dado,  
Ora firme, ora á mal seguros passos;  
Flores pisando raramente, e sempre  
Por não trilhada, ignota, invisã senda !...  
E, viajor que não marca o seu destino,  
Para o termo infallivel transitando,

O homem nasce, vive e ri-se e chora  
Sem que o passado gere o seu presente,  
E o presente o porvir ! Na marcha incerta,  
Às vezes, como o barco pequenino,  
Que a brisa e as ondas levão docemente,  
Por sobre um lindo céu de azul e d'ouro,  
Segue alegre o seu rumo; errante ás vezes,  
Qual em seus areaes sem horisonte  
Do Simoun surpreso o beduino  
Lucta em balde, esmorece, e cahe e morre !  
Feliz o que no rude itinerario  
Não peregrina em solidão mesquinha;  
O que ouve as pulsações de um peito amigo,  
Quem sente mão leal cerrando a sua  
Sim: na quadra mimosa, enquanto sopra  
A aragem lisongeira da fortuna;  
Desd'o sol que se expande em seus fulgores  
Até da noite as sombras merencorias;  
O rio que sereno se desliza,  
A viração, a flor, a abelha, as aves,  
O frondoso arvoredó, o monte e o vale,  
Tudo surri-nos; a existencia é facil,  
E o coração talvez baste a si mesmo.  
Mas da sorte aos vae-vens submettida  
Em meio dos tufões, que se atropellão,  
Sem da amisade o sentimento grato,  
Com as dores d'alma em seu pungir ainda,  
De que nos serviria a triste vida

No perpassar dos annos ? ! . . .

No declive que arrasta ao desalento,

Quem lhe traçara o salvador limite ?  
Quem da esperança o facho lhe accendera ?  
Quem dos seus males se doera ao menos ?!  
Amor ! Esse tão bello e santo affecto,  
Que com louros acena a seus antistes,  
Que desenha fagueiro o sacrificio,  
E da virgem no olhar nes arrebatã;  
Com quanto immenso imperio em si concentre,  
Qualquer que seja a preferida forma,  
Tão subida missão cumprir não pode !  
Um vão phantasma segue o amor da gloria;  
Da humanidade o amor bebe a cicuta;  
E o amor da mulher, bem que ineffavel,

Nos enerva e quebranta! . . .

Verdadeira constancia na desgraça,  
Coragem no soffrer que dilacera  
Vigor para luctar nos infortunios,  
Só sabe dar o extremo da amizade  
Ai ! de nós, se não fosse o seu apoio;  
Se nos faltasse acaso na existencia  
Esse bem que não tem rival no mundo;  
Que em nossa alma reside felizmente;  
E venerar-me apraz na propria origem ! . . .  
Quando a lua seus raios côr de prata  
Espalha em branda paz por entre as nuvens  
Sobre o mar, sobre a terra derramadas,  
Qual, se em candidos linhos transparentes,  
Por fazel-os dormir mais doce somno,  
Envolver pretendesse inteiro o globo;  
A meditar ás vezes convidado



Por essa voz que falla no silencio,  
Do pensamento nas ligeiras azas  
Eu amo divagar pelo infinito  
Horas e horas, que velozes passam,  
Do universo os mysterios contemplando.  
Éntão a tudo attento, o meu espirito,  
Que vê por toda a parte a mão do Eterno,  
A pouco e pouco se illumina e aclara;  
Percorre a creação nos seus mil pontos,  
A cada instante em reflexões se abysma;  
E a providencia adora reverente,  
Que nada em seu saber profundo esquece! . . .  
Da natureza humana aos fins diversos  
Um dom era a amizade indispensavel,  
Que em presente do céu lhe foi mandado;  
E rosicler da aurora, em frente vindo  
Do astro que aviventa a natureza,  
A luz da sympathia precedeo-a  
Para guial-a na eleição sublime!  
Hosannas ao Senhor que tanto póde!  
Hosannas ao Senhor que deo-nos tanto! . . .  
Por essa estrella, amigo, dirigido,  
Como n'um mar de escolhos abundantes,  
Ameaça fatal á vèla incauta,  
Do pharol se orienta o marinheiro,  
Bastas, cerradas, densas, multiformes,  
As hostes do egoismo atravessando,  
Teu peito descobri singelo e franco,  
E uma irman da minha alma achei na terra,  
Bemdizendo a ventura de encontrar-te.



Oh! quasi nunca o coração se engana,  
Quando levado de invencivel força,  
Sem da razão fugir ao mesmo tempo,  
Ouve, e confia na expressão do gesto!  
Tu és um outro eu, e em mim te vejo,  
Ao vivo e fielmente repetido:  
Tal como á flor de um lago se retrata  
A arvore frondosa debruçada á margem!  
Como se n'um espelho reflectisses  
No que tem de immortal o ser pensante!  
Se procedes, conheço o que faria  
Por eguaes circumstancias compellido;  
E a discorrer de Deus, do homem, do mundo,  
Do bem, da liberdade e seus effeitos,  
Tão crente no porvir da humana especie,  
Nas palavras que escapão de teus labios  
Parece-me escutar a voz interna  
Por ti fallando; tanto em justo accôrdo  
Andão em nossa essencia os sentimentos,  
As ideias, as crenças e a vontade,  
Como mais de mil vezes me tens dito,  
De amigo o santo nome repetindo!...  
Da affeição que nos une, os fundamentos,  
Tão rectos, como são, e veneraveis,  
Julgas, entanto, geralmente acceitos?  
Erro, illusão fallaz, chimera, engano!...  
Sentimentos e crença, o que produzem?!...  
No turbilhão, que corre atarefado,  
E em seu afan se choca e se espesinha,  
Olhos ha que não veem mais do que os teres,

Que o poderio, o mando, e o luxo e a pompa,  
Ha peitos que não sentem! uns e outros,  
Vaidosos do valor que se attribuem,  
De interesse com ares mal fingidos:  
Loucos! talvez dirão, por nós passando!!...  
Perante esses judeos de nova especie  
É a alma um agente de desconto;  
O peito o seu balcão de notas cheio;  
E o affecto, de lucro uma esperanza,  
    Corrente no mercado,  
Que pelo justo preço se avalia!  
Seu juizo, porém, que nos importa?!  
Se é loucura ter fé, quero ser louco;  
Quero ver na virtude inabalavel,  
Nos actos generosos que ennobrecem,  
Na honra que inda vale mais que a vida:  
Crer na dedicação, na caridade,  
No amor e na amizade extreme e pura,  
Que dos anjos á altura nos eleva...  
No gôso d'esse bem melhor que tudo,  
Ah! só me peza, amigo, um pensamento,  
Vago, sem base, e indefinido ainda;  
Mas de previa saudade repassado!  
Temo que um dia, capri hosa a sorte,  
Se tanto lhe aprouver em seus alvitres,  
Ponha entre nós os mares e os desertos;  
Sejão da patria ou não immensuraveis  
Que acaso mais dois pontos distanceiem!...  
Quando tal aconteça; ou parta ou fique  
Sendo tu, quem deserte os patrios lares;

No peito, com a afeição que te consagro,  
Com o teu querido gesto na memoria,  
Nos labios com o teu nome:  
Quer me bafeje a aragem da fortuna  
Quer seja em dura guerra perseguido  
De um destino cruel, que me não poupe,  
Jamais te esquecerei um só momento!  
Se tal acontecer faz outro tanto:  
De firmeza capaz, qual te conheço,  
Conserva na lembrança o triste amigo;  
E em presente o passado transformando,  
Porque te occupes delle a todo o instante;  
Recorda-o, que te amou mais que a si mesmo,  
Que como á irmã querida te estremece;  
E enquanto lhe restar da vida um sopro,  
E o coração no peito palpitar-lhe,  
Ha-de inteiro guardar-te o doce affecto.

## O OLHAR APAIXONADO.

---

Já que mandas, meiga joven,  
Ao vate que sons desfira  
É força empunhar a lira,  
Inspirar-se, e obedecer:  
Vou, pois, cantar-des da origem,  
Bem que me sinta enleiado,  
O olhar apaixonado,  
Que desejas conhecer.

Talvez me não compreendas,  
Por tua innocencia infinda,  
Mas o céu te fez tão linda,  
Que de ti mesma o verás:  
É a lei da natureza:  
Não fica em botão a rosa,  
E da centelha amorosa  
No peito a chamma se faz!



A crear a humana essencia,  
Na larga mente infinita,  
Deus lhe deu a immensa dita  
Consoladora de amar:  
Deu-lh'a, qual rico presente,  
Como ao ether deu estrellas,  
Como ao valle as flores bellas,  
Como os espaços ao mar !

E não foi porque jazesse  
Dom inutil em segredo,  
Como acaso de um rochedo  
No centro a gemma se vê,  
Que apezar do preço enorme  
A estima perde elevada,  
Naquelle cofre guardada,  
Sem que um uso se lhe dê.

Si á noite as estrellas brilhão,  
Si as flores o valle esmaltão,  
Si os espaços se dilatão,  
Dando aos mares amplidão,  
O santo affecto ineffavel  
Tambem tem os seus fulgores,  
Tem tambem os seus odores,  
Que partem do coração.

Delle privada a existencia  
Fora um medonho deserto  
A lasso viajor aberto,

Como se estende o Sahará,  
Quando o pobre peregrino,  
Té os confins do horizonte,  
Sem descobrir uma fonte,  
Morrendo de sede está:

É com elle a vida um vôo  
Nessas zonas deslirido,  
Por onde, apenas sentido,  
Perpassa o sopro do mal;  
Como o argueiro imperceptivel  
Na diaphana campina,  
Como a nodoa pequenina  
N'uma taça de cristal!

Às vezes adormecido  
No seu berço palpitante  
Não dá no somno de infante,  
Si quer um signal de si;  
Porém cedo despertando,  
Traduz-se na vista ardente,  
N'uma palavra eloquente  
No semblante que sorri!...

Encantos tem mal despona,  
Rubor todo e pudicicia,  
Sobre o rosto sem malicia  
De ingenua virgem louçan,  
Que treme sobresaltada,  
Sentindo a primeira nota

Da nova canção ignota  
Nos seus labios de roman;

Inda não menos, se rende  
Ledo moço aventureoso,  
De derrota descuidoso,  
N'um encontro casual;  
E d'elle engendra um poeta,  
Que suspira enternecido,  
Com o pensamento embebido  
No seu anjo divinal.

Mas é só depois que logra  
Do nosso ser apossar-se,  
E em delicias transformar-se,  
Que alcança todo o valor:  
Então recresce-lhe o preço,  
Porque com o sorriso affaga,  
Com a doce phrase embriaga  
Sob o titulo de amor!

E cada vez mais intenso,  
O riso a esquecer chegando,  
E a palavra rejeitando,  
Que não lhe pode convir,  
Faz contemplar tão sómente  
Com firmeza inabalavel  
E em attitude immutavel,  
Prazeres dando a sentir!

Esta attenção, que se prende,  
Tão forte ao semblante amado,  
É o olhar apaixonado,  
Que tantos sentidos tem:  
Subtil pomba mensageira,  
Já portadora de beijos,  
Já de mil varios desejos,  
Que no peito se contem.





À RECENTE MEMORIA DO MEU AMIGO DR. RAYMUNDO ALEXAN-  
DRE VALLE DE CARVALHO.

---

Dorme ! não serei eu quem te desperte.  
Meus versos . . . não serão . . . palma sem graça,  
Ou pobre ramo d'arvore funerea  
Pyramidal cypreste.

*Dias.*

Quando a caducidade o homem curva  
Dos longos annos com o pesado fardo,  
E coberto de cans a camp'a o chama  
Para dormir o derradeiro somno;  
    Como que um lenitivo,  
A dor encontra nos amigos peitos  
Daquelles que o presarão sobre a terra,  
E depois de finado,

Com as lagrimas nos olhos o recordão.  
 Nascer, viver, morrer, é sorte nossa,  
 E mais de quanto animação conhece,  
     No perpassar do mundo:  
 Tudo principio tem, e tem occaso:  
     Eterno!... Deus somente!...  
 No solo da existencia limitada  
 A arvore querida, assim, cresceu, deu flores  
     E vigorosa, e valida,  
 Seus fructos sasonou; venha, que importa,  
 Remuinhando o furacão prostral-a!  
     Perfez-se o seu destino!...  
 Mas punge n'alma ver cahir o joven;  
 E morrer na ante-camara da vida,  
 Pela robusta fê, pela esperança,  
 Tão rico do porvir, que desabrocha,  
 Como viçosa flor em pingue terra  
 Ao sol estivo de bemdito clima!  
 Entretanto essa lei niveladora,  
 Surda, como a sentença irrevogavel,  
 Cumpre-se inteira, e á risca, e tudo abrange  
 —O já mirrado velho, e o duro athleta,  
     O ente esperançoso.  
 De espirito subtil de longo alcance,  
 Operario do bem e entusiasta,  
 Com o pó grosseiro, inutil, despresivel;  
     E qual triumpho sempre,  
 Inexoravel triumphou comtigo!...  
 E isto, amigo saudoso, immovel, mudo,  
 Como de frio marmore statua pállida

Apesar dos extremos !...  
 De balde, de mãos dadas, contra o fado,  
 A amisade, o amor, sciencia, e arte,  
 Em porfiada lueta disputavão  
     Roubar-te á morte !  
 Soára a hora tua derradeira;  
 O oleo fecundo da existencia tua  
 Na alampada celeste se exaurira  
 Té a ultima gôta, e a luz finou-se,  
 Que espargia um fulgor de tanto brilho,  
     E presa és do sepulchro !...  
     Tamanhas esperanças  
 Jazer vão sob a campa do finado  
     Para não mais surgir !  
 Assim gentil páu-darco na montanha,  
 Joven, virente, e altivo, si o corisco,  
 Com a longa espada em chamma, o despedaça,  
 Cae, e em torno a si a terra alastra  
     De mil douradas flores,  
     Que o chão sepulta e some !...  
 Curto, e bem curto foi o teu caminho  
 Da vida no terreno fugitivo;  
 Mas todo inteiro se cobriu de louros  
 Nesse brioso afan com que o trilhavas.  
 Mais podias fazer... Sei que o farias;  
 Si tão depressa não viesse a campa  
 Gelar-te o coração que palpitava  
 Nos fóros da virtude confiando,  
     Transpõe porem impavido  
 Dos dous orbes a raia; dupla c'roa

Colher soubeste: aqui memoria deixas  
Saudosa immorredoura, e alem te espera,  
    Premio de nobres actos,  
Para o varão que crê, phanal perpetuo,  
Do Pae Celestial, o Seio Amante  
No imperio da existencia inexaurivel! . . .





## A BORBOLETA E A FLOR.

---

De balde a soberba escuto,  
Que o mundo refere a si,  
Tendo de cima em desprezo  
Quanto não chora e sorri.  
Ha um plano no universo,  
No qual reverente creio,  
Em que tudo é fim e é meio  
Do que se conhece aqui.

É esplendida e sublime  
Essa obra immensa de Deus,  
Onde os mil paços se ajustão  
Segundo os destinos seus;  
E em que vão de accordo todas  
No regular movimento,  
Sem nem um constrangimento  
Nem na terra, nem nos céus!

Tanto mais na ordem penso,  
Na harmonia e perfeição,  
E na belleza infinita  
Das cousas da creação,  
Mas na idéa me confirmo,  
De que, em toda a natureza,  
Á cada ser com largueza  
Coube de bens um quinhão!

Vejo a todos contemplados  
Na partilha mais igual  
Do seu mister em respeito  
Por ampla mão divinal:  
E a alma sinto arroubada  
Perante a munificencia  
Dessa tão grande sciencia,  
Que aos seres preside e val!...

Este prima pela força,  
Aquelle é nobre e gentil;  
Um tem o encanto nas graças,  
Outro no engenho subtil!  
Um só dom sequer não falta!  
Por meiga agrada a gazella,  
No riso brilha a donzella,  
Roja elegante o reptil!

Do deserto nas campinas  
Que vão do horisonte alem,  
Tudo se alegra e se agita,

Como nas ondas tambem:  
Amão-se as aves nos ares,  
E no bosque o passarinho  
Descanta á beira do ninho,  
Quando longe a esposa tem !

É pois de orgulho enfunado  
Que o homem se julga e diz  
D'entre todos os viventes  
O primeiro e o mais feliz;  
E sem pezar a injustiça,  
Que attribue a divindade,  
Crê, ludibrio da vaidade,  
Que Deus tão recto assim quiz.

Si os vôos da aguia não pode  
Por si mesmo desfirir,  
Si do leão fica abaixo,  
Dirá que sabe sentir;  
Dirá que pensa e discorre,  
No infinito si abismando,  
E em mysterios penetrando,  
Que não cessa de inquerir:

Sentido e razão, no entanto  
Bem que subão de valor,  
Que dotes não são funestos  
Dos desenganos na dor ?!  
Por elles gerão-se angustias,  
Perde a crença o pensamento

E em perenne desalento,  
Até se desfaz o amor! . . .

Dos outros entes por certo  
Que é melhor a condição,  
Porque o discurso lhes falta,  
Porque não teem coração.  
A vida é sempre suave  
À quem se escapa á tormenta,  
Que jamais se forma e alenta  
Aos sopros da viração.

A rosa, ou livre nos prados,  
Ou nascida n'um jardim,  
Das lindas cores se ufana,  
Trescala aromas sem fim.  
E é sempre um prazer olhal-a,  
Quer da roseira pendente,  
Quer na mãosinha innocente  
De formoso cherubim.

Quando a chrysalida rompe  
Depois da funerea paz,  
O insecto vòa em delicias;  
A flora toda lhe apraz;  
Nem descança—que enlevado  
No afan dessa doce lida,  
Brincando a ephemera vida  
Em puro goso perfaz.

Mil exemplos, si quizesse



Destes pедera trazer,  
Que fora o trabalho apenas  
À cada passo escolher;  
Não tento porem fazel-o,  
Porque repunto ocioso  
Dar á um factó luminoso  
Maidres razões de ser.

Mas, a flor e a borboleta  
Quanto não são de invejar,  
Não sentindo agudas penas,  
Nem negro e duro pezar?!  
Oh! ser quizéra uma, ou outra  
No seu viver innocente,  
No seu morrer docemente  
Sem gemer, e sem chorar!...





## A TRISTEZA.

---

Magoada, mas sem lagrimas—afflicta  
Mas sem as convulsões, que a dor expressão  
No desespero, no delirio d'alma...

*Garrett—D. Branca.*

Mao grado ás decisões do pessimista,  
Que á maldizer de tudo se encantoa,  
Tinctos de negro olhando o céu e a terra,  
Transluz o bem risonho no universo;  
E si em redor de nós ao perto e ao longe,  
No destino das cousas attentamos,  
Florida vastidão se nos desvela,  
Onde só raro aponta o triste cardo,  
Contraste, e nada mais, que esvæ-se e morre  
Em meio á rosa, e o nenuphar brilhante.  
De Deus pela bondade aparelhado,

Bello, esplendido, vario, e multiforme,  
Em plena ostentação da omnipotencia,  
É o mundo um festim amplo e perenne,  
Que todos os sentidos extasia,  
Que de encantos o espirito embriaga!...  
Durante o dia o sol com a luz ardente,  
De estrellas por myriades a noite,  
Que a lua muitas vezes abrilhanta  
Do oriente ao poente resplendendo,  
De um pólo a outro em profusão sem termo  
Os seus salões diversos se illuminão!...  
Aqui scintilla, dardejando raios,  
A prateada face do oceano,  
Imponente e soberbo em seus rumores!  
Um campo ali se estende de boninas  
Que a verde relva esmaltão de mil cores!  
Alem altiva matta se levanta  
Quasi a tocar nas nuvens com a folhagem!  
Por toda parte movimento e vida,  
Esplendores, bellezas, maravilhas,  
Perfumes, harmonia em toda parte!!...  
Si ephemera, mesquinha, e limitada,  
Passa, como um relampo a humana pompa,  
E só recordações passando deixa,  
Esta jamais, que a duração lhe marca  
Do tempo a eternidade immensuravel,  
E á geração sem fim dota igualmente!  
Tudo quanto respira é-lhe um conviva,  
A planta, a flor, o animal, o insecto,  
E o primeiro lugar ao homem cabe!



Vem d'ahi o prazer justo e devido  
De solemnes promessas em resposta,  
Ao sêr que sente, pensa, e o bem conhece:  
Ahi a fonte cristalina e pura  
Das alegrias francas jorra em gosos,  
Que podemos fruir a cada instante,  
Pois não se extingue da ventura a sêde,  
E que em descuido deleitoso haurimos.  
Que a dor moral, ou physica interrompa  
O curso da existencia assim volvido  
Não enleia a razão; é doce o riso  
De um ledô sentimento procedendo  
E amarga o pranto que os pezares brotão.  
Mas a ellas extranha tantas vezes,  
Ah! nossa alma o que tem porque se engolfa  
Vaga, erradia, e em pleno desalento  
Nas regiões sombrias da tristeza,  
Como um baixel abandonado aos ventos,  
Que rola de onda em onda pelos mares  
Sem governo, sem rumo, e sem destino?!...  
Da tarde as brandas auras não se alterão,  
E é sempre a mesma a matutina brisa;  
Ao pôr do sol descanta o passarinho  
Seus mimosos amores na floresta,  
E em prazos dados desabrocha a rosa!  
Assim deslisa o rio, murmurando  
Queixumes por ventura namorados;  
Assim as primaveras se succedem;  
Assim no peito a simpathia surge,  
Creada pelos languidos olhares!...

O concerto geral da natureza,  
Feita a excepção devida ao cathaclysmo,  
Sensivelmente, não, não muda ao menos  
Para leval-a a extremos tão oppostos !...  
E portanto não ha fôra um motivo,  
Que lhe enlute o sentir a seu aspecto;  
Que lhe insinue os intimos gemidos;  
Que de magoas lhe embeba os pensamentos.  
O que é, pois, que a arrasta no declive  
Desse abismo de nadas oppressores,  
Que não sabe vencer, e em que resvala  
Apezar da vontade resistente ?!  
Donde provém a acção que a attrahe que a prende ?!  
Nem uma condição, nem uma idade  
Aquella mão gellada desconhece  
Do incorporeo, sem fôrma, indefinivel  
Phantasma dominante !... O pobre a sente,  
Que na humildade esmola o pão diurno,  
Sente-a o pastor que guia o seu rebanho;  
E ainda o rei com o sceptro seu em punho  
Dos destinos dos povos decidindo !...  
Do ancião pelos annos acurvado  
A mente se desvaira a consumir-se  
Horas inteiras em doidas scismas:  
O joven que o porvir afaga e encanta,  
Vê desbotada do horisonte as côres:  
E em meio de esperanças lisongeiras  
De amor, de adoração, e de triumphos,  
Suspira sem querer a virgem bella !  
Tê ao infante gentil, que insonte brinca,

Nesses momentos de imprevistas penas,  
Perdida a expansão livre, de repente,  
Dos olhos uma lagrima formosa  
Cáe transparente e pura, como o orvalho,  
Da corola das flores desprendido  
Em manhan nebulosa !... Presentindo  
A espontanea invasão do mal, no peito  
O coração ferido se confrange:  
Mas qual a meiga e timida pombinha,  
Que o gavião de subito fascina,  
Das azas o vigor perdendo, incerto,  
Arrebatarse deixa pelo espaço,  
Assim, coitado ! o misero se rende  
À discrição,—sem debater-se às vezes !...  
E como resistir, ai ! se em nós mesmos  
O espectro seguro se acastella ! !...  
Si nos força a aceitar o escuro prisma,  
Com que córa as visões, que a esmo escolhe ? !  
Sabedor do que valem tentativas  
Contra um poder indomito empenhadas,  
Eu que victima sou dos seus prestigios  
Desde a idade feliz, que é toda risos,  
Não mais esforços baldo em combatel-o:  
Do seu vigor immenso convencido,  
Tento o segredo apenas devassar-lhe  
E, erro, ou verdade uma saudade o creio,  
Que de modos diversos se disfarça.  
Ha uma vóz que o diz em nós, e eu onço-a  
No mysterio dos intimos colloquios !...  
Na terra peregrinos, quanto amamos,



Só como um dom ephemero nos cabe,  
Que tememos perder; e a idéa, embora  
Indistincta da perda suspeitosa,  
Por vir, mas de influencia irrecusavel,  
Aqui e ali pairando a cada instante  
No vago sentimento se converte  
Desse soffrer. Em vez de aborrecel-o,  
Com elle simpathiso, em que pungente;  
E até me apraz gostar-lhe o doce amargo:  
E mais docil que o infante á mãe que o adora,  
Deixando-me levar por seu influxo,  
Sem sequer perguntar pelo caminho,  
Nas regiões penetro que me indica,  
Tão indolente, descuidoso, e placido,  
Como a folha nas ondas de um regato,  
Que por valles incognitos descorre.





À MINHA QUERIDA BRANCA.

(No seu primeiro anniversario.)

---

Quando em chusma se agglomerão,  
Dia por dia surgindo,  
Novas graças em teu rosto,  
Quaes rosas que vão se abrindo;

Quando vão correndo os mezes,  
Que são a escala dos annos,  
Com signaes que te não faltão  
Dos favores soberanos;

Quando todos que te adorão,  
Vem festejar, minha Branca,

O primeiro anno que fazes  
Com doce alegria franca;

Quando tua mãe te veste  
Com mimosas louçainhas;  
Quando teu pae se não cança  
De beijar-te as facesinhas;

Quando, como a flor que encanta  
Passeias de mão em mão,  
Simpathias emanando  
Tão gratas ao coração:

No porvir todo a rever-se,  
Que a esperança lhe promove,  
Com que o peito lhe palpita,  
Porque alegre se commove,

O teu avô, meu anjinho,  
Não pode inerte ficar;  
E vem adduzir as provas  
De quanto te sabe amar.

Não te traz lindo brinquedo,  
Nem rico dom precioso,  
Mas conselhos porque tenhas  
Um futuro venturoso.

Oh ! si ainda os não entendes  
Procura guardal-os bem,

Para que te não deslumbrem,  
Nem os não altere alguém.

Quasi sempre é nossa sorte  
Talhada por nós somente;  
Valem por tanto as ideas  
Mais que o ouro omnipotente:

Cresce lirio immaculado  
Nos brilhos da formosura  
Mas alheia vãos desejos,  
Presas á singela candura.

Sê compassiva e bondosa,  
Cumpre a missão do Senhor;  
Ouve, a mulher é na terra  
A benção do Creador.

E porque do seu imperio  
Está na brandura o segredo,  
Que a mais rebelde vontade  
Subordina tarde ou cedo.

Do orgulho fuge que avilta,  
Da prepotencia que abate,  
Da violencia, que succumbe  
Do mais forte ao duro embate.

Quando amor tocar teu peito,  
Ama com doce firmeza;

~~~~~  
D'amor dar-se amor em troca,  
Manda a lei da natureza.

Ama o esposo, carinhosa,  
Ama o filhinho innocente,  
Cultiva, amando, a virtude,  
Viverás alegremente.





## O BOTÃO DE ROSA.

---

Je me transporte pour la pensée dans  
une campagne fleurie ou dans un  
jardin bien cultivé,

*Duguet.*

Eu amo as flores na terra,  
Como as estrellas no céu,  
Em noite escura brilhando  
Das nuvens por entre o véu.

Amo-as pelo seu aroma,  
Pela forma, e pela cor;  
Amo-as, como a um mimo d'arte  
Do pincel do Creador.

Amo-as; porque um sentimento  
Vigoroso e omnipotente

Me enleva de quanto é bello,  
Puro, suave, innocente.

Louras de um ouro polido,  
Branças de neve, e rosadas,  
Grandes, pequenas, ou mínimas,  
Verdes, roxas, anniladas.

Nada existe no universo  
Mais mimoso, e mais gentil,  
Do que estas filhas aereas  
Do reino em que impera Abril.

Duas quasi se não achão  
De igual traço, igual feição,  
Que se pareçãõ nos modos,  
No genio, e na perfeição;

Muitas primão por singelas,  
Muitos de adornos se cobrem,  
Muitas garridas se fazem  
Por que seus encantos dobrem.

Mas onde quer que se encontrem,  
Na campina ou na espessura,  
Teem sempre os mesmos agrados,  
Sempre a mesma formosura !

Si aqui são lindas, captivas,  
Quaes odaliscas no harem

Dos reis nos ricos palacios,  
Que tantas bellezas teem,

São ali tambem, silvestres,  
Nos jardins da natureza,  
Do monte a grimpa tocando,  
Dando esmaltes á deveza.

Gosto de vel-as em bandos,  
Como infantes a brincar,  
Seja ao sol de amena tarde,  
Seja á luz de almo luar;

Ou a mirar-se n'um lago,  
Curvas as faces mimosas,  
Ao primo albor matutino  
Faceiras, vans e vaidosas.

Praz-me ainda por acaso  
Deparal-as fugitivas  
N'algun recanto deserto,  
Como donzellas esquivas:

Porem, si um botão de rosa,  
Divagando, alcanço alem,  
Quão donosos pensamentos  
A mente afagar me vem!

A perigrina florzinha  
No seu calice envolvida

É qual coração de virgem  
Na innocencia adormecida.

Mil perfumados segredos  
Cada folhinha lhe encobre,  
Como o peito descuidoso,  
Quando palpita redobre.

Ambos tem o seu misterio,  
Sublime, arrebatador,  
Um, abrindo, nos efluvios,  
Outra, acordando, no amor !...





## A INFANCIA.

---

Dorme o somno da paz doce e profundo,  
Lindo anginho do céu, candido lirio,  
Do valle encanto e graça,  
Meigo, como o sorrir de aurora bello,  
Entre cheirosas flores variadas,  
Que em jardim deleitoso,  
Toda alegria e risos respirando,  
Plantou virgem louçan, pensando amores.  
É segredo o repouso da innocencia;  
E eu amo contemplar-te no repouso  
Por sobre o véu do somno transparente,  
Quando teu seio, como em leve harpejo,  
Se exhala em perfumados sons macios !  
Dorme ! quero sondar-te os aureos sonhos  
Do gesto na expressão sorprendidos;  
Dorme ! que te contemplo extasiado !  
Assim solta do barro, que te opprime,

Alma singela, que sorrir só sabes,  
Pomba innocente, que entre rosas brincas,  
O céu das illusões sem justo nome,  
Qual nem mesmo entrevê sequer o artista  
    Nos mais subidos vôos,  
Pode agora crear-te a mente livre,  
Digno, digno de ti, por ti formado  
À propria imagem tua sacrosanta!  
    Oh! nem dom celeste,  
Que tem da origem sua o grato aroma,  
Em meio das idades que te seguem,  
Do bem votado ao culto suberano,  
A ti só se assemelha o homem justo,  
Que a voz da consciencia amima e afaga,  
Emquanto de remorsos lacerado  
O mau no leito d'ouro se revolve,  
Qual se de espinhos de tocum nocivos  
Mão invisivel lhe alastrara os linhos  
E a superficie do colchão de plumas!  
Sim! nessas horas ao descanso dadas  
Este não dorme, não! horrendo espectro,  
Estorcendo-se em dor anda-lhe em torno,  
Como um agouro pela idéa em febre,  
E á sua cabeceira vem sentar-se  
Em gelido silencio agonisante!  
Mas tu, porém, que socegada e leda,  
Porque corres então estranhos mundos,  
Rindo em fagueiros extasis te elevas,  
Como um subtil vapor, nas brancas azas  
Do cherubim dos sonhos innocentes?!

Onde vaes? o que vês? que ouves? que sentes?  
 Si a memoria te fica, despertando,  
 Do que se passa na excursão donosa,  
 Responde ao vate, que te adora e pasma:  
 Lá nessas regiões do amor, do arroubo,  
 Onde chegas talvez, transposto o espaço,  
 O que é que assim te enfeita as faces lindas?

Porque? oh! sim! porque

Na candidez do teu jocundo rosto,  
 Tão bello, tão sereno, e tão mimoso,  
 Brillão divinos raios sobre encantos,  
 Que nunca mareou paixão impura

Com halito de serpe?!

Oh! quem sabe?! Só Deus, mas não revela,  
 Si douradas visões misteriosas,

Na lucidez angelica,

Ao templo da ventura te arrebatão!...

Eu vi pintada alegre borboleta,

Que em formosa campina esvoaçava,

Mal rompêra a manhan,

Com a relva, sem cuidado andar aos beijos

Até da tarde o fim, já noite quasi;

E inda a vi repousar depois n'um ramo

De copado jambeiro.

Correu ligeira a lua o campo aério:

As auras ciciarão mais fluentes;

Surgiu o sol: eis logo o alado insecto

A graciosa lida recomeça

Contente, como d'antes!

E nesse ente formoso a imagem tua,



Infancia amavel, cada dia brincas,  
Emquanto velas, seductora sempre;  
    E os brincos te não faltão,  
Porque, phenix, das cinzas se revivem  
Com novos inexhaustos attractivos !  
Para ti verte o cravo o seu aroma,  
Para ti seu susurro o zeph'ro solta,  
Para ti mana o limpido ribeiro,  
Para ti se reveste a natureza  
    De tantas maravilhas,  
Que gosas sem pensar na desventura !  
E quando de cançada te adormeces,  
Teu somno brando, como o som da brisa,  
É qual o emmudecêr de uma harmonia,  
Que do sonho no echo se repete,  
E no albor da manhã leve prosegue,  
Suave, como um osculo materno  
Pura, qual da assucena o odor esquivo,  
Que Euro imprudente lhe roubou no abraço  
De amorosa ternura mal cabida ! . . .  
Aureos dias da infancia prasenteiros,  
Parai ! onde vos ides assim prestes ? !  
Feliz a idade, em que o prazer é tudo,  
E entre prazeres se consome o tempo !  
Ah ! porque te não volves, doce amiga ?  
    Porque não mais afagas,  
Que uma só vez os teus, e vaes fugindo,  
Sem dó de ouvir gemer triste a saudade ? !  
Porque te ausentas na estação das flores,  
Que inda em botão surgindo vem do calix,



Tão lindas, mas tão jovens, mas tão tenras !!  
Oh ! tu podes durar mais largamente,  
E de azul, d'ouro e rosas adornados,  
Manter sem um senão teus horisontes,  
A voz interna ouvindo, que te falla !

Em germen desde o berço,  
Ha no fundo do peito um sancto affecto,  
Que a palavra te diz animadora:  
Não lhe cerres o ouvido: amor é tudo !  
Sim ! eu vejo ! ei-lo ahí ! vem todo cores  
O doce, o ineffavel sentimento,  
Casto, como sahiu da Eterna Essencia ! . . .  
Formosa Elina, dá-lhe abrigo n'alma:  
O nosso ardor primeiro o céu o inspira,  
E o coração não erra em voto amante,  
Ah ! talvez despertando o abalo sintas,  
Vago, indistincto, como a luz da aurora,  
Pulsar teu peito virgem brandamente ! ! . . .



## A MOCAMBA.

---

Longe d'hastea onde brotára,  
Murcha, enrola, e séca a flor;  
Longe d'agoa que o creára  
Morre o peixe nadador;

*João de Lemos.*

Brisas, flores, sol ridente,  
Lindo orvalho da manhan,  
Miragem dos meus delirios,  
Eis-me agora vossa irman !

Eu amo a presença vossa,  
Como a um riso de esperança,  
Como de amor as promessas,  
Que de ouvir jamais se cança,

Ao ver-vos, o instante livre  
Mais doce inda é pa'a mim,

Céus, permitti que o trabalho  
Me aproveite sempre assim !

Bem haja a agulha brilhante  
Quem manejar me ensinou,  
Bem haja quem por tal preço  
Um primor sen me pagou !

Quanto é doce a liberdade  
Da vida no movimento !  
Como é grata a quem perdeu-a,  
Si a recupera um momento !

Fonte, venho utilisal-a  
Mirando-me em tuas aguas,  
Para achar um lenitivo  
Ao menos ás minhas magoas.

Pungente duvida ás vezes  
O peito me vem ferir,  
E uma certeza quizera,  
Que a pudesse repellir . . .

Oh ! nada ter que fascine,  
Que gere externa affeição,  
É trazer a morte d'alma  
Guardada no coração ! . . .

Serei bonita, responde,  
Gentil, formosa, engraçada ?

Capaz de amar, qual me sinto,  
Posso vir a ser amada ?

Eu lisonjas não te peço,  
Meu desejo entende bem;  
Faz-se a esperança um veneno,  
Quando a descrença nos vem.

Ah! si os meus olhos são vivos,  
Como os retratas ahí,  
Não ha olhos mais faceiros,  
Nem tão lindos inda vi !

Assim só brilhão estrellas  
Das nuvens per entre o véu  
Nas noites em que de negro  
Se reveste todo o céu !

É perfeito o talhe esvelto,  
Que desenha o teu cristal  
Como no sonho ao poeta  
Se figura um ideal.

Mas essas formas mimosas,  
Esse meneio elegante,  
São feições minhas, ou nascem  
Da tua vaga ondeante ?

Sim. . . já creio: não me illudes;  
Tens o seiõ transparente,



E a face serena e pura,  
Tão diversa de quem mente.

Porem, ai de mim ! que importa  
O ser bella a triste escrava,  
Si na fronte traz o estigma,  
Que lhe impoz a fronte ignava ?!

Eu sou a pobre violeta,  
Que entre camelias nasceu,  
E no jardim, tolerada,  
Com as alvas flores cresceu.

Respirei os seus perfumes,  
Ao mesmo sol me aqueci;  
Tomei-lhe, incauto, os anhelos  
E o meu futuro previ.

Mas profana mão não tente,  
Nem de leve, me tocar . . .  
Antes quero em abandono  
Abrir, pender e murchar.

Chegar não posso ao destino  
Daquellas divinas flores;  
Pois bem ! meu fado se cumpra:  
Morrerei sem ter amores ! . . .

A MINHA QUERIDA FILHA ZENAIDA M. DE BERREDO.

No dia 28 de Janeiro de 1865.

---

Como um presente, que almejado vinha  
Grato em resposta ao paternal desejo,  
Em doce arroubo a palpitar-me o peito,  
No teu bercinho ainda a sorrir te vejo !

A borboleta que embelleza a vista,  
Quando se despe do infantil setim,  
Antes que o vôo deslumbrante solte  
Dorme nas folhas de uma rosa assim !

Como erão lindos esses olhos meigos,  
Rivaes de estrellas a luzir no céu,  
Ora se abrindo sobre a luz ridente,  
Ora nos cilios procurando um véu !

De vivo affecto voluntaria presa,  
Horas sem conta a te adorar passei;  
E da esperança, e da alegria ao susto,  
Nas minhas crenças de continuo errei.

Si por momento te suppunha um lirio  
Rico de seiva na estação mimosa,  
Ou qual da aurora o rosicler dourado,  
Certo prenuncio de manhan formosa,

Ai! quantas vezes concentrado e triste  
Sobre o teu rosto um triste annuncio vi!  
Quantas de dôr estremeceu minha alma  
Em pranto amargo a soluçar por ti!...

Eras tão tenra! sim! saber não podes  
Quantos desvelos despendi contigo,  
Como por vezes disputei-te á morte  
Na fé seguro de um poder amigo!...

Mas qual airosa n'um relvoso prado  
Cresce a palmeira e se balouça ao vento,  
E faz o orgulho do vergel frondoso,  
Pezar do raio o furacão violento,

Assim cresceste nos paternos lares,  
Bella a principio pequenina flor,  
Depois n'um anjo transformada logo,  
Cheio de encantos, de doçura e amôr.

E hoje a alegria no meu peito entornas  
Com um só sorriso dos sorrisos teus,

E me compensas, porque és venturosa  
Da assiduidade dos cuidados meus.

Ouve entretanto, e me perdoa o orgulho,  
Si tal orgulho de perdão carece:  
Amo-te assim, porque és a imagem viva,  
A encarnação de uma constante prece.

Quando em silencio te contemplo, ó filha—,  
Cecem mimosa, que os jardins não teem,  
Minha alma em extase ao Senhor tributa  
Odoró incenso que dos céus lhe vem.



## HERMINIA Á LUCILA.

---

Si me tocasses no peito,  
Si os meus ais ternos ouvisses,  
Si penetrasses meus sonhos,  
Si minhas penas sentisses;

Si amiga leal, Lucila,  
Do meu pranto te doesses;  
Tal pergunta, qual me fazes,  
Confio que não flzesses.

Amada, um prazer me fora,  
Definir o sentimento  
Mais doce e melhor da vida,  
Quando logra o seu intento,

Mas a ventura endurece,  
Desprezando o mal alheio:

Tu és feliz, que te importa  
O que se passa em meu seio ?!

Queres saber, inhumana,  
O que entendo por amor ?!  
Direi; mas ouve ! segredo !  
Não transpire a minha dor !...

Não vás expor-me ao desprezo  
Dos que não tem compaixão,  
Dos que descreem nós pendoros,  
Nas vozes do coração.

As mais não sei o que julgão,  
Nem o que podem sentir,  
E só por mim, o que penso,  
Von-te agora repetir.

Oh ! talvez o não entendas,  
Como passo a descrever,  
Que amor pago, e amor devido  
Não se podem parecer !

Amor é um vago desejo,  
Uma tímida esperança,  
É riso e solução a um tempo.  
E um receio que não cança.

Cada qual de nós colloca  
O seu n'um querido amante,

Que é dos nossos pensamentos  
O fiel representante.

O meu é um jovem moreno,  
De lindos olhos rasgados,  
Que de continuo suspira,  
Que dá gemidos magoados.

Gentil, engraçado e bello,  
De meigo olhar mavioso  
É, como a ternura, brando,  
É, como um rei, orgulhoso.

Jamais ouvi de seus labios,  
Siquer um voto por mim,  
E pois de orgulho me dispo,  
Mesquinho ao pintal-o assim.

Si se ausenta, definhando,  
De tantas magoas padeço,  
Que no mais triste abandono  
De mim mesmo até m'esqueço.

Quando o vejo, em minha mente  
Se desenha um paraíso,  
Quando falla, me arrebató,  
Desfalleço a um seu sorriso.

## OS NOIVOS D'ALEM TUMULO.

(Romance.)

---

Junto á Lisboa, nesses bellos tempos  
De acções sublimes, de renome e gloria,  
Em que seus filhos, por brilhantes feitos  
Davão assumpto á mais lusida historia,

No fim da tarde de um formoso dia,  
Surdo murmurio, qual o mar só tem,  
Como em segredo annunciáva timido  
Atroz procella, que bramia alem.

Cahira a noite, e densas nuvens negras  
Punhão no espaço em lutuoso véu:  
Crebros relampos scintilavão igneos  
Pelas cratêras dos vulcões do céu!



Ao perto e ao longe com fragor medonho  
 A voz soava de infernaes trovões;  
 Chovia o raio em labyrintho immenso  
 Da tempestade pelas regiões !

E o rijo vento com vaivens redobres  
 Tenaz batia na espaçosa frente,  
 Placida e firme de granito e marmore,  
 Do alto castello que campea um monte.

Porem o acervo inabalavel, mudo  
 O insulto encara com desdem garboso,  
 Ebrio da gloria dos volvidos seculos,  
 Ri-se o gigante do tufão vaidoso.

Mas não assombra da materia o arrojo;  
 A pedra e o ferro coração não teem:  
 Ha ali quem sinta só saudade e amores,  
 Que o mais não ouve, nem lhe os olhos veem!

.....

Todo fechado o monumento heraldico  
 Só luz derrama, que fulgura bella.  
 Como aurea estrella atravessando um bosque,  
 Por entre os vidros da central janella.

Gentil mancebo no verdor dos annos  
 Attento vela no portão da arcada:  
 E dous corceis de puro sangue arabio  
 Se impacientão da inacção forçada.

É um mais branco do que a branca neve,  
O outro que a noite inda mais negro é:  
Qual morde o freio, qual rinchando salta,  
Qual fere a terra com ligeiro pé.

E o lindo pagem distraído cora,  
Como donzella que escutasse um voto:  
Quem no silencio lhe segreda fallas,  
Que só elle ouve com prazer ignoto?!

Oh! como a adora aquelle peito forte!...  
Si um dia amar, eu quero amar assim!  
Tal murmurando, repetia o jovem  
No devaneio a divagar sem fim.

Mas ai que um vulto no balcão assoma,  
Helino! clama, e o pagem diz: Senhor!  
Amigo, alerta! continúa, eu desço;  
Tem pela redea o meu fiel Primor!

E logo o echo a bocejar desperta,  
Sôando ás pressas o tinir da espora:  
Range nos gonzos a pesada porta;  
Eil-o! Rui Mendes! de partir é hora.

Si em mão de artista que inspirasse o genio  
Cinzel dividô as proporções lhe dera;  
Nem mais galbardo, nem mais nobre o vulto,  
Nem mais garboso e marcial fizera!...

Trajava sedas e velludo e rendas,  
Chapéu de plumas, que era a usança dada;

De animo fortissimo um distinctivo,  
Por armas tinha só, na cinta a espada.

Mal poz-lhe a vista, o seu ginete negro  
Se alça, e encapota de elegancia cheio;  
Depois se curva, respeitoso e humilde,  
À disciplina, que lhe impõe o freio.

Agil, o estribo desdenhoso engeita,  
Já sobre a sella o cavalleiro está;  
Affaga as crinas do animal, e brada:  
Primor, avante! quero vel-a, e já!...

.....

Senhor e pagem n'um momento partem,  
Soltas as redeas dos corseis ardentes;  
Não mais se avistão na extensão das trevas  
Mas na corrida inda lá vão frementes!...

Tal rompe os ares sibilante setta,  
Tal despenha-se o rio caudaloso,  
Tal vôa a bala, devorando o espaço,  
Tal rug e brame o furacão ruidoso!

Chispa na pedra a ferradura d'aço,  
Arfa o cavallo, o cavalleiro salta;  
A espada n'anca retinindo açouta;  
Aos pés do bruto quasi a terra falta!

Mas elles parão: já não correm, não!  
Porque nao seguem na veloz carreira?!

Quem disse á louca tempestade—esbarra?!  
 Á audaz torrente, quem traçou barreira?!...

A voz de um homem lhes chegara ao ouvido,  
 E a voz dizia: Cavalleiro, ouvi!...  
 Covarde fôra, e descortez, si acaso  
 A tal reclamo não parasse ali.

Ah! quem podêra ao cavalleiro entanto  
 Pôr ante os olhos o nefando ardil!...  
 Quem lhe apontara a venenosa serpe  
 Armando o bote traçoeiro e vil!...

Emquanto espera á fementida prece,  
 Como vendado pela escuridão,  
 Mão invisivel com vigor lhe crava  
 Punhal agudo sobre o coração!...

A dor immensa não lhe arranca um grito,  
 E... brilha o ferro, já na destra alçada;  
 Mas ai! de balde que o assassino foge,  
 Foge, covarde! abandonando a estrada!

E logo o sangue o cavalleiro vendo  
 Jorrar do peito em borbotões, bradou:  
 Oh! não vingar-me do reptil infame!...  
 E horrenda praga, sem querer, soltou.

O fiel servo, como louco estava;  
 Tentara ao monstro perseguir no campo;



Mas voltou presto a soccorrer seu amo,  
Tão longe o vira n'um fugaz relampo!

.....

Ah! segue, Helmo, que o infeliz lá vae,  
Em marcha lenta; porem firme e calma,  
Aos pés da amante, que saudosa o espera,  
Depor um corpo de que foge a alma.

Pobre Geloira! murmurava então,  
Com um fino lenço comprimindo o peito,  
E ia vencendo vagaroso o lance,  
Que inda restava do caminho estreito!

E era o Rui Mendes, de momentos antes,  
Tortura, e inveja dos salões dourados!!  
Quanta incerteza no porvir da sorte!  
Quantos sorrisos pela dôr trocados!...

Pura, suave, de expressão sublime,  
No paço altivo que se eleva em frente,  
Ao som de uma harpa, harmoniosa e doce,  
Uma voz d'anjo canta alegremente:

Ah! sempre tardas, si ouço o meu desejo;  
Vem, não transponhas o aprazado instante;  
Vem, quero ver-te, quero estar contigo,  
Quero escutar-te louca e delirante.

A bella virgem pára, e escuta attenta:

É elle! exclama, e corre a ver, sorrindo,  
Sem suspeitar que esvae-se-lhe a ventura,  
O triste amante que já vem sobindo!

A seu aspecto sólta um grito agudo,  
Grito pungente pela dôr eleito!  
Notara a enorme pallidez do rosto,  
Notara o sangue que lhe mancha o peito!...

Que mão cruel poudé ferir-te, amigo,  
Diz,—já não vive quem tentou matar-te:  
Nobre e valente, sem rival nas armas,  
Era impossivel delle não vingar-te!...

Ah! não! fugiu-me! nem lhe sei do nome!  
Fatal destino o braço occulto armou!!  
Adeus, Geloira! a voz da campa escuto,  
A hora solemne para mim sòu!!...

Vencêra a morte o luctoso pleito!  
Vascila o bello cavalleiro, e caê!  
Mas, como a hera que se enlaça ao roble,  
Com elle abraçada a pobre virgem vae!...

E nas angustias de uma dôr sem nome,  
Ah! morte! morte! a soluçar bradou;  
E mais não disse, e contemplando o amado,  
Como uma pomba, placida expirou!!...

Ambos nascerão pr'a união perenne;

Cumprirão ambos a missão de Deus;  
Junctos pagarão seu tributo á terra;  
E forão juntos habitar os céus!!



## NÃO QUERO.

---

Tu me esperavas, bem vejo  
Na agitação de teus seios  
Entre o susto, e entre os receios  
De uma noticia fatal;  
Coragem pois, meiga pomba!  
Não! não era vão teu medo!  
Feriu-nos a sorte cedo;  
Traiçoeira e desleal!

Hontem, quando adeus te dice  
De saudades repassado,  
Mas alegre, e confiado  
Da ventura no porvir,  
Nem a idéa me occorrera  
Desse infortunio tão forte,



Que me pesa mais que a morte,  
Porque o vaes tambem sentir!

Mas de volta eis-me, e nos traços  
Podes ler-me do semblante,  
Que um desfecho fulminante  
Meus sonhos d'ouro annullou.  
Ah! perdão, si a paz no entento  
De tua alma doce e branda  
Quebrou-se á voz de quem manda  
Na sentença, que sôou!

Gemes, e choras?! silencio!  
Poupa a lagrimas teus olhos.  
Sejão embora os escolhos,  
Em que triste naufraguei.  
Oh! não empanes o brilho  
Dos astros, puros, formosos,  
Lindos, vivos, luminosos,  
Que tanto tempo adorei!

Fui talvez um criminoso;  
Porém vês, que arrependido  
De muito te haver querido,  
Por te querer inãa mais.  
Agora dêra o meu sangue,  
Todo o meu ser, minha vida  
Só para ver-te remida  
Desse pranto, e desses ais!

É o negro um desgraçado,

Que o captiveiro condemna,  
Que ninguém sabe si pena,  
Que não tem nada por si.  
Mal fiz pois em ter-te visto,  
Vendo não devêra amar-te  
Ou então logo olvidar-te  
Sem jamais pensar em ti!

Baldei, Elisa, os meus passos,  
Foi-se-nos toda a esperança,  
Ah! risquemos da lembrança  
O nosso infeliz amor!  
Ha de ferro uma vontade  
No poder quasi infinito,  
Que contrasta a minba dita,  
Maldição!... tenho um senhor!...

Que és tambem uma captiva  
De dizer te não reservas,  
Mas da condição conservas  
Sómente o nome fatal.  
Por senhora tens um anjo  
De uma ineffavel doçura,  
Que te franqueia a ventura  
Com carinho maternal.

A mim mesquinho, tocou-me  
Bem differente destino;  
Pertença a um homem de tino,  
Que só pensa em prosperar!

Que sem ser nem um tirano  
Do coração se não fia,  
Calculando noite e dia  
Riquezas accumular ! . . .

Quando ha pouco lhe rogava  
Que nos tornasse felizes:  
Tu não sabes o que dizes ! . . .  
Bruscamente respondeu ! . . .  
É de um louco esse pedido . . .  
Não quero ! . . . depois—pensando,  
Dice, a palavra adoçando,  
Ella é d'outrem, tu és meu ! . . .

Da fazenda, porque ao menos,  
Onde ha tanta escrava bella,  
Não pedes uma donzella,  
Que eu te possa conceder ? ! . . .  
É o alheio de seu dono;  
O meu é meu tão sómente:  
Não vas, assim, descontente,  
Do que me nego a fazer.

Fallar-lhe nos teus talentos !  
Nos teus dotes e recato !  
No teu genio tão pacato  
Foi o mesmo para mim ! . . .  
Onve, Carlos, repetiu-me:  
És solteiro; não te vendas;  
Quem te assegura essas prendas  
Que lhe estás gabando assim ? !

E... afinal!—dos teus serviços  
Sabes bem quanto careço,  
Como os tenho em grande apreço  
Para delles prescindir!  
São me precisos sem quebra  
Promptos sempre a cada instante;  
Com uma esposa terna, e amante,  
Tu m'os fôras repartir!...

Ah!...—servir a vida inteira  
Sem ter outro pensamento;  
—Não descançar um momento  
Sendo oprimido e leal;  
—Obedecer sempre, e sempre,  
Deslembrando-se que pensa;  
—Não merecer recompensa,  
Sirva bem, ou sirva mal;

Eis, Elisa, da existencia,  
No banquete deslumbrante,  
O quinhão quasi constante,  
Que recolhe a escravidão!  
Si ali canta o passarinho,  
Si se alegra o vagalume,  
Si verte a flor seu perfume,  
Geme o nosso coração!...



## DEUS E O HOMEM.

---

Le fond de cette religion ne consiste dans aucune cérémonie extérieure, car elle consiste toute entière dans l'intelligence du vrai, dans l'amour du bien souverain.

*Fenelon.*

O sublime espectáculo do universo,  
Todo de gallas perennaes ornado,  
Em silencio eloquente eis que o proclama  
A não poder negar-se-lhe a verdade,  
Que soberano impõe-se por si mesmo !  
Sim ! . . . a tanto esplendor indifferente,  
Quem ha tão mal herdado que o não veja ?  
Quem o não sinta acaso, tão inerte ? !

Ai ! triste do que cego o desconhece  
De tantas provas por ventura em meio !  
Louco o que conhecendo o engeita ainda !  
Entre o effeito e a causa um laço existe  
Legitimo, forçoso, e necessario,  
Que invisivel embora muitas vezes,  
Manifesto, inda bem, se não extingue  
No facto pelo tempo consumado ! . .  
Só para o que se emperra duvidoso,  
Da terra ao firmamento, ininterrupto,  
Positivo, e distincto em seu sentido,  
Eil-o, que se revela a cada instante,  
Como se permanente um verbo fosse,  
Aqui, ali, alem, agora e logo ! . . .  
Livres de prevençãõ olhai, descrentes,  
E o contrario dos mais dizei, si vèdes ! . . .  
Onde quer que a attenção paire um momento,  
É sempre a luz do fôco procedendo,  
O aroma é, que a flor do seio verte,  
As cores festivaes, que se revivem,  
O som, que se propaga, e acorda os êchos  
Dormentes sobre nuvens caprichosas,  
O espaço a percorrer nesse infinito,  
Em que a vista se esvae mesquinha e fragil !  
É mais ainda a planta multiforme;  
É mais o mar com os seus segredos todos !  
São do céu essas perolas brilhantes,  
E enormes, que suspensas se equilibraõ  
Às leis do movimento obedecendo !  
É quanto vive, e por demais o homem

Absorto e reverente!... Ou suba, ou desça,  
Élo por élo, na cadeia infinda  
Que envolve tudo, activo o pensamento,  
Qual, si uma estrella lhe indicasse o cume:  
Seguindo o traço místico, indelevel,  
Chega em vôo seguro á Causa Eterna;  
Como se abate, sem perder o trilho,  
De espanto cada vez mais possuido,  
Até parar no atomo impalpavel!...  
E na longa excursão, sem termo, immensa,  
Por essas regiões immensuraveis,  
Em que os mundos, e os seres se assoberbão,  
Quanta harmonia, que belleza e ordem!  
Que infinito saber! que omnipotencia!  
Atheu! onde a materia achou taes dotes?!  
Como fôrça creou-se intelligente?!  
Bruta, como tal plano lhe é devido?!  
O erro é só do erro que procede,  
Do mal o mal, o bem do bem somente  
Podia dimanar. Um braço occulto,  
Nas leis porque se rege a natureza,  
Descobre-lhe a existencia irrecusavel;  
E impenetravel de misterio augusto,  
Ao certo, si não pode definir-se,  
Nada ha que plenamente o não confesse,  
Nada que lhe não renda vassalagem!...  
Com empenho inexhausto em seu proposito,  
Para narrar-lhe a gloria immorredoura,  
O espaço dia e noite se illumina  
Entre o sol e as estrellas repartido!



O tempo reproduz-se interminavel  
No inverno, primavera, outono, e estio,  
Cristaes, flores, e fructos alternando;  
A ave descanta, os animaes se alegrão  
Da vida em todo o reino palpitante! . . .  
Ante a Divina Essencia extasiado  
Nesse concerto vasto, e sem limites,  
De perfumes, de luzes e de cores,  
De formas, de repouso, e movimento,  
De vozes, de silencio, á humanidade,  
Porque não fique aquem do seu destino,  
Para nunca aviltar-se, o que compete?!  
Impor-lhe um culto alguém fôra sacrilego;  
Mas em seu peito a gratidão transborde  
Mais pura do que a mirrha, e do que o incenso,  
E sua alma de amor seja uma fonte:  
Fonte de amor que ao Creador se exalce,  
De amor, que baixe igual ás creaturas,  
Sempre de sancto sentimento unguido.  
Os preceitos assim comprindo justos,  
Que em si, que fôra d'elle impressos fulgem  
Por toda parte nitidos, um antiste,  
A quem cabe um dever, e o jus não falta,  
É cada qual de nós perante o Altissimo;  
Que magestoso na grandeza excelça,  
Do seio do Infinito immensuravel  
De benções accumula os seus eleitos  
Sorrindo de ineffavel complacencia.



A EXM.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. J. T. L. LISBOA.

Em signal da mais profunda estima.

---

O anjo que desce ás vezes  
Das alturas infinitas  
Nessas horas mais bemditas,  
Que me concede o Senhor;  
Que vem n'alma segredar-me  
Tantas cousas primorosas  
Com doces frases mimosas,  
Resplandecente de amor,

Da nuvem sua de prata  
Flores de neve fingindo,  
Canta! me dice sorrindo,

E preciso me é cantar:  
Quero, dice, um lindo canto:  
Canta a formosa donzella!  
Na mente tens a mais bella  
Para os carmens te inspirar,

Depois, partiu, como veio,  
D'essencias e luz cercado,  
Deixando-me inebriado  
Dos seus effluvios subtis.  
Não temo pois que me falte  
A voz do coração em meio,  
Nem cadencias, nem torneio,  
Nem pensamentos gentis.

Desd'ahi teu nome, escuta,  
Stá-me dos labios pendente,  
Tenho o teu rosto presente,  
E o teu coração tambem.  
Sim!... Tão perfeito, onde um typo  
Da celeste formosura?  
Onde acaso mais doçura,  
Maior distincção no bem?!

Porque então emmudecias?  
Me dirás talvez: no intento,  
Quem tolheu-te o sentimento,  
Que se queria expandir!  
Donzella, eu sondei a causa  
Dessa van desharmonia:

Crê que em nada te offendia,  
Que te não debes sentir.

Sem murchar a sempreviva,  
Do patrio galho cortada,  
Pode ser admirada,  
—Correndo de mão em mão:  
A sensitiva ao contrario,  
Melindrosa extremamente,  
Tê do orvalho se resente,  
Que lhe traz a viração.

Ah ! si não sôu em a lyra  
No mesmo instante afinada,  
Foi por temer-te magoada  
Na tua modestia em mal;  
Gemia a canção no peito,  
Por espaço e luz clamando,  
Para soltar-se esperando  
Da liberdade o signal.

Agora porém consente,  
Que falle de dotes tantos,  
Ojaná, desses encantos,  
Que não podes esconder !  
Cumpra seus votos o artista,  
Do bello no ardor intenso,  
Quando qu'ima arabio incenso  
Das divindades ao ser.

O que teem o céu e a terra

De riquezas preciosas,  
De lindas cousas donosas,  
Que possa igualar-se á ti?  
Oh! na campina azulada  
Por onde os astros se accendem,  
Nem onde as flores rescendem  
Primores taes inda vi!!

E são-lhe entanto os adornos,  
Milhões de vezes cantados,  
Pelo Eterno ali creados,  
Modelos de perfeição!  
Aquelles no immenso brilho,  
Este no seu gesto brando,  
Outros nas graças primando,  
Que toca á imaginação!

A lua é menos serena,  
Do que o teu meigo semblante;  
Cede a estrella rutilante  
Dos olhos teus ao fulgor:  
Desmaia de inveja a rosa  
Na debil haste pendida,  
Curvando a face escondida,  
Que mais desmerece a dor!

Assim porém ser devia,  
Que o divino pensamento  
Em vista teve um portento,  
Quando a donzella creou.



Como a flor da humanidade,  
Quando a fez boa e sensível,  
Quando a pôz do anjo ao nível,  
Quando d'amor a dotou!...

Ojaná, na linda classe,  
Porque sigo o culto santo,  
Tu tinhas jus ao meu canto,  
Da lyra as cordas vibrei!  
E a contemplar-te arroubado,  
Si me é a toada espontanea,  
Tudo tem de consentanea,  
Que só em ti me inspirei!...



## COLOMBO.

---

.....é o unico homem obstinado  
na existencia d'outro mundo, e um  
novo mundo lhe surge das ondas,  
que sulca.

*Chateaubriand.*

Porque de grandes feitos se assoberbe  
Na successão das decorridas éras,  
Que a memoria proclama sublimadas,  
Ante quem curvarás a face augusta,  
Filha mimosa da liguria raça ?!...  
Si as nações têm direito de ufanar-se  
Dos actos, que seus fastos abrilhantão,  
E dos annos não pode a humida esponja  
O fulgor apagar de acções heroicas;  
Do teu antigo posto despojada,

Que tanta fama deu-te no universo,  
Patria dos Dorias, de Veneza inveja  
Na arena do Levante, exulta ainda,  
D'outros titulos no preço confiando,  
Que a universal justiça reconhece!...  
Quando nem uma gloria te adornasse  
No commercio, nas armas, e nas letras,  
Na industria, nas sciencias e nas artes,  
Campo fecundo á exploração aberto,  
Que tantas vezes cultivaste ovante:  
Quando nem um só feito ennobrecesse,  
Durante seculos da existencia tua,  
Os teus braços, ó Genova: esses louros  
Colhidos tão distante em plaga estranha  
Sem mais que a audacia sua immensuravel,  
Que a inspiração sem mais e a fê robusta,  
Por um teu filho superior aos homens,  
Vencida a nobre e maternal contenda,  
Um nome eterno a dar-te erão bastantes.  
Mãe, revê-te na prole que te illustra!...  
Desse esplendor moral desvanecida,  
É bello o orgulho que te invade o peito!!...  
Onde esforço tamanho, onde constancia  
Igual soube manter-se em tal altura  
Contra os reis, contra os povos prevenidos,  
Que no saber do tempo confiavão,  
Recusando o valor da san verdade?!  
Triumpho, onde, tão amplo e tão completo  
Depois, em dura lucta de gigante  
Contra rebeldes forças congregadas,

Rasoaveis, ou brutas alcançon-se?!...  
Do teu Colombo intrepido a memoria,  
Alma, e viçosa, atravessando os seculos,  
Enche de um continente a extensão toda,  
Que a flor, o ouro, e as gemmas enriquecem!  
Seu verbo inda no Atlantico se escuta,  
E a historia ha de lebral-o alem dos évos!...  
Ja, desde a muito, inquieto, fermentava  
Naquelle vasto craneo comprimido,  
Tal, como a lava, de um vulcão no seio,  
O nobre e grandioso pensamento!  
O coração, pulsando, o compellia!  
E a vontade o tentava a arremessar-se  
Mais que insoffrido, impaciente, e fervido,  
Ancioso de vencer, na empreza enorme!...  
Entanto só mais tarde o viu Veneza  
O thesouro offerecer quasi impossivel!  
Mas certo já de tel-o, em seu conceito,  
Do dom por tão senhor, então se havia,  
Como um sultão se fosse, promettendo,  
No cofre seu, seguro, á abrir-se facil,  
O diamante de Ophir mais lindo e rico!!  
Oh! não estranho não que toda em pasmo,  
Assim, da nota a ouvir-lhe o arrojo extremo,  
A soberba republica o descesse!  
O presente de um mundo era uma hyperbole!  
Tal o julgou, por certo o rei dos lusos;  
E o de Hespanha talvez tambem o crêra,  
Si menos onliado em seu destino,  
Os sonhos não sonhasse do Oriente



Pelo archanjo do amor acalentado,  
Nesse paiz das fadas e dos genios.  
Mas eil-o em fim porem, transposta a valla,  
Que a inercia o condemnava da penuria,  
Alvo de zombarias muito embora,  
Sulcando agora o oceano aventureoso,  
Com um nome mais a lhe excitar os brios!...  
Na expansão da alegria lisongeira  
O porvir ante os olhos se lhe aclara;  
Não explora mais, não, marcha à conquista!  
E só com os tres navios à seu mando,  
Que já lastima o vulgo antes dos damnos,  
Para mais ver se innavegaveis quasi;  
Pelo deserto impavido avançando,  
Na firmeza affrontára o proprio Xerxes,  
Que as náus da armada sua mal contava,  
Quando no mesmo rumo concorressem!!...  
Sobre a modesta proa da almiranta  
Extatico a scismar meditabundo,  
Em que fitava então o olhar agudo  
Aquella aguia do liquido elemento?!  
O que a attenção tão longe lhe levava?!...  
Lá onde o mar com as nuvens se confundem,  
E ninguem vê senão do espaço o termo;  
Á mente sua avulta sobranceira  
Essa porção da Atlantida, quem sabe,  
Si resto de tremendo cataclisma,  
A Guanany phantastica e risonha,  
Bella irman das Lucayas tão formosas,  
Que uma a uma aõ depois se vão mostrando!

De tal contemplação muda e sublime,  
Em que a alma toda a um ponto dirigia,  
Quem tivera o poder de desvial-o?!  
O bramido das ondas que lhe importa?!  
Dos ventos que lhe importa a horrivel furia?  
E a quanto occorre, alheio e indifferente,  
A fome e a sede ainda, em que lhe tocão?!  
A solidão què tem com aquelle espirito?!  
Que vale o tempo a quem não conta os dias  
De uma idéa no apreço absorvido?!...  
De correr era a ordem providente,  
E a carreira afrouxar se não deixava.  
Ao leme e á vela tumida de acordo,  
Submisso apezar da lei que oppõe-se,  
Fatal, a todo o empenho soberano,  
Aqui se revelando nas correntes,  
Nas procellas ali, e alem nas syrtes,  
Segue portanto avante o airoso lenho,  
Que no herisonte limpido se embebe!  
Quantas vezes saúdou-o o rei dos astros  
Naquella longa marcha interminavel!  
Quantas lhe trouxe a noite os leves somnos,  
Sem que tocasse a meta desejada,  
Nem a praia em visão se lhe antolhasse!  
Na cançada porfia persistindo,  
Tu podias teimar, famoso chefe,  
Proseguir muito e muito, e mais ainda  
Sem duvidar siquer do achado esplendido:  
Eras nas mãos de Deus livre instrumento,  
E luminosa te sobrava a crença!



Mas esses que a cobiça dominava  
De pudor só com um resto, que esvaiu-se  
Do desalento no despeito amargo,  
Teus homens, esses não... Ouve, são elles!  
Do porão em revolta combinados,  
Alerta! que do punho vem tirar-te  
O marco provador dos teus triumphos!!...  
Oh!... eis o que importava que fizesses:  
E erráras, si outro fosse o porte acaso:  
Assim! essa firmeza é que te cumpre!  
Commanda o genio, e o vulgo lhe obedece  
De um poder superior subjugado.  
Como um favor te exaltas concedendo-o:  
Ah! do praso não temas que lhes dêste,  
Porque inteira a promessa ha de cumprir-se!  
Nullo, ou immenso a recolber em pouco,  
De tanto afan, de tanta insana lida,  
Pendia então 'e um passo o resultado!...  
Tinha porem de ser!... tres vezes salve!!  
O mortal que se vota a seus caprichos  
Na senda dos projectos transcendentes,  
Da ascensão no labor esbaforido,  
Pode rolar por subita vertigem  
Do cume da montanha em fundo abismo;  
Mas quem de cima a inspiração recebe;  
Em que lhe trema sob os pés o globo,  
Sem vascillar transmonta os precipicios!!  
Isolado por certo em seu designio,  
Oh! não era de um peito a veleidade,  
Que naquella insistencia se encarnava!





O anhelos de uma immensa descoberta  
Sentido era talvez da Europa em peso,  
Confuso e vago ainda, como o instincto,  
Mas parte o formulava claramente,  
Com Portugal á frente. A Providencia,  
Assim, no movimento inconsciente,  
Com a previsão que não descrepa um atomo,  
Em seu saber misteriosa e attenta,  
Boa e sublime, preparava em tempo,  
Do pauperismo a solução futura,  
O refugio de crenças perseguidas,  
E um berço as gerações americanas,  
Que aos maiores destinos se encaminhão!...  
Com a immensidade a se es'ender em frente,  
Tão nua, como o vacuo em seus dominios,  
Mas no vôo entretanto inabalavel;  
Bem que sentisse fermentar ainda,  
Prestes a derramar-se por cem bocas,  
No seio seu minando surdamente,  
O tredo intento, moderado apenas,  
As azas não colhia o velho cisne!...  
Onde vae?! que destino lhe prepara  
Do Eterno o braço invisio e omnipotente?  
Vasios, lentos, tristes, anciosos,  
Das illusões com os ultimos lampejos,  
Os dias do penhor erão passados!  
Recrescêra o terror! não mais engana  
Desse falaz secego a cor sinistra!...  
A respirar blandicies na apparencia  
Assim da natureza os elementos,



Como si forão de razão dotados,  
Negro projecto meditando, as vezes,  
Para soltar-se em furia se concentrão !...  
O discreto, mas perfido silencio,  
Que não quebrava nem o arfar do peito,  
Oh ! era a calma a preceder o raio !...  
Contra o heroe que repousa em confiança  
Em meio da mudez falsa, enganosa,  
N'um clamar repentino transformado,  
Eil-o que irrompe em furiosa grita,  
Morra ! troando, o fementido, morra ! !  
Os echos tiritarão de medrosos,  
E no ceu que tão lucido se enfeita,  
O cruzeiro nublou-se esmorecido !  
Ia o deserto ser deserto sempre,  
E á fé milhões de crentes desertarão !...  
Quando acabou-se a humana tempestade  
De dar do seu furor aquelle annuncio,  
Contraste singular, e inesperado !  
Terra ! se ouvia do atalaia. Terra !  
Terra ! exclamava a multidão fremente !...  
E o que vinha buscar a affronta e a morte  
Nas mãos de seus algozes implacaveis,  
Ao cumulo da alegria transportado,  
Das ovações na confusão se enreda ! !...  
Oh ! era-te devida recômpensa,  
Dos marinheiros teus arrependidos,  
O franco e estrepitoso enthusiasmo !  
Toma-o, marujo, por melhor que c'roas !...  
Dá largas ao prazer que te arreбата !

E, si tanto exigir a natureza,  
O teu pranto mistura ao pranto delles  
Sem corar da emmoção ! baixo, ignobil,  
Só do temor avilta o sentimento:  
As lagrimas do forte o não deshonrão !  
Ali está da palavra o desempenho,  
Que cavalheiro déste ao rei da Hesperia;  
E livre a tinhas já, quando choraste !  
Incas, Astécas, Natchez, que fostes  
Da patria vossa, e bens desapossados  
Pela cobiça infrene succumbindo,  
Para maior desar da gente barbara,  
Às mãos nefandas de traidores hospedes,  
Contra o heroe não lance's injusto anathema !  
Si elle o caminho abriu dos vossos lares,  
No sangue e na rapina não manchou-se.  
Podieis, como irmãos viver com os vandalos,  
E prosperarem todos juntamente. . .  
Malditos, porque em nome da verdade,  
Com palavras ungidas sobre os labios,  
Mentindo á consciencia em seu proveito,  
Té a vossa existencia aniquilarão !  
Mas das nações em meio a observal-o  
De tal fortuna á vista deslumbradas,  
O augusto, o magnanimo monarcha  
Que fez para manter do throno os brilhos,  
Quando beijando-a, o seu recente subdito  
A carta da conquista lhe entregava ?  
Comquanto omnipotente, um reino apenas  
No limite encerrava os seus dominios,

E um reino, c'um só sceptro, e um só diadema  
O que valêra todo a par de um mundo,  
Em que tantos imperios caberião ? !  
Comsigo mesmo projectando modos,  
No empenho urgente, e embaraçoso, entanto,  
Salvou-o da derrota o seu criterio !  
De vice-rei o titulo invejado,  
Esses festins reaes, ó rei dos nautas,  
O alvoroço de um povo todo inteiro,  
Que desmentido embora, te applaudia;  
E as inauditas honras recebidas  
Na côrte, que exultava a teu aspecto,  
Davão-te por emquanto um digno premio.  
Depois a intriga veio, e quando certos  
Da propria nullidade, os parasitas  
Na escuridão ainda meditavão  
D'ouro, mando, e prazeres saciar-se,  
Lançou-te Bovadilla ingratos ferros  
Por galardão final dos teus serviços ! ! . . .  
Assim bebe e philosopho a cicuta !  
Assim a cruz a Christo foi imposta !  
Assim os Gracchos morrem generosos ?  
A quem, no mundo ao bem se sacrifica,  
É esta a palma reservada sempre ! . . .  
Phantasma atterrador do aventureiro,  
Que no embuste confia tão som nte,  
E treme á sombra apenas do mysterio,  
Renega-a, si a pre sente indigno della;  
Mas não lhe foge coração magnanimo.  
Como aquelles luzeiros inexhaustos,



Tu esperaste os teus grilhões sem medo;  
Com semblante sereno os recebeste;  
Sem pressa inda o deixaste por momentos,  
E, quando moribundo repartias,  
Mendigo na opulencia illimitada,  
E quasi um rei, sem throno, e sem vassallos,  
Pelos que amavas teu thesouro opimo;  
Ja da vida nos ulimos momentos  
No sancto livro as verbas escrevendo,  
Como se diz que em devoção fizeras,  
—Nunca jamais o esqueça a humanidade—  
Essa unica riqueza a ti ligada,  
Como um trophéu, pedias que encerrassem  
No jazigo que aberto te esperava!...

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO





## YUCAMA E RIFÁ.

---

Ainsi l'a voulu le Grand Esprit: le  
bonheur est de tous les peuples et de  
tous les climats.

*Choteaubriand.*

Já vae começar o dia,  
Acorda, minha Rifá:  
Si é doce o somno, mais doce  
São nossos colloquios lá:  
As horas aproveitemos,  
Que a liberdade nos dá.

É longe o retiro ameno,  
Que preparei para nós;  
Mil voltas faz-lhe o caminho

Por entre duros cipós;  
E sahir bem cedo importa,  
A ti porque vamos sós.

Bemdito seja o domingo,  
Rifá, não pensas assim ?  
Bemdigo-o, porque é tão sancto,  
Que me põe senhor de mim,  
Ah! quem nos dêra, que o tempo  
Fosse um domingo sem fim !

Anda, acorda, doce amiga,  
Minha terna companheira,  
Vamos gosar um momento  
De vida á nossa maneira,  
Á sombra do dendê patrio,  
Da africana bananeira.

Já no bosque o passarinho.  
Sólta o seu canto innocente:  
Vamos, não sentes desejos  
De partir incontinente,  
Das frescas auras gosando,  
Que cicião brandamente ?

O prazer sempre me tarda,  
Com que naquelle lugar  
Chegamos, como do exilio  
Á porta franca do lar;  
Antes fosse a nossa terra,  
Que entanto faz recordar !

Oasis florido e grato  
No nosso immenso deserto,  
Porto seguro dos ventos  
A triste naufragio aberto,  
Tem palmeiras como as nossas,  
É do mesmo céu coberto!

Ali respirando livre.  
Gira-me o sangue melhor,  
Renascem-me as alegrias  
Dos annos volvo-me á flôr;  
Sinto mais fogo em meu peito,  
Mais frescura em teu amor.

Assim dissera Yucama  
Na palhoça em que morava  
À amada sua que a custo  
Do somno se desquitava,  
E na larga estiva apenas  
Mollemente se assentava.

Depois escutou attento,  
Algum rumor esperando,  
Mas nada ouviu que o silencio  
Ia sempre dominando,  
Sem que de leve o quebrasse  
Inda o susurro mais brando.

Chegou-se então á lareira,  
E a extincta chama ateou,

Que o limitado recinto  
Todo de luz inundou;  
Viu a teimosa dormente,  
Sorriu-se, e logo tornou:

Pomba, não queres ir hoje ? !  
Si tal tè apraz não irei:  
Ter gosto que teu não seja,  
Conheces bem que não sei . . .  
Vamos, Rifá respondeu-lhe,  
Estou prestes, acordei.

D'ahi a poucos instantes  
Uma portinha se abriu;  
E do puequeno tugurio  
Um par esbelto sahiu.  
Ficava-lhe a matta em frente,  
Na matta o par se sumiu !

Foi a visão passageira,  
Apenas a distingui;  
Mas seu porte e côr escura  
Naquelle relance vi:  
E n'um mar de conjecturas,  
Tristes, vagas me perdi ! . . .

A tenção era ajustada,  
Pois que não a discutirão,  
Mas onde irão com taes pressas,  
Que tão cedo se partirão ? !



Aonde, si ha só desertos  
No rumo que preferirão ?!

Aos pobres negros não vamos  
Desviar do seu caminho;  
Seguindo-os, seja em distancia;  
Que suspeitando um visinho,  
Talvez o exemplo tomem  
D'ave que occulta o seu ninho.

.....

Ei-los a encosta sobindo  
Daquelle escalvado outeiro,  
Tão agil caminha a moça,  
Como o lesto companheiro,  
Vão em fallas entretidos;  
Mas não perdem seu roteiro !

Com meigo e doce desvelo  
Está Yucama dizendo,  
Seguramente a perguntas  
Do seu amor respondendo,  
Que vae naquelles desvios  
Dos máus animaes temendo:

Porque te assustas, querida ?!  
Não te fias mais de mim ?!  
Acaso no teu conceito  
Tenho já descido assim ?!

Não sou porventura o mesmo,  
Que quando da Africa vim?!

Tem só cuidado nas cobras,  
Mas, Rifá, na onça não;  
Que mais forte é a pantêra,  
Mais atrevido o leão,  
E affrontei-os muitas vezes  
Com um simples xuço na mão.

Eu duvidar de teus brios,  
Do teu valor e nobreza!  
Desconfiar do teu braço,  
De que conheço a destreza!...  
Não; o susto é todo instincto  
Na mulher por natureza:

Já não temo, tornou ella,  
Mas o teu goso latiu,  
E deves acautêllar-te,  
Porque elle nunca mentiu,  
Nem nesse instante mentia,  
Que uma pintada rugiu!

Ao som do estridor horrendo  
A terra tremeu medrosa,  
Do echo espantado ao grito,  
Reboando a matta umbrosa,  
Com os olhos em chama a onça  
Rompera da toca, irosa.

Nessa sede de exterminio,  
Que não se extingue jamais,  
Em braza tinha as entranhas  
Por evidentes signaes!  
Com as fauces escancaradas,  
Qual do inferno os penetraes.

Sobre o cão, como uma bala,  
O enorme animal saltou!  
Mas destro na lucta aquelle  
Para o dono recuou!  
E ao pé de Yucama a fêra  
E na feia sanha estacou!!

A um tal encontro assistindo,  
Quem não vira refluir,  
Ao coração palpitante  
Seu sangue todo a fugir,  
Dos dous pesando o perigo,  
Mas por um só a sentir?!

Um duello ia travar-se,  
Fosse a quem fosse fatal;  
E ambos os contendores  
Dispunhão d'animo igual:  
Frente á frente um só projecto  
Meditava cada qual.

Colheu Yucama ao acaso  
Grosso, nodoso bastão;

Que de escudo lhe servia,  
Tendo por arma um facão:  
E da onça attento aos actos,  
Estudava-lhe a intenção.

Era a morte immunda e feia,  
Quando o golpe quer vibrar  
Calculando o seu ataque,  
Porque o não veja falhar!  
Não lhe igualara a giboia,  
Que a presa se vae lançar.

Como uma ameaça viva,  
Medonho o monstro assentado,  
Desceira da testa o couro  
Sobre os olhos enrugado;  
E á rosnar lambia as garras  
Com deleite antecipado!

Depois se foi agachando,  
Com a terra o ventre coseu;  
Balançou-se sobre as patas,  
A cauda aos lados bateu...  
E desparou e sobre elle  
De toda a altura cresceu!

Quando viu-lhe os movimentos  
Yucama o bastão armou,  
O pé firmando no peito,



Com a ponta o choque esperou.  
A fêra cabiu-lhe em cima,  
Dentes, unhas lhe cravou!

Então mais veloz que o raio  
Um ferro o homem brandiu,  
Que por tres vezes no flanco  
Do animal o sumiu!  
Com o sangue em rios correndo,  
A vida se lhe esvahiou!

Cahindo o monstro, Rifá  
Veio logo impaciente;  
Viu-o inerte, e são o esposo;  
E exclamou toda contente  
Já sobre o peito querido:  
—Yucama, como és valente!!

D'aquella pelle tão linda,  
Que a ninguem hei de ceder,  
Só lhe dice este sorrindo:  
Quero-te um mimo fazer:  
Causarás mortaes invejas  
Nella sentada á coser.

Da batalha sobre o campo  
Lançou inda o vencedor  
Longa vista satisfeito  
Do seu provado valor:

Depois seguiu para diante  
Tomado de novo ardor.

E nada mais o deteve,  
Nem a ligeira Rifã,  
Que não menos deligente,  
Ao lado sempre lhe está,  
Mingua a distancia entretanto,  
E a seu éden chegaram já.

Eil-o naquella esplanada  
Todo risonho, eil-o ahi,  
Tão singello, e tão poetico,  
Outro sitio nunca vi;  
O reino é das bananeiras,  
E do elegante poti.

À porta de tosca choça  
Lá parão nossos romeiros  
De um lado e d'outro assombrada .  
Por dous pés de dendezeiros !  
Pintar quem pode a alegria  
De seus rostos prazenteiros?!

Eia, á lida, minha amada,  
Clamou Yucama expansivo  
O banquete renovemos  
De cada dia festivo;  
E seja tal que recorde  
O nosso paiz ao vivo.

Da patria o amor sublime,  
Que tão longe se mantem,  
Que a saudade, activa sempre,  
Com tanta força entremem,  
Proveio de Deus por certo,  
Que as raças todas o teem.

De um sentimento uniforme  
Movidos com grande afan,  
Trabalharão sem socego,  
Tê muito além da manhan;  
Emquanto a festa dispunhão,  
Cantava a filha de Cam.

—A andorinha, que nos ares  
Anda sempre a esvoaçar,  
Morreria de repente  
Si a quizessem captivar;  
O pobre negro captivo  
Porque não morre Zanhar<sup>1</sup>?!?

Sem o nosso céu tão bello,  
Sem o bem da liberdade,  
Qual noite escura a existencia,  
Estranha á felicidade,  
Ai! para que presta a vida,  
Do que nos serve em verdade?!?

---

<sup>1</sup> Deus do bem.

Não é cruel a senhora,  
 Que a minha sorte me deu,  
 Não espanca, nem maltrata  
 A nem um captivo seu;  
 A meus irmãos, quem lhes dêra  
 Captiveiro igual ao meu?!

Mas tão triste arrasta a vida  
 O negro na escravidão,  
 Tanto pranto lhe amargura,  
 Lhe suffoca o coração,  
 Que me alenta a esperança  
 De mudar de condição!

Figueiras da minha terra,  
 Meus areaes adorados,  
 Meus preciosos girofles,  
 Meus desertos afamados,  
 Guardai-nos vossa abundancia,  
 Vossos ares perfumados.

.....

A mesa já estava posta  
 Pobre, frugal, e singella,  
 Rude, selvagem, grosseira,  
 Mas nada obstante bella:  
 Uma oblação era á patria;  
 Pairava o sublime nella!

De branca e fina toalha



Prestava a relva o serviço,  
De pratos servião folhas,  
Era a doceira um ouriço,  
E mais solemne o banquete  
Tornava-se inda por isso.

O inhame, a batata, o sorgo,  
O mel, o figo, a banana,  
Com doce attracção convidão  
Áquella festa africana:  
Pesai-lhe o sancto motivo,  
Nem uma outra se lhe irmana!

Eis sentados os convivas;  
Principia a refeição:  
Escravos não são agora,  
Livres e n'Africa estão;  
E infelizes são felizes,  
Que taes os faz a illusão!

Depois naquelles colloquios,  
Que só conhece o proscrito,  
Quando impõem silencio ás dores  
Do seu coração afflicto  
Para viver-se na patria,  
Transpondo o espaço infinito,

O caximbo em fim fumega  
De diamba carregado,  
E então ao zenith sobem

Do prazer afortunado,  
Tal é o encanto, a virtude  
Do fumo seu tão amado!

Engano suave d'alma,  
Sonho dourado do céu,  
Porque ha de extinguir-te um sopro  
Dessa hora que bateu,  
Porque vão fanar-se as flores  
Que o desgraçado colheu?!

O sol descia ligeiro  
Na sua marcha fatal,  
Em luz banhava-se o monte;  
Mas era já sombra o val.  
Para os dous tinha chegado  
Da retirada o signal!

Mal o sentira Yucama  
No rosto de côr mudou,  
De negro tinto, brunido  
A um fulo terreo passou;  
Pendeu-lhe a erguida cabeça  
E uma lagrima chorou!

Que fundas penas irião  
Por aquelle pensamento!  
Que de dôres acordadas  
Naquelle cruel momento!  
Quando se ergueu era bardo,  
Era todo um sentimento!

E então, como o caledoneo,  
 De inspiração possuido  
 Pedia a Malvina a lyra  
 Do seu tempo tão querido,  
 A Rifá, que meiga a olhava,  
 Dice o negro commovido:

A lyra da minha terra!  
 Dá-m'a que quero cantar!  
 Oh! dá-me a minha marimba,  
 Que tanto me faz lembrar!  
 Um rio tenho no peito  
 De magoas a derramar!...

E cantou:—Zanhar, teus filhos,  
 Do teu paiz arrancados,  
 Não vivem, definhão, morrem  
 De todo o bem desherdados.  
 Teus filhos, porque abandonas?!  
 Que te fizerão, coitados?!...

Tu da ventura dos homens  
 És a fonte inexaurível;  
 Tens, quando queres um braço,  
 Qual nem um outro terrível;  
 Como nos deixas entanto  
 Nesta miseria insoffrível?!

Das outras raças os deuses,  
 Que tu mais fortes não são;

Mas e'les marchão felizes,  
E teu povo porque não ? !  
Ah ! nosso destino arranca  
De Niang <sup>1</sup> á deusa mãe !

Minha terra, ai ! minha terra  
Dá-me que possa inda ver,  
Respirar nos seus desertos !  
Seus doces fructos colher ;  
E como o elefante, livre  
Nas selvas suas correr ! . . .

Aqui a voz abafou-se  
Do pobre do trovador ;  
Da mão cahiu-lhe a marimba ;  
Lembrara-lhe seu senhor !  
Dos sonhos só lhe restava,  
Rifá sublime de amor ! . . .

---

<sup>1</sup> Deus do mal.





SINGELA E FRANCA,

---

Oh! reviens, montre toi quelque soir a mes yeux !

*Xavier Marmier.*

D'amor á luz que illumina,  
Fez-se um gosto o meu sentir;  
O coração me palpita;  
Sou toda fé no porvir !

Mas como vens longe ainda,  
Fagueira esperança minha,  
Remate de um sonho d'ouro,  
Que tão lento se avisinha !

Doce encanto de minha alma,  
Gentil formoso amador,  
Ah! não tardes em tornar-te  
Meu esposo e meu senhor !

Se os momentos valem dias,  
Os dias parecem annos.  
Quando os affectos dominão  
Nos sentimentos humanos.

As saudades não te pungem?  
Não doe-te a ausencia tambem?!  
Eia pois, vóa á meus braços,  
Vem! depressa, amado bem!

Como a flor do sol um raio  
Por entre os ramos procura,  
Como a garça esbaforida  
Do lago a meiga frescura,

Na propensão que me leva  
Buscando o destino teu,  
Ouço a voz do Omnipotente,  
Sigo um mandado do céu.

E sou tua, e orgulhosa  
Me ufano da escravidão  
Do pensamento e vontade,  
E d'alma, e do coração.

Si me faltasse a belleza!  
Pensei uma vez por ti;  
Mas o medo esvaeceu-se  
E logo alegre sorri.

Quem porem deu me coragem,

Quando estava á esmorecer ? !  
Quem me deu a confiança,  
Que começava a perder ? !

A infantil franqueza ouvindo,  
Zombarás talvez de mim;  
Que importa entanto a quem ama,  
Que importa, que seja assim ? ! . . .

—Tiritando de receios,  
Consultei, ó lindo amor,  
A ver si te merecia,  
Meu cristal de toucador . . .

Queres saber a resposta ?  
Côro de pejo innocente;  
Bem que entanto me sinta  
Quasi morrer de contente ! . . .

Foi aos olhos que fallou-me  
No seu silencio sublime,  
Verdadeiro, porque imita  
A frase em que Deus se exprime.

Oh ! que celestes thesouros,  
Para encher-te de ventura  
Sobre quanto amor inspira  
De inexgotavel ternura !

Tenho formosa cabeça,

Que basta coma povôa  
De anneis brilhantes e mais rica  
Que de rainha uma cr'ôa.

Fronte lisa, e encantadora  
De lindos sonhos edên,  
Onde o zelo só por vezes  
Furtivo hospedar-se vem.

Negros olhos feiticeiros,  
Em cada face uma rosa,  
Lábios frescos nacarados  
Risonha boca amorosa.

Minha garganta é de um cisne,  
O peito é de uma trocal;  
Minha cinta delicada  
Não receia uma rival.

Sou, como a palmeira airosa  
Que leve o vento balouça,  
Brincando louco no espaço  
Com a formosa verde trança.

Não tem mais garbo uma pomba,  
Mais frescura o alecrim,  
Nem mais alegria o cravo,  
Nem mais candura o jasmim,



## AO MEU ITAPECURÚ.

---

Fôras embora pequenino arroio,  
Mais que modesto, vergonhoso e humilde,  
Em tristonho silencio atravessando  
Inhospitos sertões deshabitados,  
Por entre as cepas de aningaes silvestres,  
Sem bellezas, sem glorias, indigente,  
Que inda tremêrão de meu peito as fibras,  
De suave alegria\* estremecidas,  
Ao deslisar sem echo de tuas aguas !  
Da simpathica fita cristalina,  
Longa a perder de vista colleando,  
Ao doce, ao grato aspecto inda exultára !  
Inda assentado n'algum velho tronco,  
Que a compaixão curvasse á margem tua,  
Pedindo inspirações á brisa, á aurora,  
Á flor, á borboleta, á tarde amena,

Ao passarinho, que a adejar passasse,  
À lua que se ostenta tão formosa  
Em teu polido, sintilante espelho,  
Na lyra d'alma te tecera carmens,  
Rio da minha terra muito amado!  
E como no declive uma torrente,  
Arrebatada, e em borbotões ferventes,  
Corre do monte a se espalhar n'um prado,  
Os sentimentos me acudirão promptos  
Do coração aos labios, sonoros,  
Da ardente idéa á mão apaixonada,  
Da mão ao lado e mystico instrumento! . . .  
Mas tu não es incognito regato,  
Nem a pobreza, não, te curva o collo;  
E nem te escondes de vergonha oppresso  
Pelas raizes de enfezado matto  
Sem murmurios n'um furtivo curso.  
Urna insondavel de extensão sem termo,  
Em fundo valle nebuloso e escuro,  
Guarda o mysterio de teu berço augusto,  
Que a téla vegetal de folha e flores  
Varias nas formas e precioso esmalte,  
Aromas recendendo, eterna esconde,  
E horrendos monstros noite e dia vellão  
Desde os primeiros seculos do mundo! . . .  
Ali a devassar ninguem se arroja  
Teus cabedaes immensos nunca vistos,  
Mas que lá estão em bem seguro cofre!  
Porque, munificente, apenas surges,  
Na expansiva vontade generoso,

Guiado por teu proprio movimento,  
Das ondas que derramas por cem legoas  
Em profusa abundancia dispensadas,  
Galhardo e magestoso como um principe.  
Levas o teu presente ao vasto oceano!  
E de passagem, grandioso e nobre  
Alem do que exprimir as vozes podem,  
Com o que deixas cahir da rica taça  
Dotas tal região que dera um imperio!...  
Si no designio do senhor dos mundos  
Entrara em plano um pensamento dar-te  
Onde a cobiça se aninhar viesse,  
Com elementos que possues, tamanhos,  
Que mão podera limitar-te o leito?!...  
Maior não é o despota assentado  
No seu mesquinho throno mal seguro,  
Que alheio territorio invade altivo!...  
E comtudo a ambição te não desvaira,  
E não abusas da opulencia enorme,  
Conquistando insoffrido a terra e os mares,  
Quando como os sultões do antigo Oriente,  
Em prazos pelo Eterno assignalados,  
Cobras dos teus rajás o feudo opimo!...  
E então, e sempre; porque es sempre nobre,  
Em vez de o receber de sobresenho,  
Arrogante nos modos, e intratavel,  
Como um vilão ruim, si o viajante  
Bate com mão cançada a teus dominios,  
Tu abrigó lhe dás, franco e risonho,  
Vês-lo seguir contente em seu barquinho,





E pela madrugada, muitas vezes,  
La quando é mais suave a melodia  
Da singela harmonia commovido,  
Te deixas retardar para escutal-o  
Na doce cantilena com que espanta,  
Ao som dos remos, seu pesado somno.  
E por isso elle alegre te sauda;  
E mais tambem de enthusiasmo ardente,  
De amor e gratidão cheios a um tempo,  
Em renhuda contenda disputando  
Prestar-te respeitosa vassalagem,  
Na tua marcha triumphal, diviso,  
Formadas em cortejo á margem tua  
Os dous maiores reinos do universo!!...  
Tão vastos que se perdem no horisonte,  
A que te fazem alas verdes campos  
De fresca relva perennal vestidos.  
O soberbo cavallo, o touro forte,  
O lig-iro viado, a ema garbosa,  
E a siriema, que cantando acorda  
Os echos no infinito, a larga os enchem!...  
Alem das nuvens levantando a coma,  
Veneravel no aspecto centenario,  
Ali a densa matta te ladeia  
De lindas aves de mimosas côres  
De trepadores animaes toucada!...  
E inda o pau-darco lisongeiro, a espaços,  
Te semeia de flores o caminho!  
E a palmeira gentil que se requebra,  
Aos beijos do tufão furtando a face,



E a verde trança, balouçando airosa,  
Ao ar sacode, e pelo collo espalha,  
Como a hespanhola provocando amores  
A disfarçar garrida te enamora!...  
Em tanta pompa, meu formoso rio,  
São-te os meus versos o menor poema:  
Cantão mil passarinhos teu triumpho  
Em festiva alegria estremecidos.  
Na doce fruta sem rival que eu saiba  
O sabiã seus hymnos te modula;  
E o zombeteiro viajante alado,  
Nauta pretenso, por baixel, descendo,  
No raminho que boia na corrente,  
Sem destino, ou talvez por ir contigo,  
Em tom familiar, ledó, amigavel,  
Bem que indiscreto, inoffensivo, e agudo,  
Ao ver que quasi paras de vencida,  
Bem te vi!... clama em grito, e avante segue  
Todo se espanejando alegremente.  
É assim que atravessas invejado,  
Em luz banhada a cristalina face  
Toda a vasta extensão da immensa plaga.  
Mas quando passas pela patria amada  
Do sublime cantor de eternos cantos,  
O filho predilecto recordando,  
Quem não chorara o teu fatal desastre?!  
De paternal saudade lacerado,  
Vertes secreto pranto doloroso,  
E os soluços te affogão comprimidos.  
A lei porem eterna não se illude

Da propensão fatidica dos seres...  
Chama-te ao longe seductor affecto,  
E tu lá vaes, vencida a dor pungente,  
Lá vaes, qual por encanto arrebatado,  
Transpor o negro muro de granito,  
Que cerca áquem do mar os teus amores!...  
Quizera na excursão acompanhar-te,  
Todas as vezes que passar te vejo;  
Passo a passo seguir-te a teu destino;  
Sorprender-te os segredos amorosos:  
Ver-te sempre tocar no harem cançado;  
E ali no meio das amadas ilhas,  
Como um pachá entre odaliscas lindas,  
Enlaçal-a nos braços voluptuosos,  
Repousar a cabeça no oceano,  
E por mais de cem legoas estendido,  
Adormecer sorrindo em seu regaço  
Depois de contemplar, livre de zelos,  
O vermelho guará, e colhereira,  
A garça que tão candida se veste,  
E a sericora que seu nome canta,  
Contente a brincar no seio dellas;

—A virgem singela e pura,  
Que domina a minha mente  
É mais que uma flor mimosa,  
É como um anjo innocente.

Nos seus olhos luminosos  
No seu rosto deslumbrante

Quanto se passa em seu peito  
Transparece a cada instante.

De uma candura infinita  
Mal sabe corar de pejo;  
Não esconde um só sorriso,  
Nunca disfarça um desejo.

É assim; e alegre as vezes,  
Como a rosa em pleno Abril,  
Ou como trémula estrella  
N'um formoso céu de anil;

As vezes é como a rola,  
Quando solta maviosa,  
Algum gemido pungente,  
Do lindo amante saudosa.

E eu amo vel-a sorrir-se  
No seu folgado innocente,  
Radiosa e confiada  
Nas alegrias que sente;

Como tambem pensativa,  
E a sondar talvez sua alma,  
Com a bella face sem nuvens,  
Formosa serena e calma.

Mas é no terno suspiro,  
Que revela, como a medo

O amor ardente, ineffavel,  
De que me faz um segredo.

Prefiro-a pois suspirando,  
Digão-me embora cruel,  
Porque então não bebo ao menos  
Dos zelos o negro fel.

O sorriso e olhar illudem;  
Porem o suspiro não:  
O olhar dos olhos procede:  
Dos labios vem o sorriso:  
Só suspira o coração!...





## PASSAGEM DA MAGDALENA.

(Uma lembrança.)

---

Formoso, encantado sitio,  
Que de modesto te escondes  
Mas que tão bem correspondes  
Aos votos do coração!  
Oh! não podêra esquecer-me  
Desse instante de magia  
Da mais sublime poesia  
De que te deve a razão...

Não por certo que indelevel  
Ficou uma ideia suprema,  
Quer do divino poema,  
Quer do poema de amor;

Este donoso correndo  
Segundo as leis do finito,  
E em teu rosto aquelle escripto  
Pela mão do Creador.

De taes scenas testemunha,  
Bem que estranho ao sentimento,  
Dos annos no movimento,  
Quantos terás visto assim !  
Quantos ardentes colloquios !  
Que suspiros soluçados !  
Quantos beijos perfumados  
Não terás ouvido emfim ! . . .

Quizera saber a historia  
De teus segredos mimosos,  
Tal como dos tenebrosos,  
Para inspirado cantar;  
A ouvir me pulsar a lyra  
Os corações folgarião,  
Bem que os olhos poderião  
Tambem ás vezes chorar !

Julgo só por um dos outros  
Tão fielmente guardados,  
Nos tempos, que vão passados,  
Des que se sabe de ti:  
E esse é cheio de encantos:  
Nelle figura a virtude  
Na viçosa plenitude  
Da formosura que eu vi.

Quanta ternura nascente !  
Que esperanças lisongeiras,  
Doces, risonhas, fagueiras  
Naquelles peitos gentis !  
Bello apanagio da idade,  
De qu'inda guardo a lembrança,  
Transbordando em confiança  
Nos seus annos juvenis ! . . .

Era uma noite sem nuvens,  
Dessas que correm serenas,  
Uma noite, como apenas  
Nossas terras dão a ver;  
Doce impulso me levava  
À tua ponte attractiva,  
E eu tinha a mente captiva  
Sem destino a discorrer.

Ia tão mimoso da sorte  
Por milhares de accidentes,  
Cercavão-te auras olentes,  
Banhava-te almo luar !  
Com que prazer me recordo  
De ver-te a onda amorosa,  
Deslisando vagarosa;  
Pelo regato a brilhar !

A longa fita de prata,  
Em que as mais lindas estrellas  
Vinhão mirar-se tão bellas,

Como não fulgem no céu,  
De um lado e d'outro estendida  
Por entre chac'ras e flores,  
Ia esconder seus primores  
Das baixas brumas no véu.

Quanto dizia o silencio,  
Que só as brisas quebravão  
Com os hymnos que murmuravão  
Nos arredores então !  
Que immenso era o teu prestigio  
Desses donaires em meio,  
Vertendo d'alma no seio  
Torrentes de inspiração !

Quando pois te olhei trilhada  
No teu ledo monumento  
De grupos em movimento,  
Que não cuidavão de ti,  
O seu susurro indiscreto  
Por crime tive execravel,  
Que inda entendo condemnavel,  
Julgando embora daqui,

Entanto ao longe soava,  
Cantando uma voz sonora,  
Que ali surgira ness'hora,  
Como um echo divinal:  
Ternura toda na lettra,  
Pela paixão inspirada



Jamais em canto ouvi nada,  
Que lhe possa ser igual!

Notas tinha semelhantes  
Da rola ao triste queixume,  
Quando da prole inda implume  
A ausencia carpindo está:  
Depois a flauta imitava,  
E tons vibrava animados,  
Tão de alegria passados,  
Como só quem ama os dá.

Que o cantor vinha avançando  
Pelo rio lentamente  
O som mostrava ascendente  
Da toada que seduz;  
E cada vez mais ao claro,  
E á cada instante mais forte,  
Percorrendo o mesmo norte,  
Fez-se ouvir em toda a luz.

Ah ! eil-o emfim que desponta  
No seu barquinho ligeiro !  
Á folga tral-o um remeiro  
Sem quasi o remo tanger !  
Triste amante, inconsolavel,  
Porque lhe punge a saudade,  
Fugindo da soledade,  
Só procurava gemer !

«Iris cheio de promessas,  
Que tão doce me luziste,  
Mas que logo te esvaiste  
Das nuvens na multidão,  
Onde outra vez encontrar-te  
O que te busca constante?  
Onde?! dizia anhelante  
Na maviosa canção...

«Aonde, luz de minh'alma,  
Gota de orvalho celeste,  
Onde?! si não me diceste,  
Que te podia seguir?!...  
E, ai! como cruel me foste!  
Como soffri duramente!  
Qual tornaste o meu presente!  
Que negro tenho o porvir!

«Não desespera entretanto,  
Quem sustenta um grato empenho:  
E é por isso que aqui venho  
Á terra pedir-te, e aos céus!  
Ah! talvez que em fim doidos  
De ouvir o meu triste canto,  
Na face enchuguem-me o pranto  
A um raio dos olhos teus!...

Des que a musica em distancia  
Começava a distinguir-se,

De uma donzella a sorrir-se  
O rosto se illuminou !  
Ser-lhe-ia noto um segredo ? !  
Quem era ? ! porque sorria ? !  
Porque tão prompta alegria  
No seu semblante assomou ? !

Agora arfava-lhe o peito,  
Logo tremia e corava,  
E mais attenta escutava,  
Mal que o barquinho surgiu !  
Depois, no seio colhida  
Sem dar-se a ver, uma rosa,  
Da bella mão cautelosa,  
Em tempo certo caiu ! . . .

Chegava o joven suspenso  
Daquella visão querida,  
Quando a viu tão commovida  
A linda flor apanhar:  
Então à ponte attingia;  
E a rosa della enviada  
Veio toda perfumada  
No coração lhe pousar ! . . .

Enquanto passava o barco  
Na flor estalára um beijo,  
Aurea cr'oa de um desejo  
Concebido ainda aquem ! . . .  
E depois n'uma das margens

Por tenue vapor coberto  
Nos seus páramos azues:  
Porem logo, desvendado,  
Surge sempre mais formoso  
No caminho luminoso,  
Que em seu destino o conduz.

Quando se occulta no calix  
Da rosa um verme voraz,  
A flor, perdidas as cores,  
Do galho propende e jaz:  
Ao sol não dá mais um riso;  
Não gosa o humor vespertino;  
Não se alegra ao matutino;  
Nem mesmo a brisa lhe apraz.

Se tens saudades, são brandas;  
Das que mal sabem pungir;  
Si amor aninhas no peito,  
Não ha de que te carpir:  
A graças tão primorosas,  
Quaes te adejão no semblante,  
Quaes no teu todo elegante,  
Ninguem pode resistir.

Que importa, que d'outros lares,  
Estranha sejas por cá,  
Quando o bello não se estima  
Menos aqui, do que lá?!  
Quando o teu sertão querido



Foi dotado largamente  
Pela mão munificente  
Daquelle que tudo dá?!

Como a cada zona um clima,  
E a cada paiz um céu,  
E a cada ponto da esphera  
Uma estrella pertenceu  
Assim tambem se repartem,  
D'entre os dons da natureza,  
A soberana belleza,  
Que a mulher ennobreceu.

Si ha louros anjos nos gelos,  
Mimosos a não mais ser.  
Si a andalusa encantadora  
Faz o socego perder,  
Das nossas plagas as filhas,  
Quer nos centros populosos,  
Quer nos seus ermos zelosos,  
Não são menos para ver!

Pomba, longe dos teus campos,  
Ausente do teu pombal,  
Sim: a tua formosura,  
Peregrina, inda mais val.  
Oh! não temas que outras virgens,  
Si trazes rendido um peito,  
Lhe possão roubar o preito,  
Não te vejo uma rival!

## CHACARA.

Dom Alouço. <sup>1</sup>

---

Si a vista me não engana,  
Si me não mente o desejo,  
É um navio da patria  
O que ao longe no mar vejo!

Véde-o bem, olhai, queridas,  
Ajudai-me a conhecê-lo;  
Entre os de terras estranhas  
Nunca vi nem um tão bello!

---

<sup>1</sup> O assumpto destes versos é uma cantiga que ouvi a uma das nossas mulheres do povo, e algumas de suas quadras vão copiadas quasi textualmente.

Traz bandeira nos dous mastros  
Na poupa a c'roa real:  
Das Indias vem certamente,  
Demandando Portugal!

Mancs, que gesto elegante!  
Como airoso corta as ondas!  
Como traz as brancas velas  
Com o rijo vento redondas!

Já lhe distingo no leme  
Com ares de capitão  
Um varão de nobre vulto  
Com um telescópio na mão...

Ai! fementida esperança!  
Ai! triste e louca saudade!  
Que illusões doces perdidas!...  
A ser funesta a verdade!

Dom Alouço, dom Alouço,  
Minha vida, e meu amor,  
Famoso, ingente guerreiro,  
Incançavel lidador!

Honra e gloria te sobravão,  
Porque quizeste partir?!  
Como aos affagos da esposa  
Pudeste, ingrato, fugir?!

Isto dizia uma dama

N'um jardim á beira mar;  
Dona Elvira se chamava,  
E era gentil sem par.

Quatro mimosas donzellas  
Estavão-lhe em companhia;  
Cada qual em formosura  
Só a ella lhe cedia.

Erão, duas louras, meigas,  
Duas morenas, e vivas,  
Todas sonhavam-lhe os gostos  
No lindo modo expansivas.

Para as ondas inclinada  
Inquieto o peito lhe arfava,  
Porque, ardente em seu desejo,  
Da distancia triumphava.

O cisne entretanto em frente  
Do grupo as azas colhia  
No leve porte, soberbo  
De graça e de gallhardia.

Quem caminha assim tão certo  
Por sobre as ondas ? quem é? !  
Quem galga um porto, em si mesmo  
Tão firme e cheio de fé? !

Soltara ferro a corveta,



Já descança sobre a ancora;  
Toda ufana tinha entrado  
Sem o piloto da barra!...

Leve escaler, entrementes,  
De azul e branco pintado  
Vogava cadencioso  
Para a terra orientado.

Os remos correm-lhe a um tempo,  
Balança aos lados faceiro;  
Vem como um ginete docil,  
Ao mando do timoneiro.

Mal ferio ligeiro a praia,  
Delle um mancebo saltou,  
Que agil transpoz o declive,  
E à dama se apresentou.

E, com um sorriso nos labios,  
Sem provar tenção ruim,  
Em tom de galantaria,  
Cortez, lhe fallou assim:

Deus vos salve, nobre Dama,  
Bello sol resplandecente,  
Rainha da formosura,  
Maravilha do occidente!...

Com recato de donzella

Dona Elvira, como ouviu,  
Pagou-lhe o seu cumprimento,  
E taes novas lhe pediu.

—Dizei-me, senr. fidalgo,  
Cavalheiro portuguez,  
Si visitastes Quilôa,  
Si andastes por Gôa, ou Fez?

Já vai para sete annos,  
Que meu senhor se partiu;  
Foi pelejar pela patria,  
Seu destino se cumpriu!...

Si tendes noticia d'elle,  
Compadecei-vos de mim!...  
Dizei-me, que já não posso  
Viver em duvida assim!

—Sei o que ás damas se deve,  
Sobejo me foi ouvir;  
Vossas palavras são ordens  
Vereis como as vou cumprir.

Dai-me signaes com que possa  
Distinguir vosso marido:  
Andei em todas as guerras,  
Deve-me ser conhecido.

—É um galhardo mancebo

De não vulgar estatura;  
Cortez, e affavel, no trato,  
De marcial formosura.

Na paz Orpheu rivalisa,  
Na guerra é mais que um leão:  
Quem o nome acaso ignora  
Do conhecido infanção ?!

—O que me dareis, senhora,  
Si eu vos dicer que o vi?  
O que me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui?

—Dar-vos-hei das irmans minhas  
A mais gentil e formosa,  
Que em candura vence o lirio,  
Que excede em frescura a rosa.

—Não desejo a vossa irman,  
Inda que seja mui bella;  
Vivo sempre navegando,  
Não seria amado della.

O que me dareis, senhora,  
Si eu vos dicer que o vi?  
O que me dareis, senhora,  
Se vol-o trazer aqui?

Dar-vos-hei ouro sem conta,

E mil joias de valor;  
E não me julgando quite,  
Vos darei muito louvor.

—Não cubiço vosso ouro,  
Vossas joias de valor:  
E a quem ha de ir, que não volte,  
De que lhe serve o louvor?

O que me dareis, senhora,  
Si eu vos dicer que o vi?  
O que me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui?

—Dar-vos-hei o meu palacio,  
Mais o meu rico jardim:  
Dar-vos-hei as minhas terras,  
Que teem coutadas sem fim.

—Não quero o vosso palacio,  
Nem o mais posso aceitar,  
Que amo affrontar as borrascas,  
Sulcando as ondas do mar.

O que me dareis, senhora,  
Si eu vos dicer que o vi?  
O que me dareis, senhora,  
Si vol-o trazer aqui?

—Dar-vos-hei honras e postos,



Como muito poucos teem,  
São meus parentes na côrte  
Vallidos, como ninguem.

—Honras e postos desprezo,  
Como sempre despresei;  
No meu soberbo navio,  
Muito mais mando que um rei.

Que mais me dareis, senhora,  
Si eu vos dicer que o vi?  
Que mais me dareis, senhora,  
Si vol-o trouxer aqui?

De tudo quanto offreceis-me,  
Nada, nada, me convem:  
Mas tendes muito que dar-me...  
Vós o sabeis muito bem...

—Nada mais tenho que dar-vos,  
E nem vós que me pedir...

—Dai-me o vosso amor, senhora,  
Que me fez tão longe vir.

—Vinde, accodi, meus creados,  
Agarraí-me este insolente;  
Quero que soffra um castigo,  
Que a seus iguaes escarmente!

—Os vossos servos não temo,

Porque meus vassallos são:  
Reconhecei Dom Alonço,  
Vosso esposo, o infanção !

Como?! tamanha mudança  
No meu rosto se operou?!  
Mas, que me importa a memoria,  
Si amor constante ficou?!

Agora não mais pezares,  
Prazeres meus, renascei;  
Minha Elvira, a flor das bellas,  
Como esperava, encontrei!...

Vinde, voai a meus braços,  
Alma minha, e coração!  
Mulher que vale um thesouro,  
Qual não tem outro barão!

E dona Elvira suspensa  
Do collo do cavalheiro,  
Se assemelha a uma rosa,  
Que pendesse de um salgueiro!...

Abra-se todo o castello,  
Que as festas vão começar:  
Quero as tristezas da ausencia  
Com alegrias pagar!

Assim dizia o guerreiro,



Mas a esposa não largava;  
Que de trazel-a a seu lado.  
De a abraçar se não fartava!...

Oh! que ventura tamanha,  
Que causa inveja ao cantor!  
Que alta prova de constancia!  
Que tão dedicado amor!...



## O AMOR.

---

Ha no peio um doce affecto,  
Que nasce espontaneamente,  
Como a flor que em praso dado  
Brotta a roseira virente.

Mas só não, oh ! não que inutil  
Ficára na solidão,  
Qual, si encerrado jazesse  
Acaso em triste prisão.

Vem com elle simultanea  
A mais fagueira esperanza,  
E um vago ardente desejo,  
Que todo na fé descança.

E é n'um profundo mysterio,



Que entra em chamma tanta luz,  
Esclarecendo os caminhos,  
Que á ventura nos conduz.

Donde procede? quem sabe?!  
Talvez do seio de Deus;  
Que a existencia se transforme,  
Sob a acção dos raios seus.

O coração que da infancia  
Penetra na juventude,  
Um dia o sente sorrir-lhe  
Por incognita virtude!...

Então n'um disco brilhante  
Linda visão lhe apparece,  
Que na memoria se imprime,  
Que jamais! jamais se esquece!...

E assim é que se a repellem,  
Renasce a cada momento,  
No repouso! na vigilia!  
Nas lavas do pensamento!...

Infeliz do desherdado,  
Que a não visse dominante.  
Como a estrella que orienta  
No seu rumo o navegante.

Privado a ser desse nectar,

Que amor só nos faz beber,  
Ao mundo vir, que importava?!  
Mais valera não nascer!

Ai! a doçura ineffavel  
Da primeira commoção  
Inda sinto ao recordar-me  
Da divina apparição!

Uma noite, entre os perfumes  
Da brisa que ciciava,  
Ao brando clarão da lua,  
Que pelo espaço vagava,

Das harmonias em meio,  
Que a terra em silencio tem,  
Eu a vi!... com que meiguice  
Á accenar me dice: vem!...

Era a miragem celeste,  
E a contemplal-a fiquei  
N'um indizível encanto,  
Por quanto tempo, nem sei!

Ao depois por muitas vezes  
Me veio as horas dourar,  
E a certeza originou-se,  
De que a devia encontrar.

Oh! se a alguém dizer ouvisse,

Que pensava nella em vão,  
Um riso dera em resposta  
De sincera compaixão.

Amor era ter firmeza,  
Tinha crença e prosegui;  
Guia me foi o destino;  
E eis-me, donzella, eis-me aqui!

O anjo, que nos meus sonhos,  
Abre-me as portas dos céus,  
Tem uns olhos tão amantes,  
Tão formosos, como os teus.

Tem uma boca engraçada  
Como a tua exactamente,  
Onde as palavras são hymnos,  
Que resoão docemente.

De base ao collo de cysne,  
De alvura e lustre sem par,  
Servem-lhe seios inquietos,  
Inda mais vivos que o mar.

Quando sorri-se é a aurora  
Em toda a belleza sua!  
Andando, em serenidade  
Sobresae talvez á lua!

Oh! do teu porte a elegancia

É toda a do seu também;  
Teus encantos seductores  
O meu anjo amado tem !

E, pois que és a inteira imagem  
Daquella revelação,  
Deponho a teus pés minha alma,  
Minha vontade e razão.

Ah! de tudo entra na posse,  
Torna uma só nossa vida:  
Seja a tua que absorva,  
Seja a minha a absorvida.

Quero amar-te loucamente,  
Só por teus labios sorrir;  
Pensar só, como pensares,  
Só por teu peito sentir.





## AMOR E DESENGANO.

---

Quando amantes si um ledo sorriso  
A fortuna nos dá lisongeiro,  
De esperanças a mente vaidosa,  
Vemos nelle um feliz mensageiro.

É um anjo a mulher adorada;  
D'ouro e rosas se adorna o porvir:  
Quem não julga a belleza innocente?!  
Como pode a candura mentir?!

Da existencia o caminho indeciso  
Todo inteiro se cobre de flores,  
E despido o horisonte de nuvens  
Inda ao longe, se acende em fulgores.

Mas ás vezes por peito se encontra  
Fria campá que um morto sepulta,  
Ou redoma sem oleo e perfumes,  
Ou um ermo que em sombra se occulta.

Oh! então a illusão se dissipa,  
E a verdade lhe toma o lugar:  
A illusão é no entanto a ventura,  
E a verdade é um longo penar!...

Uma á uma se extinguem as côres  
Desse iris chamado futuro...  
Não descrevo impressões que não sinto,  
Meu presente e passado conjuro!...

Attraído por louca miragem  
Que adorava qual mimo do céu,  
Sem guardar-me do magico encanto,  
Que do bello se expande no véu;

Liberdade, destinos e gloria  
Por um rosto formoso troquei,  
Por um corpo gentil engraçado,  
Quanto á amor n'um deserto me achei!

E, o Sahara tem oasis virentes,  
Tem a gota de limpidas aguas;  
E no seio da ingrata, insensível,  
Só existe uma fonte de magoas!...



Assim geme de balde minha alma,  
Em vão rala-se o meu coração !  
É de gelo a mulher que estremeço  
Com tão forte, tão viva paixão!...







## A AGRICULTURA.

---

Como sinistras aves fascinadas  
Da luz á vista, que as deslumbra e cega,  
Das que de par em par abrem-se espaços  
Onde a furto habitavão traiçoeiras,  
O erro que mantinha a ignorancia  
Nos falsos foros da verdade angusta,  
Foge medroso a se esconder nas trevas,  
Sem mais tentar ao menos sustentar-se;  
Emquanto de si mesmo radiante,  
E esplendido com os louros conquistados,  
Da justiça o imperio emfim se firma  
Na mente cada dia mais discreta,  
No coração de toda a humanidade,  
Que os caminhos do bem melhor conhece.  
Assim; si os seculos idos se revião  
No soldado feroz pelo denodo,

E aos reis curvos e humildes adoravão;  
Si mais tarde do sabio, si do artista,  
E dos que descobrirão terra e mares,  
Honrou-se o nome, e o prestimo exaltou-se,  
Porque é que o agricultor, com mão pujante,  
Tendo a primeira pedra collocado  
Na social simbolica piramide,  
Que base lhe ha de ser eternamente,  
Por ordem de nem um dos Assuérios,  
Que o destino dos povos tem regido,  
Nunca vestiu de Mardoquim a tunica,  
Nem precedido foi jamais de arauto,  
Que em pregão proclamasse os seus serviços,  
Dignos de gratidão do mundo todo?!  
A tradição, e a historia consultando,  
Como negar-lhe as merecidas honras  
Em vista do passado e do presente?!  
È sempre o mesmo verbo a confirmal-o,  
Que nada, vem negar de quantô existe.  
— Nas sublimes victorias alcançadas  
Contra o mal nessa lucta primitiva  
Em que os homens juntarão seus esforços,  
Com quanto imbelle, manso, e inoffensivo,  
Vasto quinhão tocou-lhe glorioso,  
E não menor lhe cabe por ventura  
Nas que ora interminaveis se pleiteão,  
Do futuro as veredas alargando,  
Facil de conceber mais bello sempre!  
Que triste condição! que soffrimentos!  
Quanto desastre! quanta insana lida

No praso de tão longo apprendizado! . . .  
De Deus o semelhante, o rei pretenso  
De um reino que engeitava o seu dominio,  
Sem repouso por montes, e por valles  
A malograr mentidas esperanças  
Com a flexa e a massa em punho perseguia  
Nas florestas a fêra espantadiça,  
E demandava o fructo incerto e raro,  
Pedindo-lhes da fome o linitivo!  
E vagabunda e errante, era-lhe o tempo  
Escasso ao só mister da pobre mesa! . . .  
Do frio contra o insulto, e contra a calma  
Informe, e em desalinho, irsuta veste  
Dos animaes a pelle nauseabunda  
Cobria-lhe a nudez, que começava  
Levemente a corar-lhe as magras faces!  
Tinha por tecto a abobada celeste,  
Por cobertor as alvacentas brumas;  
E, n'um alarma, intermitente apenas,  
Porque dos seus temia a affronta, e os damnos,  
De leito a dura terra lhe servia,  
Recostando a cabeça n'uma pedra! . . .  
Quando pastor armou-se de um cajado,  
O rebanho, que, presa da pennria,  
Por vezes o livrava, do seu leito,  
Nas horas pequeninas de descanso,  
Da carne crua, e de seu sangue á custa,  
Mal lhe fez aprender dos sóes o trilho.  
Quem palacios lhe deu? quem deu-lhe templo?  
E o navio, que o leva sobre as ondas,





E o carro, que atravessa os continentes?  
Quem a purpura, o ouro, e a fina essencia,  
E a gemma preciosa?! Um dia um homem,  
Qual, ninguem o dirá, pois se não sabe,  
Em um desses instantes inspirados,  
No seu caminho, andando descuidoso,  
Notou cahida acaso uma semente,  
Que ao depois veio nascer, crescer, dar fructos;  
E ei-la achada a chave do thesouro  
Da rica e inexgotavel natureza,  
Que da abundancia abriu a mão bemdita!  
Nem mais preciso foi, que o solo, fertil,  
Docil á lei suprema obedecendo,  
De então por diante, em tempo semeado,  
Fartou de pão as tribus sequiosas,  
A doce paz lhes trouxe inestimavel,  
E a cidade nasceu, em que as industrias,  
Do pensamento livre procedentes,  
A face do universo trasformarão.  
Gloria! gloria ao varão, que consciente,  
O sancto sacerdocio exercitando,  
D'alma e de coração votado ao culto,  
Os dons do Omnipotente multiplica,  
E a alegria derrama em torno á vida!  
A terra é-lhe o altar, o mundo o templo  
Dos astros dia e noite illuminado,  
E victima elle proprio, em sacrificio,  
Aceito sempre, e grato ao Ser Supremo,  
Offrece o seu amor, que os céus fecundão!  
Esses que estatuas têm, ferozes genios,



Fautores da discordia entre os homens,  
De mal cabido orgulho entumecidos  
Que fizerão de igual em seus misteres?!  
Porque a rudes trabalhos se subjeita  
Sem murmurar do peso seu tamanho,  
Aquelle que a existencia dulcifica,  
Predispondo ao progresso a hora e o dia,  
Menos merece o galardão do mundo?!  
Oh! não! mil vezes não! mas eis-lhe a sina!...  
Hosannas pois á Providencia Eterna,  
Sublime nas votadas recompensas,  
Que todo amor por elle, indemnizando-o,  
Expressamente o fez, qual é, magnanimo;  
Que o peito lhe adornou de affectos brandos,  
Que deu-lhe a natureza por amante,  
Do seu desvello desvellada em paga,  
E o poder de crear, nas mãos robustas  
Depoz-lhe, mais que um sceptro reunindo!...  
Vêde-o: si estranho ás ambições em voga,  
O joelho não dobra aos magnates  
Do mando a supplicar-lhe uma parcella,  
A soberba que enruga a lisa fronte,  
E alheia a simpathia melindrosa,  
Não lhe afeia o semblante prasenteiro  
Em desdem das grandezas facticias;  
Nem do sarcasmo o riso erra em seus labios  
Da vaidade ao contacto desprezível;  
Mas frio e indifferente á seus donaires,  
No encontro casual, e inesperado,  
Como si não os visse, avante passa.

Entanto mal que o gallo vigilante  
Annuncia em seu canto a linda aurora,  
Eil-o de vivos sentimentos presa,  
Vassallagens rendendo jubiloso  
Às véras e inconcussas potestades,  
Donde em nome de Deus mira a ventura.  
De emmoção palpitante a longos sorvos  
Inspira logo as auras perfumadas,  
Tão doces, como o halito da virgem  
N'um osculo de amor compartilhado,  
Depois, a luz que aponta inda indecisa  
Em extasis profundo embevecido,  
A meditar contempla longamente;  
E emfim, nos seus fulgores radiante,  
Mais bello pela pompa do contraste  
Com a sombra fugitiva, o sol saúda  
Em nunca descendente enthusiásmo.  
Seu campo então inteiro se espreguiça  
Molemente agitado em verdes ondas  
Da viração aos beijos amorosos.  
E das tranças sacode o arroz, e a canna,  
Em faceiros requebros seductores,  
D'aljofres um chuveiro reluzente,  
Que em presente lhe dera o meigo orvalho  
Não é mais elegante em seus meneios  
A formosa odalisca despertando  
Entre nuvens de myrra e seda e rendas,  
Do somno voluptuoso á voz amada,  
No harem que as proprias fadas invejavão,  
Nem mais ledo cortejo ancioso a espera

Á porta des seus ricos aposentos  
Para dar-lhe os emboras matutinos !  
Por maravilhas taes, por taes primores,  
De desejo invencivel attrahidos,  
O instincto do terror perdendo aos poucos,  
As aves vêm dos bosques adorados  
Pousar-lhe em torno: os passarinhos cantão  
Madrigaes ao sabor do grão mimoso,  
E os animaes, com risco da existencia,  
Do esplendor do banquete enamorados,  
Sem mais quererem ver os seus manjares,  
Pela vagem dourada, ou doce tronco,  
Deixão-se até lançar no captiveiro !  
Foi assim que o cavallo altivo e nobre,  
E o touro vigoroso, e a mansa ovelha,  
Thesouros vivos, de valor sem preço,  
As humanas riquezas augmentarão.  
Correndo a longa vista curiosa  
Pelo quadro imponente, o autor modesto,  
Em face do producto exuberante,  
Enorme effeito de uma cousa minima,  
Duvida ás vezes dos seus proprios olhos,  
E a si mesmo pergunta:—en vello, ou sonho,  
Sob a acção de um prestigio soberano,  
Insensato a julgar-me em omnipótenzia ?  
Serei bem certo o creador fecundo  
Acaso desta immensa utilidade,  
Que me encanta, confunde e espanta a um tempo ?  
D'impossiveis fazer, que dêu-me a posse ? ! . . .  
Logo porem ao pensamento activo,



Que de tudo a razão c6ntinua busca,  
Os preceitos seguidos se apresentam,  
Recorda-se a semente, e quasi nada,  
Que 6 a terra confi6ra, e 6 a crenca volta,  
Ufano, na miss6o que desempenha,  
Do que sabe alcan7ar por seus esfor7os.  
Independente, livre, e satisfeito  
Do bem que fez, com o seu labor constante,  
Porque seja feliz, tanto lhe basta:  
Mas do dever sagrado n6o se isempta,  
Nem quite fica a humana consciencia  
Com o seu credor benevolo, sem duvida,  
Da divindade previdente 6 sombra.  
6 tempo de assignar-lhe em letras d'ouro  
O bra76o de nobreza incontestavel,  
Que em silencio eloquente aguar6da o merito,  
Honrada a profiss6o, qual ser merece,  
Como o rio que engrossa na passagem  
Com o feudo crystalino dos regatos,  
Ver-se-ha crescendo sempre em for7a e numero  
A phalange sem fim dos seus obreiros,  
E os povos, e as na76es, e a humanidade,  
Com o novo impulso dado aos brios della,  
Pela m6o do progresso conduzidas,  
H6o de lucrar, por mil degr6us subindo,  
Na paz, no bem-estar, na luz, e em tudo.





# INDICE.

---

	Pag.
A liberdáde.....	1
Si te amo.....	7
Á Exm. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> D. Efigenia Eliza Boldts.....	11
A rosa e a virgem.....	15
Amor conjugal.....	19
Corema.....	23
O Dante.....	27
A rola.....	33
Uma lagrima de amigo.....	37
Entre saudades.....	41
Á memoria do insigne poeta Antonlo Gonçalves Dias.....	42
A valsa.....	51
A guerra.....	55
O bardo.....	61
A inconstancia.....	65
Alcina.....	71
Ao voluntario da patria capitão E. C. R.....	77
Captiva e mãe.....	83
O nauta.....	90
Os olhos pardos.....	97
O trabalho.....	101
Adeus !.....	109
A rosa desfolhada.....	115
Deus.....	121
O gaucho.....	127
No album do meu excellente amigo Dr. Alexandre Theophilu de Carvalho Leal.....	133

O olhar apaixonado .....	141
Á recente memoria do meu amigo Dr. Raimundo Alexandre Valle de Carvalho.....	147
A borboleta e a flor.....	151
A tristeza.....	157
Á minha querida Branca.....	163
O botão de rosa.....	167
A infancia.....	171
A mocamba.....	177
Á minha querida filha Zanaide de Berredo.....	181
Herminia á Lucila.....	185
Os noivos de alem-tumulo.....	189
Não quero.....	197
Deus e o homem.....	203
Á Exm. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> D. J. T. L. Lisboa.....	207
Colombo.....	213
Yacama e Rifá.....	225
Singela e franca.....	241
Ao meu Itapecurú .....	245
Passagem da Magdalena.....	253
A uma joven sertaneja.....	261
Chacara.....	265
O amor.....	275

---

Publicado longe das vistas do autor, é possível que encontrem-se neste volume alguns erros pelos quaes não pode elle ser responsavel. Alguns ha, defeitos de revisão, que não emendamos em errata, porque, não transtornando o sentido, o leitor facilmente corrige.